



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E
ENSINO**

***DOIS IRMÃOS: VIVÊNCIAS DO ROMANCE EM SALA DE
AULA***

Noara Queiroz de Medeiros

Campina Grande, julho de 2017

Noara Queiroz de Medeiros

***DOIS IRMÃOS: VIVÊNCIAS DO ROMANCE EM SALA DE
AULA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino, na área de concentração de Literatura e Ensino

Orientador: Prof. Dr. José Hélder
Pinheiro Alves

Campina Grande, julho de 2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Orientador

Prof^a. Dr^a Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Examinadora Interna

Prof^a. Dr.^a Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Examinadora externa

Prof^a Dr^a Isis Milreu
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Suplente

**“Cedo ou tarde, o tempo e o acaso acabam por alcançar a todos”
Milton Hatoum**

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor Deus por mais uma conquista. Não há maior recompensa na vida que atingir qualquer meta através de nosso esforço. Me sinto muito feliz e muito realizada. Se eu não sentisse sua presença junto a mim, oh Deus, eu sei que nunca teria alcançado esta grande vitória. Obrigado pela fé, pela força, pelos sinais de superação.

Ao Prof. Dr. Hélder Pinheiro, meu orientador, pela colaboração, enorme paciência e seus conhecimentos repassados durante todo o desenvolvimento do trabalho, além da grande amizade formada. Obrigada também pelas críticas que contribuíram para o meu crescimento como pessoa.

A Prof. Dr^a Maria Marta a qual aprendi a admirar e respeitar, pela paciência, educação e simplicidade com atos e palavras.

Aos alunos do terceiro ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão da Cunha

Aos colegas de mestrado Andressa, Denilma, Edberto Guilherme e Thalita

Aos meus filhos que souberam administrar a minha ausência, para quem eu dedico por completo minha vida.

A toda a minha família, pela acolhida nos dias de tempestade (que foram muitos nos últimos anos), pelo colo de mainha e de papai.

Aos meus filhos Pedro Henrique e John Emerson, aos meus pais Sonia e Osimar, amor da minha vida, dedico a alegria deste momento.

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

(Antônio Candido)

RESUMO

Esta pesquisa discute, a partir da leitura da obra *Dois Irmãos* (2000), do escritor contemporâneo amazonense Milton Hatoum como é possível trabalhar o romance na íntegra considerando a recepção diante dos temas presentes na obra, as dificuldades apresentadas no processo de leitura e a vivência com uma experiência estética em sala de aula. Nosso experimento consta de três capítulos: no primeiro buscamos enfatizar a importância da leitura literária para o desenvolvimento afetivo e efetivo do ser humano, a significância do horizonte de expectativas para se estabelecer uma boa leitura; o segundo capítulo é dedicado ao estudo de alguns temas como o ciúme, a rivalidade, o incesto, a condição sócio-econômica, o exílio e a mulher no romance *Dois Irmãos*; no terceiro e último capítulo apresentamos as vivências do romance em sala de aula. Do ponto de vista metodológico, procedeu-se uma investigação detida sobre leitura literária e concepção da experiência estética tendo como suporte as reflexões de Jouve (2002), Jauss (1978), Zilberman (1998) Compagnon (2001), entre outros. Sobre os aspectos temáticos abordados presentes na obra nos valem das concepções de Bosi (2007), Freud (1989/1996), Hall (2003) além de outros estudiosos. Utilizamos o Diário de leituras sob a perspectiva de Machado (2007) por entendermos que este instrumento tem como função um diálogo entre o leitor e a obra que está sendo lida. A realização de um experimento com jovens de uma escola pública indicou que é possível trabalhar um texto literário na sua totalidade, que os leitores conseguiram vivenciar a produção, a percepção e a comunicação da obra literária, mostrou também a necessidade de um trabalho metodológico diferenciado, que escapa aos modelos consagrados pelos livros didáticos. Permeia todo o trabalho o pressuposto que a leitura de obras com qualidade estética legitimada é relevante ao desenvolvimento humano, que a leitura literária consegue estabelecer referências que permitem ao leitor organizar experiências psíquicas vividas ou não, organizar e/ou reorganizar sentimentos, estabelecer uma ponte entre ficção e realidade na maneira de como vemos o mundo.

Palavras-chave: romance, estética da recepção, leitura literária

ABSTRACT

This research discusses, from the reading of the work *Dois Irmãos* (2000), by the Amazonian contemporary writer Milton Hatoum how it is possible to work the novel in full considering the reception in front of the themes present in the work, the difficulties presented in the reading process and the experience with an experience Aesthetics in the classroom. Our experiment consists of three chapters: in the first one we seek to emphasize the importance of literary reading for the affective and effective development of the human being, the significance of the horizon of expectations in order to establish a good reading; The second chapter is dedicated to the study of some subjects such as jealousy, rivalry, incest, socioeconomic condition, exile and woman in the novel *Dois Irmãos*; In the third and last chapter we present the experiences of the novel in the classroom. From the methodological point of view, a research was carried out on literary reading and conception of the aesthetic experience, having as support the reflections of Jouve (2002), Jauss (1978), Zilberman (1998) Compagnon (2001), among others. On the thematic aspects addressed in the work we use the concepts of Bosi (2007), Freud (1989/1996), Hall (2003) and other scholars. We use the Journal of Reading from the perspective of Machado (2007) because we understand that this instrument has as a function a dialogue between the reader and the work being read. The realization of an experiment with young people of a public school indicated that it is possible to work a literary text in its entirety, that the readers managed to experience the production, perception and communication of the literary work, also showed the necessity of a methodological work differentiated, Which escapes the models consecrated by textbooks. The work presupposes that the reading of works with legitimated aesthetic quality is relevant to human development, that literary reading manages to establish references that allow the reader to organize psychic experiences lived or not, organize and / or reorganize feelings, establish a bridge between Fiction and reality in the way we see the world.

Keywords: romance, reception aesthetics, literary reading

RÉSUMÉ

Cette recherche examine, à partir de la lecture des travaux *Deux Frères* (2000), l'écrivain contemporain Amazon Milton Hatoum comment vous pouvez travailler le roman tenir pleinement compte de la réception devant les thèmes du travail, les difficultés rencontrées dans le processus de la lecture et de l'expérience avec une expérience l'esthétique dans la salle de classe. Notre expérience se compose de trois chapitres: le premier nous cherchons à souligner l'importance de la lecture littéraire pour le développement affectif et humain efficace, l'horizon des attentes d'importance pour établir une bonne lecture; le deuxième chapitre est consacré à l'étude de certaines questions comme la jalousie, la rivalité, l'inceste, le statut socio-économique, l'exil et la femme dans le roman *Deux Frères*; le troisième et dernier chapitre, nous présentons les expériences du roman dans la salle de classe. D'un point de vue méthodologique, nous avons procédé à une enquête tenue sur la lecture littéraire et la conception de l'expérience esthétique ayant pour soutenir les réflexions de Jouve (2002), Jauss (1978), Zilberman (1998) Compagnon (2001), entre autres. Sur les questions thématiques abordées dans le présent travail, nous utilisons des conceptions de Bosi (2007), Freud (1989/1996), Hall (2003) et d'autres chercheurs. Utilisez les lectures quotidiennes dans la perspective de Machado (2007) parce que nous croyons que cet instrument a la fonction d'un dialogue entre le lecteur et le travail qui est en cours de lecture. Mener une expérience avec les jeunes d'une école publique a indiqué qu'il est possible de travailler un texte littéraire dans son ensemble, les lecteurs ont pu faire l'expérience de la production, de la perception et de la communication de l'œuvre littéraire, a également montré la nécessité d'un travail méthodologique différenciée, qui échappe aux modèles établis par les manuels. Inondent le travail de l'hypothèse que la lecture des œuvres de qualité esthétique légitime est pertinente pour le développement humain, la lecture littéraire peut établir des références qui permettent au lecteur d'organiser des expériences psychiques expérimentés ou non, organiser et / ou réarranger des sentiments, établir un pont entre la fiction et la réalité de la façon dont nous voyons le monde.

Mots-clés: roman, esthétique de la réception, la lecture littéraire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – A LEITURA DO ROMANCE NA ESCOLA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES	17
1.1 A leitura literária na escola	20
1.2 O que se lê, o que se vive.....	27
1.3 O professor como mediador do texto literário.....	28
1.4 O romance no Ensino Médio.....	30
CAPÍTULO II – DOIS IRMÃOS – UM BREVE PASSEIO PELA OBRA.	36
2.1 Temas:um fascínio atrativo.....	42
2.2 O ciúme, a rivalidade, o incesto.....	43
2.2.1 O ciúme.....	43
2.2.2 A rivalidade.....	45
2.2.3 O incesto.....	49
2.3 Condição sócio-cultural.....	51
2.4 A mulher no romance <i>Dois Irmãos</i>	56
2.5 As marcas proporcionadas pelo “exílio”.....	60
CAPÍTULO III – VIVÊNCIAS DO ROMANCE EM SALA DE AULA.....	63
3.1 Natureza e objetivos.....	64
3.2 Contexto da pesquisa: a escola, os primeiros contatos.....	66
3.3 A aplicação dos questionários.....	67
3.4 Vivências da literatura e recepção em sala de aula.....	75
3.5 Primeiro encontro.....	77
3.6 Diário de leituras.....	
3.7 Vivenciando capítulos por capítulos.....	93
3.7.1 Capítulos 1 e 2.....	93
3.7.2 Capítulos 3 e 4.....	97
3.7.3 Capítulos 5 e 6.....	102
3.7.4 Capítulos 7 e 8.....	105
3.7.5 Capítulos 9,10,11 e 12.....	109
3.8 Processo de criação dos títulos.....	113
CONCLUSÃO.....	123
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	136

INTRODUÇÃO

A leitura é importante como um recurso pelo qual o leitor efetiva um trabalho dinâmico de compreensão e interpretação do texto lido. Uma atividade dialogica que envolve métodos de antecipação, dedução e verificação. Dessa maneira, toda e qualquer prática de leitura se propaga e adquire sentido mediante uma determinada situação histórico e espaço-temporal, relacionados com as interpretações individuais de cada sujeito e seus anseios como leitor. Mais que leitores de signos, somos leitores de mundo (FREIRE, 1982), desde nossa origem, somos capazes de ler sons, imagens, expressões, enfim, através desse contato com o mundo favorecemos nossos sentidos e atribuímos a eles significados.

Ler textos literários permite ao leitor um diálogo com a obra, uma experiência do indivíduo com o imaginário, com os afetos, os valores comportamentais dos quais precisa para se expressar. Antonio Cândido (1995) no ensaio intitulado *O direito à literatura* afirma que “não há povo e não há homem que possa viver sem a literatura”, ou seja, “sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. O crítico vê a necessidade do contato do homem com o texto literário, pois ao “dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ele nos organiza, nos liberta do caos e portanto humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade...” (p. 256).

Diante da importância da literatura no caráter formador do ser humano, conforme legitima Cândido, nos propomos a levar para a sala de aula o livro *Dois Irmãos*, do escritor contemporâneo amazonense Milton Hatoum. Um

romance publicado em 2000, que traz em sua composição uma variedade de temas instigantes e reflexivos, que levam o leitor a se transportar para a Manaus do início do século XX até a década do Golpe Militar.

Desde a graduação demonstramos interesses em trabalhar a leitura de romances no contexto escolar. Citamos como exemplo, nosso trabalho com fragmentos do livro *Dois irmãos*¹, como também na nossa atuação em sala de aula. Por termos trabalhado apenas com fragmentos, nossa vontade cresceu junto com a ideia de trabalhar o texto na sua totalidade.

Na busca de dados para nossa pesquisa sobre o romance hatouniano *Dois irmãos*, nos deparamos com números interessantes tanto no portal da Capes², quanto no site do escritor Milton Hatoum³, pois conseguimos encontrar uma quantidade relevante de estudos que estão relacionados a obra *Dois irmãos*. Esses números variam entre teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos e críticas. Os assuntos são diversificados, vão desde a análise de personagens, de temas, comparações entre clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis, a leitura e a recepção da obra em outros países, entre outros. Diante da demanda considerável de trabalhos sobre o romance em questão, podemos assim dizer que a obra *Dois irmãos* tem dado uma contribuição significativa para a literatura brasileira contemporânea.

¹ Pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Obdúlia Dantas, na Cidade de Catolé do Rocha onde trabalhei com fragmentos do romance *Dois Irmãos* numa turma de ensino médio. Trabalhamos alguns temas presentes na obra e observamos a recepção por parte dos alunos, bem como o horizonte de expectativas. Publicado no V SETEPE, www.setepe2014.com.br

² A **CAPES** (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) é o órgão do Ministério da Educação responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação stricto-sensu (mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado) em âmbito nacional.

³ <http://www.miltonhatoum.com.br>

Além de fazer parte do cenário das obras brasileiras em destaque, *Dois irmãos* se faz presente também no panorama educacional que concerne as obras relacionadas aos vestibulares e ao ENEM⁴. Silva (2008) em *O romance Dois Irmãos no ensino médio e no vestibular: uma discussão teórico-metodológica*, nos mostra a abordagem do romance em provas de vestibulares em todo o Brasil.

Determinamos como objetivos metodológicos a serem observados: 1)trabalhar com o romance na íntegra, 2)observar como se daria a recepção do romance, 3)identificar possíveis dificuldades apresentadas no processo de leitura, 4)levar os alunos a vivenciarem uma experiência estética em sala de aula.

Optamos por realizar nossa experiência numa turma de adolescentes de uma escola pública, cuja faixa etária variava entre 15 e 18 anos, composta pela comunidade carente dos bairros Bancários e Timbó. A instituição escolar escolhida Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão da Cunha.

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos: no primeiro, intitulado *A leitura do romance na escola: problemas e possibilidades*, buscamos enfatizar a importância da leitura literária para o desenvolvimento afetivo e efetivo do ser humano, destacamos a relevância do trabalho da literatura no universo escolar. Evidenciamos a significância do horizonte de expectativas para se estabelecer uma boa leitura nos processos psicológicos, sociais e culturais do homem. Mostramos a necessidade de se trabalhar o

⁴ ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)

romance no ensino médio focalizando metodologias reflexivas. Fazemos referência especificamente aos trabalhos de Jouve (2002), Jauss (1978), Todorov (2010), Zilberman (2004), Bordini e Aguiar (1988), Pinheiro (2007), Lajolo (2002), Silva (2016) entre outros que também nos serviram de base teórica sobre leitor e formação de leitor literário.

O segundo capítulo, intitulado *Dois Irmãos, Um Breve Passeio Pela Obra*, é dedicado ao estudo de algumas temáticas presentes no texto como o ciúme, a rivalidade, o incesto, a condição sócio-cultural, a mulher no romance *Dois Irmãos*. Partindo da abordagem sobre memória de Bosi (2007), centramos depois nas concepções de Freud (1989/1996) sobre o sujeito e o seu inconsciente, também trouxemos a contribuição do sociólogo e escritor Stuart Hall (2003) ao falar das diáspora e cultura, além de outros estudiosos.

No terceiro e último capítulo apresentamos o relato das *Vivências Do Romance Em Sala De Aula*, experimento realizado com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, aos quais já fizemos referência. A pesquisa deu-se a partir do questionário aplicado aos alunos e à professora titular da sala, ambos objetivando a coleta de dados. Observamos as obras já lidas pelos alunos e as mais significativas conforme seus depoimentos. Trabalhamos três vídeos, o primeiro trazia uma visão geral sobre o Líbano e da chegada dos libaneses no Brasil, o segundo abordava a maneira como as mulheres eram tratadas pela civilização oriental e o terceiro vídeo mostrava a cultura amazonense com destaque para a cidade de Manaus. Apresentei para os alunos a obra a ser lida e em seguida entreguei os diários de leituras, informei a maneira de como deveria ser utilizado aquele instrumento metodológico. Na sequência dos encontros fomos desenvolvendo nossa pesquisa. Após lerem os capítulos,

previamente estabelecidos os alunos mencionavam suas impressões e implicações no diário de leituras e assim surgiam as discussões. Na nossa metodologia propomos a criação de títulos para os capítulos do livro já que este consta apenas de números. A escolha desses títulos favoreceu as discussões sobre os temas presentes na obra.

CAPÍTULO I

A LEITURA DO ROMANCE NA ESCOLA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica)

Carpeaux

Os estudos que fazem referência à recepção mostram a fundamentação teórica apropriada para debater, retratar e examinar posicionamentos alusivos à recepção no sentido de ser possível integrar o leitor no processo de elaboração pessoal de significados, ver o leitor como participante da obra e não como mero destinatário passivo, um executor de diálogos ativos com a obra artística.

A Estética da Recepção através da dialética autor, obra e leitor, vê o texto como um sistema que engloba produção, recepção e comunicação. Através destas vertentes, a obra possibilita diversas interpretações conforme as condições sócio-históricas vividas pelos leitores de uma determinada sociedade.

Hans Robert Jauss (1921-1997) e Wolfgang Iser (1926-2007), fundadores da Estética da Recepção (1964), são vistos como os dois expoentes da escola críticoestética que promoveu uma percepção sobre a prática do leitor como agente fundamental à composição da obra de arte. A teoria da Estética da Recepção discute e incorpora alguns elementos com as

correntes teóricas marxista e formalistas. As quais demonstravam maior interesse pelos autores e obras. Já a análise e observação da recepção expressou a relevância do leitor na co-produção dos sentidos do texto no decurso da leitura.

Sob esse ponto de vista Jauss (1994, p. 23) afirma :

A escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo com que ela trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma dada sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como o sujeito da percepção, como alguém que, seguindo as indicações do texto, tem a seu cargo distinguir a forma ou desvendar o procedimento. [...] Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa.

Com um olhar investigativo voltado para a recepção, o texto passa a ser percebido de modo diferente diante das mais diversas formas de leituras através dos tempos. A esse respeito o mesmo autor (2002, p. 70) acrescenta:

[...] de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção. (JAUSS, 2002a, p. 70)

O texto é visto com um leque de possibilidades e significados criados através dos efeitos comunicativos que se dão a partir da sensibilidade e experiência do leitor com o gênero, com as temáticas, com outras obras. Toda obra literária acabada demanda ao menos um destinatário, um leitor concreto que diante do seu conhecimento de mundo, da sua cultura, e emotividade possibilite um diálogo conduzido através da associação literatura e leitor.

Assim, um texto terá o critério de aceitação do horizonte de expectativas defendido por Jauss (1994, p. 28)

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.

Nenhum leitor é vazio, várias são as motivações que promovem o horizonte de expectativas. Sendo assim, “O universo de leitura de um texto dialoga muito intimamente com o horizonte de leitura que o expectador projeta” (ROSSETO, p. 05). Ao estabelecermos contato com o texto literário nos tornamos leitores, especificamente leitores literários, esta atividade na qual o leitor promove uma interação com o texto e atribui-lhe significados mediante conhecimentos de mundo propiciará a vivência com o estético existente na obra literária, como assertiva Araújo (1995, p. 25):

É por sua beleza e qualidade literária que o texto seduz o leitor e lhe proporciona a busca de significados, a apreciação, a fruição estética e são estes elementos que possibilitam os níveis mais elevados de abstração. Essa dimensão simbólica permite compreender a leitura como uma atividade metacognitiva de reflexão sobre o mundo e sobre o próprio pensamento.

Um texto literário, entre outros aspectos, possibilita em sua composição uma multiplicidade de sentidos. Essa pluralidade de certo modo interfere no sujeito leitor. É o que Jauss (apud Jouve, 2002) nomeia por “efeito”, através do que é demarcado pelo texto e “recepção”, que é determinado pelo receptor do texto através de sua maneira livre de lê-lo. Sobre esse posicionamento discorre Iser (1985, p. 48):

Pode-se dizer que a obra literária tem dois pólos: o pólo artístico e o pólo estético. O pólo artístico refere-se ao texto produzido pelo autor, enquanto o pólo estético diz respeito à concretização realizada pelo leitor.

O que nos leva a crer que em se tratando de leitura temos duas dimensões distintas, aquela determinada pelo texto e que é comum a todos os leitores e aquela que dependendo de algumas variáveis como conhecimento de mundo, aspectos psicológicos do leitor, simbologia, etc., é modificável, o que garante o caráter receptivo e ativo do leitor com o texto simultaneamente.

Vivenciar o objeto artístico em suas vertentes exige uma abertura para o novo. O texto literário consegue estabelecer referências que permitem ao leitor organizar experiências psíquicas vividas ou não, organizar e/ou reorganizar sentimentos, estabelecer uma ponte entre ficção e realidade na maneira de como vemos o mundo.

1.1 A leitura literária na escola

Mediante afirmação de que “[...] o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 1984, p. 11), e vendo sob essa ótica tanto o conhecimento prévio, empírico e de mundo, são necessários para a organização e composição de significados do que foi lido.

Silva (1987, p. 45), um dos estudiosos da “pedagogia da leitura”, declara que:

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

Ao analisarmos as palavras do autor, fica claro que o ato de ler é um instrumento capaz de modificar e/ou reconstruir uma sociedade, visto que essa é uma prática social, um procedimento de construção de significados, imprescindível não somente nos processos educacionais do indivíduo, mas também no plano existencial.

No Ensino Médio, na maior parte das vezes são utilizados fragmentos de textos literários no intuito de se trabalhar a gramática normativa ou para exemplificar características das escolas literárias, o texto nem sempre é lido na sua totalidade, o que contribui também para a falta de interesse pela leitura literária, conforme assertiva Todorov (2009, p. 10):

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública.

Não se deve esquecer que o ensino de literatura deve propiciar ao leitor o prazer estético, mas o livro didático, como também o professor em muitos momentos falham por não atingirem um aproveitamento adequado. Diante disso, julgamos necessária a valorização de questões que reconheçam aspectos presentes no texto, os quais devem ser examinados de modo a levar o aluno leitor a captar os encantos e o prazer presentes no ato de ler.

Ensinar literatura não se refere apenas a estudar conceitos historicistas. Em se tratando da abordagem da literatura em sala de aula, Lajolo (2002, p.51) nos acrescenta que:

É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o interrelacionamento daquele texto com todos os outros

conhecidos daquele leitor e – lição maior – a intuição da quase infinita interpretabilidade da linguagem de que os textos são constituídos. É exatamente no exercício dessa reinterpretabilidade que cada leitor, assenhorando-se do texto, torne-se sujeito de sua leitura, [...]

A leitura como exercício é aplicação e construção de sentidos, de significados que visam o estímulo das emoções, que valorizam as reflexões, que solidificam as opiniões, que fornecem subsídios para a criticidade e que provocam desejos.

Diante da necessidade de acrescentar conhecimentos às nossas experiências, sistematizar nossas vivências e nosso mundo interior é que o texto literário se mantém presente no currículo escolar. De acordo com Jauss (apud ZILBERMAN, 2004), a literatura enquanto representação artística se realiza mediante capacidade de emancipação. A através do processo de leitura, o leitor literário consegue se desvencilhar de opressões e imposições vividas cotidianamente, e promover novas descobertas para si e novas experiências diante do mundo em que vive.

Notadamente, no romance esses efeitos se dão através de vários recursos, sobretudo dos temas que evocam reflexões, que fogem de uma linguagem unívoca dos livros didáticos e dos textos instrutivos.

Dentro do universo escolar, o professor é peça fundamental nos processos de construção e desenvolvimento de leitores. É a partir da maneira pela qual o professor apresenta o texto que as relações do leitor com o texto passam a se desenvolver. A literatura como processo de emancipação tem no professor um aliado ao definir metodologias. Bordini e Aguiar (1988, p. 17) lembram que é necessário pensar no estímulo em relação à formação do sujeito-leitor:

A educação do leitor de literatura não pode ser, em vista da polissemia que é própria do discurso literário, impositiva e meramente formal. Como os sentidos literários são múltiplos, o ensino não pode destacar um conjunto deles como meta a ser alcançada pelos alunos.

No que tange a importância do professor na formação do leitor literário, Pinheiro (2007, p. 26) nos mostra a necessidade do professor ser também um leitor:

A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura. Por experiência significativa não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa.

Além da relevância para a condição do professor leitor, ter em mente outros aspectos importantes como o interesse da turma, idade adequada aos temas a serem abordados, a metodologia e não esquecer o caráter plural da obra literária, em concordância com Jouve (2002, p. 89), que diz que num texto várias coisas são lidas ao mesmo tempo.

A maneira como o texto literário é inserido no universo escolar é um fator importante para a aceitação e o alargamento do horizonte de leituras. A esse respeito, Jobim (2009, p. 117) defende a proposta de “gradação textual” ao dizer que:

A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, podemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou do mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo.

O estímulo no ato da leitura é primordial para o seu desenvolvimento. Uma metodologia interativa auxilia no desejo de ser e se fazer leitor, de interagir com a obra literária.

O ato de ler deve ser então um encontro de sentidos que envolvem texto e leitor. Fornecer a “fruição estética”, denominada assim por Jauss, é a real função do texto literário, uma experiência particular no aluno leitor. “Na atitude estética, o sujeito é libertado pelo imaginário de tudo aquilo que torna a realidade de sua vida cotidiana constrangedora” (JAUSS, 1978, apud JOUVE, op. cit., p. 107). Assim sendo, a leitura terá sua função de desprendimento e liberdade do real e propiciará uma melhor compreensão de mundo, de acordo com Jouve (op. cit p. 108) “[...]a leitura, por um lado, desprende o leitor das dificuldades e imposições da vida real; por outro lado, ao implicá-lo no universo do texto, renova sua percepção do mundo.”

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM (2006) é um documento que tem por objetivo orientar a prática do diálogo entre escola e professor em relação ao exercício docente em favor do aprendizado, evidenciando questões que envolvem o ensino de Literatura no Ensino Médio. “Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de ‘letrar’ literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.” OCEM (2006, p. 54)

Sobre o direito da apropriação ao que se tem direito em relação ao texto literário, a escritora Ana Maria Machado, no livro intitulado *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), nos mostra a vasta riqueza literária de que dispomos, que em parte não sabemos explorá-la e que na verdade é um direito que nos foi dado no decorrer dos séculos. “[...] se trata de

um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence...” (2002 p.18) Machado chama a atenção para o ato de ler literatura e acrescenta que: “[...]ler, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados.” (op cit, p. 18-19)

A leitura dos textos literários é uma atividade complexa que exige uma interação entre autor – obra – leitor. A partir dessa inter-relação o leitor passa a atribuir significados ao que leu e estabelecer pontes com sua cultura, com outros gêneros, com outros textos, enfim, consegue se posicionar diante de si e diante do mundo.

A prática da leitura literária desperta no leitor a possibilidade de ativar mecanismos de absorção de conhecimentos capazes de auxiliá-lo com a criticidade, a sensibilidade, a percepção do que lhe é alheio. Amplia o horizonte para as mais diversas formas de ver e encarar o que o cerca.

A leitura literária na escola deve estabelecer objetivos, promover condições e atender a práticas pedagógicas que ao serem bem conduzidas mostrem que ler literatura é muito mais do que uma brincadeira ou um exercício de interpretação textual. Como assertiva Maria da Glória Bordini e Vera Aguiar (1988, p. 17):

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor.

Estabelecer parâmetros para que a instituição escolar seja um ambiente preparado para a iniciação e a progressão da atividade leitora literária.

Um leitor literário competente não é aquele que está moldado aos aspectos historicistas do texto, mas aquele que é capaz de estabelecer uma relação maior com o texto, ou seja, através de diferentes perspectivas vivê-lo, construir sentidos. Nessa vertente, o texto contribui decisivamente na formação pessoal do indivíduo, nos atos reflexivos e na criticidade.

Falar de formação do leitor literário exige-nos primeiramente entender o que é a leitura. Leitura no seu estado mais amplo é senão uma atividade multifacetada. A partir dela o leitor desenvolve várias funções que vão desde a percepção daquilo que foi lido, a decodificação, a interpretação e a memorização. Jouve em *A leitura* (2002) destaca a leitura como um ato que se dá num processo neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico, daí sua importância no processo de construção do indivíduo. Acrescenta o autor que: “a leitura pode transformar as mentalidades.” (JOUVE op. cit, p. 22)

A atividade leitora é interessante diante da relação estabelecida entre leitor e autor. Uma relação de distanciamento entre tempo e espaço onde ambos não constituem um espaço em comum, porém mediante estruturas textuais, se estabelece uma conexão que dá margem a inúmeras interpretações, o texto passa a ser mutável, e o leitor passa a reconstruir o contexto necessário para compreendê-lo.

Mesmo distante das condições em que foi concebido, a obra literária consegue enveredar e se fundar na vida do leitor, uma vez que diante da sua interpretação estão implícitos também suas vivências, sua cultura, seus pontos de vista e seus valores. Diferentemente da mensagem oral que “escapa aos olhos” ao ser pronunciada, o texto escrito resiste ao tempo, passa a ser concreto, assim como é a atividade de leitura.

A maneira como o leitor recebe o texto é um dos indícios de que poderá, dentro de sua interpretação, seguir algumas coordenadas preestabelecidas pelo autor sem correr o risco de fazer interpretações equivocadas e sim interpretações “legítimas”, conforme observa Eco (apud JOUVE, 2002) O horizonte de expectativa é sem dúvidas um dos fatores preponderantes para se estabelecer uma boa leitura. Um bom leitor literário consegue aproveitar as experiências herdadas de leituras anteriores. Sobre o horizonte de expectativa nos fala Jouve (op. cit,p. 27)

O horizonte de expectativa é definido por Jausss por normas essencialmente estéticas: o conhecimento que o público tem a respeito do gênero a que pertence a obra, a experiência literária herdada de leituras anteriores (que familiarizaram o público certas formas e certos temas) e a distinção vigente entre linguagem poética e linguagem prática.

O horizonte de expectativas de um texto está intimamente ligado às expectativas que o leitor possui em relação ao texto.

1.2 O que se lê, o que se vive

Vários são os níveis de leitura de uma obra literária, sendo assim, inúmeras são as significações presentes no ato da leitura o que nos leva a identificar a sua polissemia. Barthes (apud JOUVE, op. cit. p. 93) define e compara o texto literário com uma renda de Valenciennes, na qual as estruturas são entrelaçadas e as “vozes” tendem a se revelar no decorrer da sua leitura.

Ao lermos um livro, temos a possibilidade de estabelecer um diálogo com a obra. Várias são as indagações sobre diversos assuntos, muitas são as perguntas, as respostas e, conseqüentemente, as reflexões do que foi lido.

Os temas, as personagens, enfim, tudo o que é lido fica registrado. E esse registro num nível inconsciente pode ser percebido pelo leitor e, a partir daí refletir nos nossos atos, ações e comportamentos. As sensações durante a leitura de um livro são múltiplas e nos revelam muito sobre aquilo que somos e sentimos. Sobre esse aspecto Glancier (apud JOUVE, op. cit. P. 97) falou:

O que sentimos ao ler um livro é o reflexo dos fantasmas inconscientes que o texto desperta em nós. Os afetos assim suscitados (alegria, tristeza, angústia, desgosto, tédio, etc.) são o eco em nós mesmos, leitores, dos fantasmas do autor.

Grandes são os efeitos proporcionados pela leitura no que concerne o inconsciente de um leitor. Através da leitura, o leitor se transporta para um mundo seu, vive, revive e reflete sobre questões próprias, sobre o mundo que está a sua volta. A leitura se faz como um suporte a criticidade, ao conhecimento de mundo, ao conhecimento de si mesmo.

1.3 O professor como mediador do texto literário

Enquanto parte na mediação dos processos de leitura literária na escola, o professor é peça fundamental. É a partir do seu acolhimento que pode também despertar o desejo de se fazer leituras literárias. Segundo Petit (2008, p. 154):

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com o mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras” é essencial.

A instituição escolar como promotora desse encontro entre professor-texto-aluno as vezes oferta a leitura como algo que mais tarde vai ser cobrada,

ao invés de promover essa atividade como algo enriquecedor capaz de levar o leitor a ser dono do próprio destino. Muitas instituições tiram a beleza da leitura literária, o que não nos impede de reconhecer que também existem muitas escolas que promovem atividades de leitura prazerosas e envolventes.

Importante se faz pensar no papel do mediador democrático, livre de amarras, aquele que é capaz de dar autonomia ao leitor frente ao texto literário, conforme diz Paulino (2005, p. 65) “[...] a leitura literária deve ser processada com mais autonomia tendo os estudantes direito de seguir suas próprias vias de produção de sentidos, sem que estes deixem, por isso, de serem sociais.”

Não devemos nos esquecer que o professor para ensinar literatura deve ser um leitor de textos literários e que seja capaz de iniciar os alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera.” (PETIT, op cit p. 158)

Sobre o fato do professor não ser um leitor e suas conseqüências para a atividade de leitura em sala de aula, Lois (2010, p. 76) acrescenta que:

[...] o professor que “escolhe” não ser um leitor da arte, um leitor de Literatura, reflete em sala de aula suas opções. Conseqüentemente, cairá em contradição quando cobrar de seu estudante um posicionamento leitor. O professor que não tem envolvimento com esse tipo de texto anuncia-se como um profissional distante da cultura e restrito à sua ação pedagógica.

A instituição escolar deve ter muito cuidado para não formar imagens estereotipadas do professor de literatura, não apresentá-lo como o semeador do gosto pela leitura nem tampouco o moldador pelo gosto literário, conforme metaforizam Tunes, Tacca e Bartholo (2005). Em ambos os posicionamentos, o professor tende a deixar escapar o diálogo criador que acolhe o aluno.

Outro aspecto que deve ser observado em relação ao comportamento do mediador é o carisma que este dispensa para com seus alunos. Certo que nem todos os professores tendem a ter carisma, porém a maneira como podem demonstrar o amor pelo texto e pela leitura promovem essa aproximação. A esse respeito, Petit (op. cit p. 161) nos mostra que:

Evidentemente, nem todos são capazes de provocar esses movimentos do coração. Mas, em contrapartida acredito que cada um - professor, bibliotecário ou pesquisador – pode se interrogar mais sobre a sua própria relação com a língua, com a literatura. Sobre sua própria capacidade de se ver alterado pelo que surge, de maneira imprevisível, na sinuosidade de uma frase; de viver as ambigüidades, a polissemia da língua, sem se angustiar. E a se deixar levar por um texto, em vez de tentar sempre dominá-lo. [...]Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.

O professor mediador deve ficar atento as estratégias de simplificações ao que concerne tanto ao ensino de literatura quanto a mediação. Nem a animação nem a ilustração, ambas na mediação e no ensino de literatura respectivamente, no intuito de provocar prazer. A leitura literária tem que ter objetivos, deve estabelecer sentidos. Para o professor ensinar e mediar ao mesmo tempo deverá ser fonte de crescimento e otimização das competências literárias dos alunos.

1.4 O romance no ensino médio

O romance como texto literário tem em sua composição, uma forma variável e versátil, traz consigo elementos que desafiam as percepções, as sensações do leitor, conferindo-lhe a possibilidade de viver uma experiência simbólica, (JOUVE op. cit, p.22) “[...] toda leitura interage com a cultura e os

esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo”.

No Brasil, nascem as primeiras obras por volta do século XIX, com características próprias e através de folhetins. A eclosão do romance brasileiro se dá a partir da proposta literária do Romance aliada as propostas de pós-independência como sociedade e como instituição nacional, o que estreita os laços com o nacionalismo, tendo na figura indígena o elemento caracterizador e a descrição das regiões brasileiras no intuito de criar a imagem da nação.

Caracterizar o imaginário da identidade nacional, segundo Hall (1997, p. 57) a “narrativa da nação” que dá a idéia de nação se configura a partir das narrativas sociais e literárias que dentro do seu contexto oferecem cenas (imagens e cenários) numa realidade simultaneamente comum a todos.

É no século XX que o romance brasileiro passa a difundir o herói problemático, o mundo do homem normal. É nesse momento que surgem excepcionais prosadores como Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, José Lins do Rego, entre tantos outros.

A literatura brasileira do século XX e início do século XXI cresce e os autores se vêem com mais liberdade e autonomia para criar. A produção ficcional nacional brasileira se amplia, as histórias se dão a partir de temas antes emudecidos e negligenciados e de pessoas comuns, evidencia-se uma pluralidade de vozes.

O desenvolvimento do gênero romanesco envolvendo seu início até os mais diversificados tipos, como romance psicológico, histórico, poético e simbólico, de análise crítica e social provoca o interesse de muitos pesquisadores da Teoria da Literatura. Entre tantos, destaca-se George Lukács

através da *Teoria do romance* (1966) onde, segundo o estudioso o romance atribui ao mundo uma configuração elaborada pelo homem, enfatizando suas dúvidas e suas adversidades.

Bakhtin (1993, p. 400), outro teórico nos diz sobre o gênero romance que:

O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna, precisamente porque ele que expressa as tendências evolutivas do mundo. O romance antecipou muito, e ainda antecipa, a futura evolução de toda a literatura. Deste modo, tornando-se o senhor, ele contribui para a renovação de todos os outros gêneros.

E ainda acrescenta que “o romance se formou e se desenvolveu precisamente nas condições de uma ativação aguçada do plurilinguismo exterior e interior.” Bakhtin (1993, p. 405).

Romance, gênero literário que carrega consigo os referenciais da vida humana “matiza sua forma” mediante mudanças significativas das relações humanas, ou seja, Silva (op.cit., p. 100) “ [...] varia de forma quando as relações humanas mudam seus condicionamentos sociais. “

Por se tratar de um gênero que fornece várias reflexões ao leitor literário, tem-se discutido muito sobre como a literatura brasileira está disposta nos livros didáticos e a maneira como esta forma historicizada tem sido valorizada diante dos contextos sociais, apresentando apenas nos seus intervalos as obras literárias a serem estudadas. Nesse sentido os elementos estéticos deixam de ser relevantes e seus valores passam a ser suprimidos em favor do contextual. A esse respeito, Silva (op.cit, p.110) tece suas considerações:

Parece necessário e urgente que se produza livros didáticos menos dogmatizadores, ou seja, livros que possam incitar no aluno e no

professor a discussão e a reflexão, enfim, livros que possam contribuir para a formação do leitor, seja este professor ou aluno. Afinal estudar literatura sem ler literatura é entrar num universo vazio de sentido, numa abstração sem tamanho.

Conforme recomendam os *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba* (PARAÍBA, 2006), a literatura pode ser orientada por gêneros, o que na verdade propicia a “eliminação” do historicismo presente nos livros didáticos privilegiando assim os elementos estéticos presentes no texto literário. Isso não descarta a possibilidade de se ter orientações sobre a história da literatura, porém, entende-se que um repertório de leituras ampliado auxiliará no trajeto histórico percorrido pela literatura brasileira ao longo dos séculos.

Trabalhar o romance em sala de aula a partir do texto como sugerem os *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba*, nos faz pensar em alguns pontos a serem observados como: a importância da autonomia da escolha da obra pelo professor, a possibilidade de se trabalhar o romance na íntegra estabelecendo discussões em sala de aula com os alunos, a promoção de métodos que envolvam a turma, que chamem ao “trabalho” os alunos, no envolvimento com o texto, o fornecimento de métodos avaliativos que fujam do tradicional. Silva, em *Reflexões Sobre Teoria do Romance e Ensino* (op.cit., p. 133 – 134) nos mostra que:

[...] estudo e ensino de literatura - dependem , em alto grau, da metodologia adotada e desenvolvida. [...] O desafio maior para nós professores de literatura parece estar, portanto, na composição de um método de trabalho que tanto nos possibilite adentrar nos meandros do texto literário , bem como levá-lo para a sala de aula, de uma forma que provoque no aluno o interesse pela leitura, atitude do jovem leitor.

Nenhum corte analítico ou metodologia deve podar o aspecto criador que a leitura do texto literário traz em si. A arte que envolve esse gênero deve ser apresentada de modo encantador, na qual a reflexão seja uma das formas de levar o leitor a se conhecer e fazer pontes com as dificuldades cotidianas.

Para Todorov (2009, p. 132 - 33):

Em geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.

Por se tratar de uma narrativa mais extensa, o romance pode estabelecer um maior envolvimento do leitor com o texto, ele oferta tempo para determinadas características serem percebidas, analisadas como os temas, as descrições, aspectos psicológicos, as tramas. Segundo Piassi (2007, p. 365):

Mas é justamente o fato de ser uma narrativa mais longa e detalhada que encontramos no romance algumas possibilidades insubstituíveis. O retardamento da ação, os vários momentos de tensão, as descrições detalhadas, as várias tramas paralelas, em geral permitem uma variedade muito maior das possibilidades de se explorar aspectos que tanto no conto quanto no filme permanecem necessariamente em um nível superficial. É nessa conexão de múltiplos temas aliada ao aprofundamento de cada um deles que encontramos elementos dos mais interessantes do ponto de vista didático

Essas possibilidades de exploração engrandecem as percepções do leitor e auxiliam nos processos reflexivos.

No nosso segundo capítulo mostramos alguns temas que fazem parte do universo do livro *Dois irmãos* (2000), estudado em nossa experiência, temas

estes que remetem a uma reflexão ao serem “vivenciados” através da leitura do romance, que suscita reflexões.

CAPÍTULO II

DOIS IRMÃOS - UM BREVE PASSEIO PELA OBRA

Milton Hatoum, escritor amazonense, arquiteto por formação, estudou literatura comparada em Paris. No Brasil trabalhou como jornalista cultural, foi professor universitário de História da Arquitetura e Literatura Francesa. No ano de 1989, seu primeiro romance intitulado *Relato de um Certo Oriente* ganhou o prêmio Jabuti de melhor romance. Seu segundo romance, *Dois irmãos*, foi eleito o melhor romance brasileiro no período 1990-2005 em pesquisa feita pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*. Com o terceiro romance *Cinzas do Norte*, Hatoum recebeu vários prêmios, entre eles a Ordem do Mérito Cultural, Elo Ministério da Cultura. No ano de 2008 escreveu *Órfãos do Eldorado* que também recebeu o maior prêmio da literatura brasileira na categoria romance. Saindo do romance, o escritor partiu para a publicação de contos, livro que intitulou *A Cidade Ilhada*. No ano de 2013 lançou o livro *Um Solitário à Espreita*, que traz em sua composição crônicas publicadas em jornais e revistas. Participou de várias antologias brasileiras e publicou artigos e ensaios sobre as literaturas brasileira e latino-americana. Hatoum teve sua obra traduzida em 12 línguas, sendo que suas publicações foram lançadas em 14 países

A obra *Dois irmãos*, foi publicada no ano de 2000 e traduzida para 13 países. Traz em sua composição uma narrativa instigante, com temas variados. No ano de 2015, teve sua adaptação para uma *graphic novel* Histórias em

Quadrinhos numa adaptação dos quadrinistas Gabriel Bá e Fábio Moon.⁵ No início do ano de 2017 teve sua adaptação para a TV.⁶

A crítica literária Leila Perrone Moisés (2000) declara que : “Valeu a pena esperar 11 anos pelo segundo romance de Milton Hatoum.[...] este romance tem muitas qualidades”. Perrone Moisés faz comentários elogiosos sobre a construção da narrativa, as “peripécias existenciais de suas personagens”, o multiculturalismo e a riqueza linguística representada através do português, do libanês, do árabe e da linguagem indígena através do tupi.

A obra “*Dois irmãos*”, tornou-se respeitado pela crítica literária que vê no seu autor um grande domínio na técnica de ficção.

Juntamente com a estória de duas gerações de uma família de libaneses que escolheram o Brasil como sua nova pátria, surge a história e as transformações da cidade de Manaus, da Amazônia e do Brasil. A cidade traz em seu contexto a dualidade entre a modernização para poucos e o declínio para a maioria da população vivida por índios e migrantes pobres. O romance hatouniano fala da Manaus ilhada pelo Rio Negro e pela floresta amazônica, que se vê numa crescente econômica graças ao ciclo da borracha, através dos ribeirinhos migrantes e imigrantes que sonhavam em obter riqueza através do “ouro branco.” O romance se estende da primeira década do século XX, por volta de 1914 com a inauguração do Restaurante Biblos, do libanês Galib, pai de Zana e se prolonga a alguns anos após o golpe militar de 1964. Dialoga com a história em várias passagens, como por exemplo, a ida de Omar para

⁵<http://www.nossomundoliterario.com.br/2017/01/dois-irmaos-fabio-moon-e-gabriel-ba.html>

⁶ *Dois irmãos* foi adaptado para a Rede Globo de Televisão pelo diretor Luiz Fernando Carvalho. Estreou no dia 09 de janeiro de 2017 em formato de minissérie com 10 capítulos.

São Paulo, no ano de 1956, o retorno de Yakub do Líbano, onde o pai foi buscá-lo na praça Mauá repleta de pracinhas e o brinde que fez em casa também pelo fim da segunda guerra.

Outro fato é a captura, o espancamento e a morte do professor Antenor Laval que na obra se apresenta nos primeiros dias de abril, época que o golpe militar de 1964 se configurou. Sob tal tais acontecimentos, o livro *Brasil Nunca Mais*, de Dom Paulo Evaristo Arns (2001, p. 77) relata que:

As capturas eram cercadas de um clima de terror do qual não se poupavam pessoas isentas de qualquer suspeita [...] Seviava-se antes, para perguntar depois. Criava-se desse modo, o clima psicológico aterrorizante, favorável à obtenção de confissões que enredassem, na malha repressiva, o maior número de pessoas.

Realidade vivida nos anos de governo ditatorial, pessoas eram espancadas ou desapareciam sem nenhuma explicação. O professor e poeta Laval ilustra bem essa classe que era composta por intelectuais que não compactuavam com os desmandos cometidos pela ditadura.

A obra hatouniana abre ao leitor a possibilidade de participação no universo discursivo, uma vez que propicia um diálogo entre história e literatura, real e ficcional, suscitando um olhar crítico ao mundo e as pessoas.

O espaço ficcional é situado numa Manaus que se divide sob particularidades cosmopolitas e provincianas que no decorrer da trama influenciarão de maneira considerável na conduta daqueles que vivem sob o domínio desse ambiente, entre o progresso e a decadência.

Dois irmãos traz também em sua composição uma gama de temas fascinantes como incesto, duelo entre irmãos, culturas distintas, etc. Construído sob a égide de uma técnica narrativa em que o narrador não é identificado a

princípio, compõe sua narrativa com elementos das memórias para executar o *flash-back*, componente com o qual o enredo é desenvolvido

A narrativa é construída em torno da dubiedade, suspeição sobre a paternidade do personagem-narrador que parte por diversos vieses. Ao passo que a narrativa avança, o mistério é potencializado mediante a trajetória adotada pelo narrador, o que culmina em parte numa irresolução a respeito dessa paternidade. A representação dos supostos pais, Omar e Yakub também é construída pela voz do narrador e o que poderíamos traduzir como uma verdade romanesca termina por se transformar em expectativa: quem é o pai do narrador.

Trata-se de um romance carregado de mistérios e de dúvidas. Uma condição que impede a descrição da própria história ou interfere como uma lacuna, um espaço em branco sobre a própria origem daquele que narra a trama, na qual alguns fatos se tornam até certo ponto obscuros pelos avanços e recuos no tempo, pela dependência das lembranças dos narradores “coadjuvantes” o avô Halim, a mãe Domingas, usados pelo narrador-personagem.

Uma história de reminiscências, de recordações fragmentadas. Tais evocações ajustam a complexidade nas relações entre as personagens e corroboram na estruturação do romance. A memória tem papel preponderante na narrativa. Segundo Ecléa Bosi (2007, p. 280):

Nem é necessário defini-la: quando compreendemos já estamos dentro do objeto a conhecer. O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai numa intuição única passado-presente em momentos da duração. No processo de socialização tem lugar a memória-hábito, adestramento cultural. No outro polo, a lembrança pura traz à tona da consciência

um momento único, singular, irreversível da vida. Dessa breve evocação bergsoniana fique-nos a ideia da Memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças. Ela é segundo o filósofo “a conservação do espírito pelo espírito”.

Nael, diante de alguns retalhos do passado retoma a trajetória familiar através da memória. O enredo está entrelaçado diante de fatos ora vividos, presenciados ao mesmo passo que rememorados por outros personagens ao contarem fatos de histórias remotas. As imagens são recriadas e materializadas através das sensações e lembrança projetadas pelo narrador. A esse respeito, Bergson (1999, p.163) nos diz que a “lembrança pura” consiste em “percepções” e “sensações” que se transformam em imagens, de modo que “o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte do (meu) presente”.

A estruturação da identidade do narrador se dá a partir do outro e de suas reminiscências, o que provoca uma indeterminação de sua identidade. O narrador desenvolve sua identidade mediante descrição de relatos, o que proporciona uma viagem imaginária à sua verdadeira origem. Uma mistura entre memória e consciência. Segundo Bosi (2003, p. 16), “(...) Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”.

Vale observar que o narrador de *Dois irmãos* é invisível até o nono capítulo, é a partir dessa invisibilidade que ele constrói e reconstrói as reminiscências familiares na cidade de Manaus. Um olhar marcado pela exterioridade advinda dos limites do quintal da casa onde residia a família libanesa e também da sua condição de bastardo. Nos acrescenta Chiarelli sobre a condição de bastardia vivida pelo narrador (2007, p. 63 - 64):

[...] Nael também é uma espécie de membro adotivo: bastardo, curumim, filho da empregada doméstica com um dos patrões. Desta forma, constitui um ponto de vista externo/ interno, dada a possibilidade de estranhar o ambiente familiar ao mesmo tempo em que é estranhado por ele. É desse olhar marginal e fronteiriço que surge a possibilidade de reunir os restos da vida familiar.

Assim, observamos Nael sobre duas vertentes, a primeira como aquele cuja memória pessoal transita como discurso histórico que visa “compreender o passado como construtor do presente”, BACCEGA (1995, p. 66). Ao atentar sobre as vivências extraídas do passado, o sujeito deve aceitar o convívio do ato comunicativo também com o presente para juntos formularem o futuro. Bosi, nos fala sobre importância da junção de fatos pretéritos e contemporâneos para a manifestação de uma nova visão de mundo:

A interação não esgota o alcance da comunicação. Caso contrário, nós nos comunicaríamos apenas com os contemporâneos o que seria uma grande perda. E há formas de comunicação insubstituíveis como a conversa espirituosa entre amigos [...]. Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época [...]. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo. BOSI (2003, p. 19).

A necessidade de pertencer a algo ou a alguém dá ao narrador, através das memórias, um fôlego incansável à procura do sentido da sua existência e da origem patriarcal. O narrador tece em sua teia de lembranças evocações sobre suas raízes, sua posição em relação àquela família, o que em algum momento passa pela visão de terceiros tentando a interpretar a si mesmo.

Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado. Certa vez tentei fisgar-lhe uma lembrança: não recitava os versos do Abbas antes de namorar? [...]. Era um preâmbulo, e Zana se excitava com aquela voz grave, cheia de melodia [...]. Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre

tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio. (HATOUM, 2006, p.67)

Como o detentor de uma voz, Nael domina a narrativa, observável ao nível do enunciado por meio de “intromissões”, com as quais articula concepções sobre os eventos relatados, embora tenha sua identidade revelada apenas no nono capítulo. Com a posse delas, configura nesse universo a sua história.

Esse estado de incerteza do personagem Nael que, num primeiro momento vê o conflito vivido pelos irmãos Omar e Yakub, um enfrentamento que envolve basicamente todo o enredo; como narrador, omite sua identificação, que aparecerá apenas no nono capítulo; como personagem se estrutura através das memórias da infância e tenta encontrar a representação identitária por meio da sua linhagem, da sua condição social e emocional naquele ambiente e naquela família na qual cresceu, nela, contudo nunca se sentiu como membro.

2.1 Temas: um fascínio atrativo

Uma narrativa com temas provocadores, um enredo verticalizado em sua composição com trechos que fornecem informações e, ao mesmo tempo, suscita expectativas criando pequenas interrogações e respondendo-as à medida que a narrativa avança.

Na intenção de conquistar o leitor, uma fusão entre passado e presente, narrador e leitor, realidade e história. *Dois irmãos* traz conflitos entre

as culturas libanesa e brasileira, esta segunda também através da cultura indígena da região amazônica e de migrantes vindos de outras regiões do país; a sociedade dividida entre abastada e pobre do início do século XX, que tendem a estabelecer um sentimento de absurdidade entre o homem e o mundo, caracterizando-se pela separação entre o apelo do homem à unidade e à visão que ele tem do universo onde vive.

Temas como o ciúme, a rivalidade, o incesto, a condição sociocultural, a condição feminina e o exílio como forma de expatriamento ganham força no decorrer da trama romanesca e impacta o comportamento das personagens que agem e vivem sob influência desses comportamentos.

2.2 O ciúme, a rivalidade e o incesto

2.2.1 O ciúme

Por meio dos sentimentos conseguimos nos expressar demonstrando desejos, frustrações, expectativas, enfim, eles nos ajudam a viver através da nossa subjetividade. É através das emoções que somos capazes de compreender o mundo e suas manifestações.

O ciúme, Segundo Dorin (1978), se dá diante de um estado emocional em que se deseja obter a segurança sobre os sentimentos que uma segunda pessoa demonstra a uma terceira. Ferreira Santos (2003) conceitua o ciúme como sendo um desejo que um indivíduo sente pelo outro que pode provocar o medo pela perda. Para Freud (1989) trata-se de um estado afetivo que faz parte da vida inconsciente do sujeito. Alves (2001) vê o ciúme como uma emoção irracional que gera fantasias, imaginações e dúvidas. Dados os

conceitos, sabemos que o ciúme pode se apresentar de diversas formas para a sua manifestação, sendo elas positivas ou negativas.

Na trama romanesca, a imagem do ciúme é construída mediante sentimento de posse de um marido que não quer dividir o seu poderio sobre a mulher nem tampouco perder sua atenção. O ciúme é carregado de emoções que podem ameaçar e desestabilizar o relacionamento íntimo entre o casal. Um risco que o personagem Halim vê ao se deparar com as “ameaças reais” de ter filhos e os riscos de perder o objeto amado, sua esposa.

Halim, libanês casado com Zana, vive momentos nada comedidos de puro fogo e ardor sexual com a mulher e decide por si só não ter filhos. Um dos primeiros conflitos relacionados ao ciúme se configura diante da gravidez da mulher e conseqüentemente aumenta depois do nascimento dos gêmeos Omar e Yakub, que vão propiciar um certo distanciamento entre a esposa e o marido. Halim se vê posto de lado e decide enviar os gêmeos ao Líbano para ter então integralmente o amor da esposa de volta. Diante da recusa da mulher em mandar os dois meninos, que apela para deixar ao menos um alegando fragilidade em sua saúde. Halim envia Yakub que por causa do ciúme de não ser o gêmeo escolhido e pelo processo de rejeição vivido nunca perdoa a mãe pela escolha e se nega a conviver de maneira harmoniosa com o irmão.

Yakub e Omar nasceram dois anos depois da chegada de Domingas à casa. Halim se assustou ao ver os dois dedos da parteira anunciando os gêmeos. Nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois. O caçula adoeceu muito nos primeiros meses de vida. É também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não se despregava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama[...] (Dois Irmãos, 2000, p. 66-67)

Essa proteção extrema que envolve um dos gêmeos desencadeia conflitos que se desenvolvem durante a narrativa e tomam proporções significativas, findando em consequências que repercutem nos comportamentos, sentimentos e ações dos personagens.

Os processos de rivalidade entre os gêmeos vão além da família. Ambos acentuam esse desafeto por gostarem da mesma moça na adolescência a qual mais tarde se torna esposa de Yakub. Zana, como mãe enciumada, nunca vê mulher que seja capaz de estar à altura de seu filho preferido.

Segundo Freud (1989), o ciúme parte do inconsciente e é estrutural do sujeito. Tanto sua permanência, quanto sua existência e seus níveis dependerão das soluções ou dos desfechos possíveis diante do reconhecimento. Uns ditos normais, outros patológicos ao que sente e sofríveis a quem é dirigido. Na trama esse processo será mais um componente que estimulará também o duelo e a rivalidade entre os irmãos, um elemento a mais na evolução da hostilidade entre os gêmeos. A preferência materna e a disputa envolvendo o primeiro amor são parte integrante do círculo motivador de desavenças no enredo.

2.2.2 A rivalidade

No universo familiar, as relações trazem consigo vários desafios uma vez que é nesse espaço onde se apresentam as primeiras noções de compartilhamento de posses e de afetos, o primeiro contato social ao qual

busca desenvolver habilidades cooperativas que auxiliarão na preparação de futuros relacionamentos.

A relação entre irmãos deve ser vista como componente integral do mundo social do ser humano. Ao falar em rivalidade fraterna, simultaneamente evocamos os conceitos de conflito, ciúme ou competição. Esta condição firma-se em uma dimensão desarmoniosa do relacionamento familiar.

A descrição da rivalidade fraterna vem desde a antiguidade. A *Bíblia*, no livro de Gêneses, traz a representação de “Caim e Abel” pelo desejo de se sobressair perante Deus; “Esaú e Jacó” pelo destaque da primogenia e da necessidade de ser o detentor de todos os direitos, o favoritismo por parte de seus progenitores. A competitividade entre irmãos e a violência psicológica e física podem surgir entre irmãos e faz parte da história humana.

Em *Dois irmãos*, os gêmeos Omar e Yakub vivem em constantes disputas, ambos visam serem detentores de poder e posse, o amor e a atenção maternos, o desejo e a conquista da mulher amada refletem numa conduta instintiva de sobrevivência para os dois.

Era quase meia noite quando o caçula entrou na sala. Vestia calça branca de linho e camisa azul, manchada de suor no peito e nas axilas. Omar se dirigiu à mãe, abriu os braços para ela, como se fosse ele o filho ausente, e ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yakub. Ficaram juntos, os braços dela enroscados no pescoço do caçula, ambos entregues a uma cumplicidade que provocou ciúme em Yakub[...]

Para Yakub aquele jantar seria muito mais que uma celebração ao seu retorno, mas a recuperação do seu prestígio de filho que foi quebrado ao ser enviado ao Líbano. Ao adentrar em casa Omar mostra todo o seu poderio em relação ao objeto de disputa de ambos, a mãe. Vencer e superar o rival Yakub

no contexto de um triângulo social que compreende a pessoa enciumada, Omar, o sujeito amado, a mãe e o rival, o irmão.

A conturbada convivência em família onde estavam inseridos os gêmeos Omar e Yakub, trouxe conseqüências danosas à vida dessas personagens que resultaram num forte rompimento afetivo favorecendo a rivalidade entre eles, o que também propiciou conflitos e desestruturação da família. Esses irmãos seguem suas vidas em caminhos opostos tendo apenas como semelhança a aparência e o fato de não aceitarem uma possibilidade de reconciliação.

Percebe-se, através da trama, que os gêmeos embora possuam semelhanças físicas são sujeitos singulares, mesmo diante da insistência dos familiares em desejar torná-los iguais.

Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro (Dois Irmãos, 2006, p.13).

Rânia hipnotizava-se com a presença do irmão: uma réplica quase perfeita do outro, sem ser o outro (Dois Irmãos, 2006, p.17).

A mesma voz, a mesma inflexão. Na minha mente, a imagem de Yaqub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar (HATOUM, 2006, p.46).

Idênticos na aparência, porém com personalidades antípodas, que se configuravam pelo comportamental e pelo afetivo. Omar desde sua infância foi retratado com instintos agressivos, desde quando desafiava os “curumins” e “moleques parrudos”; passando para adolescência ao espancar o professor Bolislau e o acontecimento de maior relevância nessa fase quando difere um golpe no rosto do irmão por não aceitar o desvio do afeto de Lívia, seu primeiro amor, pelo seu irmão Yakub.

[...] alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. [...] O Caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão (HATOUM, 2006, p.22).

A agressividade sem medidas de Omar abria espaço para a necessidade de prejudicar o outro, quando a força física não o permitia ser um transgressor ele se aventurava pelas palavras para proferir humilhações, como fez com Nael em público ao referi-lo como “filho da minha empregada”.

Já o gêmeo Yakub, com ar introspectivo, sempre posto à prova, o cabeça pensante, o intelectual da família, desde a infância se cobrava para atingir o grau máximo da perfeição deixando de lado os seus desejos, lutando instintivamente para se manter “visto” diante daquela família, uma vez que via negligenciado seu direito de filho diante do afeto materno. Apresenta-se sempre como um homem austero, forte e de “passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável” Hatoum, 2006, p.11) nada comparado ao comportamento animalesco do irmão Omar.

A personalidade equilibrada de Yakub fez com que ele não reclamasse a ausência da mãe nem tampouco revidasse aos desmandos de agressividade do irmão. Enfrentou tudo em silêncio na certeza de que mais tarde conseguiria uma vingança. Só tinha espasmos de vingança quando era solicitado a falar sobre o tempo que viveu recluso no Líbano. Yakub dá início ao seu processo de vingança quando está munido de aparatos legais para executá-la.

Os gêmeos viam um no outro seres repugnantes, abominosos, intoleráveis, cuja companhia ou até mesmo uma recordação fosse rejeitada, evitada em todas as circunstâncias.

2.2.3 O incesto

Na busca de compreender o homem, muitos teóricos estudaram e estudam o comportamento humano. Tentar conhecer a natureza humana e suas relações com o meio individual, fisiológico, biológico objetivando as relações éticas, morais e institucionais é um processo longo de desenvolvimento.

Sobre o incesto, uma ligação entre relação sexual e contexto familiar, a trama romanesca diante do comportamento da irmã dos gêmeos, ao nutrir forte afeto pelos irmãos nos dá indícios de que nenhum dos seus pretendentes sintetizava as qualidades dos irmãos. Uma relação confusa entre o permissivo ou não. Para esses irmãos não era estabelecida a ordem familiar.

Rânia, a irmã mais nova dos gêmeos, prendada aos negócios da família demonstra ter uma relação de dileção e de sensualidade para com os irmãos, os vê como reprodução fiel do homem perfeito.

Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão, chispando para o quarto. (Dois Irmãos, 2000, p. 94)

Com o irmão Yakub, a caçula se derretia com carinhos e carícias, irracional e sem regras. Totalmente entregues aos estímulos, os irmãos se

lançavam ao erótico sem se deter a nenhum Tabu. Não se preocupam com esse ou aquele membro da família ou se surgiriam comentários sobre o comportamento de ambos. Estavam entregues as suas vontades, a seus desejos.

Ele desceu, tomou café e começou a ler um livro de cálculo de “grandes estruturas”; quando Rânia lhe mostrou as figuras emolduradas, fechou o livro e admirou as suas próprias imagens. [...] Ela mimava os gêmeos e se deixava acariciar por eles, como naquela manhã em que Yakub a recebeu no colo. As pernas dela, morenas e rijas, roçavam as do irmão; ela acariciava-lhe o rosto com a ponta dos dedos, e Yakub, embevecido, ficava menos sisudo. Como ela se tornava sensual na presença do irmão! Com esse ou com outro, formava um par promissor. Nos quatro dias de visita ela se empetecou como nunca, e parecia que toda a sua sensualidade, represada por tanto tempo, jorrava de uma só vez sobre o irmão visitante. Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele: um colar de pérolas e um bracelete de prata, que ela nunca usou na nossa frente. Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yakub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer. (HATOUM, 2000, p. 117)

Na obra observamos a utilização dos sentidos. A sensualidade e a sexualidade aflorados através do toque, o desejo a partir do que é visto. O sexual intimamente ligado ao grau máximo da natureza animal, a sobrevivência dos instintos, aliados a imaginação do narrador. Rânia é descrita com atributos da sensualidade feminina que elaboram uma cena de simbologia erótica.

Entre as relações insólitas que nos são revelados no romance hatouniano, tomemos o vínculo entre Rânia e o sobrinho Nael. Nos parece que esse parentesco é negado, o vínculo afetivo não se estabelece como tia e sobrinho, nem tampouco como um romance entre homem e mulher, o que se demonstra é uma relação carnal de puro fogo e gozo. Desse modo Krüger, no Ensaio intitulado *O mito da origem em Dois irmãos* (2007, p. 189) destaca:

Nael, o narrador, transa com a tia Rânia, substituta virtual de sua mãe, qual um novo Édipo possuindo Jocasta. A mesma Rânia, por

sinal também apaixonada pelos irmãos que, em virtude desse sentimento, não se casou nem aceitava propostas de casamento; ainda Rânia, trancando-se com o irmão Yakub no quarto, assim que ele chegou de São Paulo. Sobre isso, nada sabemos do que ocorreu, já que nenhum dos dois nada contou a Nael nem ele pode bisbilhotar para nos informar. Nada sabemos, mas não é difícil de deduzir.

Embora Nael tivesse o desejo de possuir Rânia, essa seria talvez uma vontade movida por ver os gêmeos se apossarem do corpo dela com carícias e esfregaços, talvez ele quisesse o mesmo.

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro. Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida. Depois ela falou um pouco, sem ânsia, olhando só para mim, com aqueles olhos amendoados e graúdos (Milton Hatoum, 2000, p. 206)

Nael faz menção ao desejo que sentia pela tia. A vontade de possuí-la como os gêmeos Omar e Yakub faziam, despertava a libido através dos sentidos, o tato através do afago, o paladar através dos beijos, a visão através do olhar. Ambos envoltos a uma sensualidade infindada, assim como se dava entre Rânia e os irmãos.

2.2 Condição sócio-cultural em *Dois irmãos*

Uma família de origem libanesa, aparentemente abastada, embora sem sobrenomes, formada por cinco membros, os pais Halim e Zana, os filhos gêmeos Omar e Yakub e a filha Rânia, tem sua saga narrada pela voz do neto bastardo Nael, representação da miscigenação, filho de Domingas, de origem indígena, manauara, advinda de um orfanato pronta a “viver de favores” em troca dos dotes domésticos, estilo de exploração de mãos-de-obra do Brasil do século XIX, uma agregada à família em função da própria sobrevivência.

Sobre a condição de agregado em estudo sobre a obra de Machado de Assis, nos fala Roberto Schwarz (2000, p. 16)

[...]seu acesso á vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm.

A exploração dos povos indígenas nas regiões interioranas do Brasil, sobretudo na região amazônica faz parte do processo de colonização. O Brasil deixou de ser colônia de Portugal, porém a exploração interna ainda vingava, ia desde o ciclo do ouro branco, com a exploração da borracha até a exploração das matas, dos rios, dos animais, e do ouro nos garimpos. Conforme Nenevé & Siepamann, (2001, p. 191) na Amazônia [...] de Milton Hatoum, ouvimos vozes de colonizadores e colonizados, de estrangeiros e indígenas, de muitas vítimas da colonização, como também vítimas da própria ganância.

O período histórico do romance vai do final do ciclo da borracha, passando pela Segunda Guerra Mundial e por fim termina pela tomada da cidade de Manaus pelo Golpe Militar de 1964. Assim se dá o período em que se inicia o desenvolvimento da capital amazonense e crescem as desproporções socioeconômicas que diretamente afetariam a população amazonense, dita manauara residente do interior. Uma população composta por indígenas, seringueiros, caboclos, migrantes e imigrantes e que aos poucos chegaram à capital em busca de melhorias.

Bueno (2012, p.39) nos fala sobre a economia e as transformações vividas no Brasil, sobretudo a Amazônia no século XIX, início do século XX:

O ciclo da borracha alterou de maneira significativa, não apenas a economia, mas também as relações sociais e culturais no Brasil. [...]As duas mais importantes vertentes do processo dizem respeito, de um lado, às formas brutais de exploração da floresta, e de outro, à riqueza proporcionada pela borracha.

Uma Manaus de metamorfoses, capaz de vivenciar a bela arquitetura através do pomposo Teatro Amazonas, do Porto Flutuante de Manaus, do Colégio Dom Pedro II, símbolos de modernização e da convivência com “barranco dos educandos”, os igarapés, as casas flutuantes, o lodo que faziam parte da miséria do povo.

A respeito do cenário urbano de Manaus dos séculos XIX e XX, Bueno, (2012, p. 49) diz:

Manaus, simultaneamente, foi uma das primeiras cidades do Brasil a vivenciar o espírito da belle époque, transformando-se de um simples vilarejo à beira do rio Negro em uma pujante cidade, dotada de infraestrutura urbana moderna, tornando-se a sede dos negócios que giravam em torno da borracha na Amazônia ocidental.

A própria casa da família de Halim, de construção luxuosa para a época, ostentava azulejos portugueses e era vista como símbolo da elite decadente da era do Ciclo da Borracha, tempo de riquezas.

O avô dela, um dos magnatas do Amazonas, aparecera na capa de uma revista norte-americana que a neta mostrava para todo mundo. Mostrava também as fotografias das embarcações da firma, que haviam navegado pelos rios da Amazônia vendendo de tudo aos ribeirinhos e donos de seringais [...] Seu casarão era um luxo, as salas cheias de tapetes persas, cadeiras e espelhos franceses; os copos e taças cintilavam na cristaleira, tudo devia ser limpo cem vezes por dia. O pêndulo dourado brilhava, mas o relógio silenciara havia muito tempo. (HATOUM, 2000, p. 61)

Embora fosse um tempo de muitas riquezas, a cidade de Manaus não conseguia oferecer um suporte igualitário a todos que ali residiam. A camada maior composta por pobres ficava sempre com os restos e era detentora de um papel secundário em relação às benfeitorias geradas pela economia. Não

tinham direito a praticamente nada e tinha consciência do “lugar” que deviam ocupar na sociedade.

Podia frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam. (p. 60.) [...] Eu mesmo ajudei a limpar e a pintar o quartinho. Desde então, foi o meu abrigo, o lugar que me pertence neste quintal. (HATOUM, 2006, p. 82.)

Cabe a Nael viver num espaço fronteiroço entre esses dois mundos, embora vivesse como sua mãe Domingas na condição de submissão. Não era índio nem tampouco fazia parte da casa onde nascera, filho de uma origem obscura. Viveu como filho da escrava, ou como “o filho de ninguém.”

Diante da condição de serviçal vivida por Domingas, o seu filho Nael cresce como um peso a mais na sua condição social. Traz em sua conjuntura de ser vivente dois adjetivos decadentes como se não bastasse a condição herdada da mãe, um agregado sem remuneração, ainda lhe cai sobre as costas a nomenclatura de bastardo. Uma criança e mais tarde um adulto que cresceu no limiar da afetividade oriunda daquela família. Vivia fazendo serviços de toda e qualquer natureza, em alguns momentos tentava poupar a mãe que dentro da sua “escravidão liberta” não parava um só instante os afazeres domésticos. Ele aos mandos e desmandos da avó que não o reconhecia como tal e ela como escrava que cedia também aos preceitos sexuais do gêmeo Omar: “Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão. (Hatoum, 2000, p. 241)

Um escravismo que dilacera as ideias de liberdade, desregradamente explorada, embora convencida de que antes ali que no orfanato onde vivia. Pelo menos tinha direito a um quartinho, mesmo que esse fosse nos fundos da casa, separado da casa principal por uma seringueira, podia assim ser “dona” da sua vida, pois o que via como liberdade era o direito que tinha de rezar quando queria, falar e discordar em alguns momentos e tinha o canto dela. Mesmo assim não deixava de ser escrava de seu próprio silêncio:

Louca para ser livre. Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (HATOUM 2000, p. 67)

O desejo de liberdade vivido por Domingas era tão forte que ela talhava a “ave que deseja voar”, numa alusão à vontade de se ver livre daquela vida sem remuneração, com muito esforço, sem direitos, e cheia de deveres:

Os bichinhos esculpidos em muirapiranga estavam arrumados na prateleira. Lustrados, luziam ali os pássaros e as serpentes. O bestiário de minha mãe: miniaturas que as mãos dela haviam forjado durante noites e noites à luz de um aladim. As asas finas de um saracuí, o pássaro mais belo, empoleirado num galho de verdade, enterrado numa bacia de latão. Asas bem abertas, peito esguio, bico para o alto, ave que deseja voar. Toda a fibra e o ímpeto da minha mãe tinham servido os outros. Guardou até o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava. Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula. (HATOUM, 2000, p. 182)

Domingas era “nada”, pois não ganhava pelo que fazia era tida como membro da família e não dispunha de privilégios. Sentia saudades da sua tribo, de seu povo, vivia à marginalidade e à mendicância.

Após a morte da mãe, Nael continua a habitar naquela residência e a fazer os serviços para Zana, como se as imposições da vida da mãe fossem

extensivas a ele. A escala de valores está nas entrelinhas do romance. A importância variava conforme os relacionamentos se nutriam. Domingas e Nael, pertenciam apenas um ao outro, mãe e filho a mercê da escravidão.

Essa situação periférica na qual se encontram Domingas e Nael além de ser um recurso de distanciamento do narrador, lhe confere a condição de observador do interior daquela casa e de todos que ali viviam.

2.3 A mulher no romance *Dois irmãos*

Existe uma visão preconceituosa ou limitada ao pensamos ou falarmos da mulher oriental. Em muitos casos, nos vêm em mente um julgamento de submissão e obediência, talvez pela vestimenta diferenciada com lenços, véus cobrindo-lhes a cabeça ou então resguardando o corpo todo com burcas, até mesmo uma inquietação em relação à opressão e a violência divulgadas pelos meios midiáticos. Supostamente são mulheres que vivem resignadas pela dominação masculina estipulada pelo Alcorão na religião islâmica.

No romance *Dois irmãos*, essa tradição é desfeita através das ações da matriarca da família libanesa e nos dá uma idéia diferente sobre essa mulher oriental. Por isso homogeneizar a cultura e acreditar que todos os orientais seguem à risca o Alcorão ou a religião islâmica de modo ferrenho é perigoso uma vez que as modificações culturais, os processos de imigração tendem a modificar muito essa ação e essa visão. Stuart Hall, em "*Da diáspora: identidades e mediações culturais*", ao falar sobre separação, dispersão de um povo para outros lugares, indaga: "[...] o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural?" (HALL, 2003, p. 28) A experiência de

diáspora e pátria vivida por Zana não foi suficiente para assegurar-lhe a identidade cultural. O cordão umbilical chamado por Hall (2003) de “tradição” que liga o “núcleo imutável e atemporal” foi quebrado. Zana aparece como uma mulher além do seu tempo e da sua origem, uma vez que tinha poder voz junto a sua família.

Uma mulher criada pela civilização ocidental, que tinha força para decidir sobre sua vida e em muitos momentos sobre a vida dos seus, que tinha o poder do julgamento. Foi dela o veredicto de casar com Halim, bem como a decisão de ter filhos, mesmo em oposição ao desejo do marido de viverem apenas um para o outro: “Quero filhos, pelo menos três” (HATOUM, 2000, p. 42). Sempre se deu ao luxo de ter sua voz respeitada dentro do seu lar e do seu casamento.

[...] Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice mimando-a [...]” (Hatoum, 2000, p. 54)

A matriarca da família através de sua voz e de suas vontades conseguiu o amor do marido. Mulher de personalidade forte, autocentrada e precisa nas decisões, tomava para si as direções e as rédeas da família, simbolizando assim o mito de Gaia no dualismo de gerar e devorar os filhos. Devorar no sentido de querê-los para si. Não apreciava os pretendentes da filha, não aceitava de bom grado a nora e não admitia que nenhuma mulher pudesse tomar o seu lugar no coração do filho caçula.

Essa ambigüidade fundamental da mulher que dá a vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos, e especialmente expressa pelo culto das deusas-mães. A terra é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos, sob o solo ou na água profunda. É o cálice da vida e da morte [...] (DELUMEAU, 1993; p. 312).

Uma mulher de instintos fortes, marcantes, que estabelece um lugar relevante na narrativa, que protagoniza a origem e o fim da família.

Pelos costumes libaneses a mulher é responsável por transmitir os traços culturais a seus descendentes. No romance não fica muito clara essa perpetuação por parte da mãe de Zana nem dela própria para com os três filhos.

Rânia, a filha única de Zana e Halim traz em sua composição física traços fortes de mulher bonita e magra, de olhos amendoados. De uma personalidade antagônica, uma construção sexual supostamente incestuosa vivenciada pela predileção aos irmãos e ao sobrinho, talvez fosse esse o motivo de nunca ter casado, ou até mesmo não aceitar ser cortejada pelos pretendentes advindos da vontade de sua mãe. Chegou até a levar em sua casa um pretendente, mas diante da recusa de sua mãe pela sua escolha resolveu não querer mais ninguém, viveu um estranho enclausuramento; forte por seguir incessantemente a carreira de comerciante originária do pai mesmo com as dificuldades financeiras pelas quais passavam aquele estabelecimento. Embora tivesse um amor desmedido pelos irmãos, a caçula da família nunca foi capaz de unir os irmãos gêmeos, suas tentativas aumentavam mais a desunião.

Domingas, índia, órfã, agregada à família, entregue a Zana quando menina pelas freiras do orfanato viveu para a realização de serviços domésticos. Tinha uma condição de escrava liberta. Não recebia salários, não dispunha de dias de folga, a ela eram entregues a casa e a comida daquela família.

No Norte do Brasil, os índios e seus descendentes destribalizados foram incorporados às famílias de cidades como Manaus. Ainda é comum, hoje, fazer vir dos rios Solimões e Negro, onde se concentra grande parte das populações originais, meninas das quais as famílias manauenses cuidarão como sendo da casa, às quais tentarão dar o status de um elemento da família, mas que são, ao mesmo tempo, as responsáveis pelas demais crianças, pelo preparo do alimento, pela limpeza, pelo cuidado com as roupas e, não raro, pela iniciação sexual dos meninos da casa (ALBUQUERQUE, 2006, p. 132)

A índia manauara serve como um contraponto à soberania discursiva da matriarca Zana, embora pertencentes a opostos sociais, uma patroa, a outra empregada. De universos sociais distintos, porém com algumas coincidências em suas vidas, ambas vivem em universos diferentes dos de origem, não tiveram a presença materna em suas vidas, são mães que amam seus filhos, dividem o amor e os cuidados aos os gêmeos, e vivem a religião.

[...] Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.” (Dois Irmãos, p. 48)

Hatoum mostra a submissão da índia agregada à família que traz em seu silêncio uma voz provocadora, ao mesmo tempo periférica e central; a representatividade do poder da matriarca da família de personalidade forte e marcante.

Nesse contexto de dominação e dominado, surgem as “características” atribuídas aos colonizados, no caso Domingas. O colonizador, no caso Zana e sua família justificam o poder e a soberania. No contexto de colonização, Hall (2003, p. 108) diz que: “[...] nunca foi algo externo às sociedades[...] As diferenças entre as culturas colonizadora e colonizadas permanecem profundas.”

2.4 As marcas proporcionadas pelo “exílio”

O dicionário nos dá muitas definições a respeito da palavra exílio. Podemos definir esse processo como sendo uma das piores marcas de rejeição sofridas por um ser que vive em comunidade, sentir-se expatriado.

Na trama romanesca “Dois irmãos”, Yakub um dos gêmeos filho do casal Zana e Halim teve que conviver desde a infância com um desprezo afetivo por parte dos pais sendo mais acentuada por parte da mãe. Vivia um exílio subjetivo das relações afetuosas parentais por meio da predileção materna pelo outro irmão e pelo ciúme desmedido do pai.

Ao buscar caminhos para não dividir mais a mulher com os filhos, Halim tenta afastá-los do convívio familiar e sugere a ida dos gêmeos para o Líbano. Zana convence o marido que Omar, seu filho caçula, tem uma saúde frágil e assim o livra desse exílio forçado, porém Yakub não tem a mesma sorte e na sua adolescência é forçosamente obrigado a aceitar essa dissociação com a família.

Sobre a condição de exilado, SAID, (2003, p. 43) diz:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada

Nesse exílio Yakub passa por algumas dificuldades e vivendo tais adversidades consegue se tornar um engenheiro de sucesso.

A condição de ser da família e ao mesmo tempo se ver fora dela, viver o não pertencimento simbolicamente como um “arquipélago humano” (Vieira, 2007, p. 112) um conjunto de pequenas ilhas associadas às experiências vividas.

O romance, mais do que o relato de um duelo infindável entre irmãos, é o mosaico de conflitos sucessivos. Como não podia ser diferente, Yakub repudia o exílio a que foi submetido, exílio esse que em outros tons soa também como um castigo, pois não viajou como um turista ao país dos seus antepassados, foi viver de maneira imposta, já não era mais do Brasil, não era do Líbano, não era mais de lugar algum.

Mandado a se firmar em terras distantes, Yakub é forçosamente obrigado a se redescobrir e reformular a própria identidade na passagem da infância para a adolescência, aos treze anos. O impacto dessa atitude para com o menino repercutiu durante toda a sua existência:

Não entendia [Yaqub] por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois. [...] e ele não queria se lembrar do dia da partida. Sozinho, aos cuidados de uma família de amigos que ia viajar para o Líbano. Sim, por que ele e não o Caçula, perguntava a si mesmo. (Hatoum, 2000, p.20)

Cinco anos após seu retorno, Yakub tem um sentimento de não pertencimento do lugar, desenraizado desde a “origem” daquela família, daquelas pessoas, e já não é mais aquele que saiu. O seu futuro foi selado no momento do expatriamento, já não é mais o mesmo, pois adquiriu novos hábitos, novas experiências, assumiu o papel do “outro” diante dos traumas vividos: “Talvez nada, talvez nenhuma torpeza ou agressão tivesse sido tão violenta quanto a brusca separação de Yaqub de seu mundo. (Hatoum, 2000, p.116).

Sobre a questão do deslocamento e o retorno, o sentimento de não pertencimento, a sensação de “não estar em casa”, Hall reflete:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é traduzido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. (CHAMBERS, 1990, apud HALL, 2003, p. 27 – grifos do autor)

Um distanciamento provocado pelo espaço físico e afetivo, uma instabilidade provocada pelos desmandos das relações familiares, uma condição de desenraizamento vividos pelo personagem, um verdadeiro exílio existencial.

CAPÍTULO III

VIVÊNCIAS DO ROMANCE EM SALA DE AULA

Acreditar na literatura como geradora de reflexões, como suporte para a abertura de novos horizontes constitui-se uma das razões que motivaram a nossa pesquisa. Partimos da crença de que o texto literário é um objeto de várias facetas, que pode interferir de maneira particular na vida do indivíduo leitor, na sua maneira de ver o mundo e em suas reflexões. Jouve (2002, p. 126) afirma que a literatura interfere de maneira significativa na forma de pensar do ser humano :

Assim, é possível concluir com Jauss que, graças à leitura, as obras literárias têm uma importância muito grande na evolução das mentalidades: podem, em certos casos, pré-formar os comportamentos, motivar uma nova atitude, ou transformar as expectativas tradicionais.

Vale ressaltar ainda que viver o texto literário “não consiste em conformar seus atos ao que se pode ler nele, mas em transpor para a sua vida fórmulas emprestadas na obra lida.” (JOUVE, op. cit., p. 128).

Buscamos trabalhar na nossa pesquisa a leitura de um romance na íntegra por entendermos que o trabalho com fragmentos não permite ao aluno vivenciar experiências, sentimentos, conhecimentos, que só a leitura da obra na sua totalidade proporciona. A didatização do texto em função do suporte pelo qual é transmitido, fenômeno já discutido por Lajolo (1982, p. 29), pode dissociar a real função da obra literária e atribuir uma função pragmática ao texto. Para Zilberman, (1998, p. 111):

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé conceito de leitura-texto-exercício [...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se

justifica quando explicita uma finalidade - a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer

Nossa experiência de trabalho com o romance suscita o impacto que o texto pode provocar no sujeito leitor observando o efeito provocado pela obra, bem como a recepção mediante destinatário ativo e livre. Vimos que o romance *Dois Irmãos* por conter diversos temas desafiadores que promovem reflexões, colaboraria para a mudança do horizonte de expectativas de que fala Jauss (apud ZILBERMAN, op. cit., P. 34) ao se referir à aquisição de experiências adquiridas pelo leitor. Discutiremos, a seguir, o percurso da nossa pesquisa, seus objetivos e a metodologia que foi utilizada.

3.1 Natureza da pesquisa e objetivos

Escolhemos apresentar a obra *Dois Irmãos* a uma turma de adolescentes de uma escola pública, cuja faixa etária variava entre 15 e 18 anos.

Estipulamos os seguintes objetivos para essa experiência de leitura:

- 1 - constatar se é possível trabalhar um romance na íntegra;
- 2 - observar de que modo se daria a recepção do romance pelos alunos diante dos temas presentes na obra;
- 3 - identificar possíveis dificuldades apresentadas no processo de leitura;
- 4 - levar os alunos a vivenciarem uma experiência estética em sala de aula.

Já que se tratava de uma pesquisa-ação, objetivando, sobretudo, investigar como se daria a recepção da leitura do romance pelos alunos. Por se tratar de uma pesquisa definida como “uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”

(MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 89-90) consideramos a pesquisa-ação ideal para a nossa proposta.

A experiência estética segundo Jauss (1979), vinda da leitura do texto literário, nos vale por determinar prazer pelo que se lê e liberdade no ato de ler, sem ter que se deter a obrigações. Ao discutir a concepção de experiência estética, Jauss aponta três categorias: *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis*.

A *poiésis* corresponde à caracterização de Hegel sobre a arte, segundo a qual o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de 'sentir-se em casa, no mundo', ao 'retirar do mundo exterior a sua dura estranheza' e convertê-la em sua própria obra. (JAUSS, 1979, p. 101)

A *poiésis* designada por Jauss para determinar no leitor a condição de colaborador, ou seja, co-autor do texto: "Nesta atividade, o homem alcança um saber que se distingue tanto do conhecimento conceitual da ciência quanto da atividade finalística do artesanato possível de reprodução" (JAUSS, op. cit., p.101).

A *aisthesis* relaciona-se "ao prazer estético da percepção reconhecadora e do reconhecimento perceptivo, explicado por Aristóteles pela dupla razão do prazer ante o imitado." (JAUSS, op. cit., p. 101). Dispomos, assim, da consciência receptora que se dá através do efeito instigado pela obra no indivíduo que viabiliza o reconhecimento de novas percepções de mundo.

A última categoria, a *katharsis* refere-se ao "prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o expectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique" (JAUSS, op. cit., p. 101). Nela explica que enquanto situação de comunicação básica diz respeito:

Tanto à tarefa prática das artes como função social – isto é, servir de mediadora, inauguradora e legitimadora de normas de ação -, quanto à determinação ideal de toda arte autônoma: libertar o expectador dos

interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, a fim de levá-lo, através do prazer de si no prazer no outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar. (JAUSS, p. 101-102)

Na tentativa de reconhecer o horizonte de expectativas dos alunos envolvidos no experimento com a leitura do romance *Dois irmãos*, iniciamos um trabalho de campo, que na esfera das ciências sociais se estabelece de modo qualitativo.

3.2 Contexto da pesquisa: a escola, os primeiros contatos

Importante pensarmos no trabalho de campo, uma vez que nossa escolha se deu por trabalharmos com jovens com os quais pretendíamos vivenciar uma experiência de leitura com romance em sala de aula. O terceiro ano do ensino médio apresentou-se como público ideal, por entendermos terem leituras prévias de alguns gêneros e até mesmo de romance e por comporem uma faixa etária por nós previamente estabelecida, tendo em vista o romance escolhido. Nossa pesquisa se deu no ano de 2016. A instituição educacional selecionada foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão da Cunha, situada no bairro dos Bancários, na cidade de João Pessoa - PB. A escola conta com onze professores, uma supervisora, uma orientadora pedagógica, uma articuladora pedagógica, inspetor, auxiliares de serviços gerais, porteiro, merendeira e readaptados. Dispõe de oitenta e sete alunos matriculados em todo o ensino médio, sessenta e dois alunos matriculados no EJA, perfazendo um total de cento e quarenta e nove alunos divididos em três turnos. A clientela atendida nesta unidade estudantil é, em sua maioria moradores dos bairros Bancários e Timbó. O corpo docente é composto por profissionais graduados, especialistas, mestres e doutorandos.

O diretor nos recebeu de maneira cordial e ouviu nossa proposta de maneira entusiasmada e não se opôs, deixando claro que dependeria do aval da professora de português; caso ela concordasse, ele não faria objeção. Sendo assim, agendamos um encontro com a professora de português.

No dia e hora agendados, comparecemos à escola e apresentamos a proposta à professora. Expomos os motivos pelos quais o terceiro ano do ensino médio se afigurava como a turma ideal para o nosso experimento de leitura de romance, formalizando, assim, nossa solicitação de apoio e colaboração, tanto para a realização de conversas quanto para a viabilidade de ceder a turma para nossa intervenção.

A efetividade da nossa pesquisa se deu graças a boa aceitação e acolhimento por parte da professora titular da disciplina, do apoio e da colaboração do professor orientador, que se portou sempre solícito. Essa cooperação favoreceu o desenvolvimento da pesquisa. Ao conversarmos com a professora titular deixamos claro que nossa pesquisa auxiliaria também o crescimento intelectual dos alunos e conseqüentemente, traria benefícios para a turma.

3.3 A aplicação dos questionários

Aplicamos os questionários⁷ tanto com a professora titular quanto com os alunos. As perguntas foram formuladas com o objetivo de conhecer o universo de leitura deles, entender seus gostos, suas preferências e como se estabelecia a relação de leitura dentro do universo escolar.

⁷ Os questionários aplicados com a professora e com os alunos estão no anexo 1.

Além do questionário, tivemos uma conversa informal com a professora titular no intuito de obter mais informações sobre a turma, a metodologia utilizada para tratar de textos literários e alguns dados sobre o horizonte de expectativa dos alunos.

O questionário foi respondido por 10 (dez) alunos dos 15 (quinze) que compunham a turma, os demais haviam faltado à aula. Através da sequência de perguntas obtivemos informações como: Nossa primeira pergunta foi: Você gosta de ler? Dos 10 (dez) entrevistados 03 (três) responderam sim, falaram que já leram romance. MA respondeu que a leitura mais recente foi *O Mundo de Sofia*, no final de 2015 e enumera como principais livros lidos: *O Banquete*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *República*, *Assassinato no Expresso do Oriente*, *Símbolo Perdido*, *Anjos e Demônios*, *Cidade dos Ossos*, entre outras obras. Afirma que a que mais causou estranheza “talvez não seja estranheza, mas sim um tipo de curiosidade, pois os livros de Platão e Dam Brow causam essa estranheza pelo fato de ser extremamente enigmático”. Disse também que não costuma ir à biblioteca da escola. Diante das leituras feitas e expostas pela aluna, ela confessa não ter o hábito de ir à biblioteca.

Y nos relatou que gosta de ler, mas não fez nenhuma leitura recentemente, disse que já leu *Romeu e Julieta*, *Primeiro amor* e outras obras, indica como os principais livros lidos *A Esperança*, *A culpa é das Estrelas*, *A porta de chave*, entre outros e o que mais causou estranheza foi *Primeiro amor*. Falou que não costuma ir à biblioteca. “As vezes pesquiso mais internet. Deveria investir em livros na biblioteca.” O aluno Y não tem uma leitura vasta de livros e acredita ser mais fácil pesquisar e fazer leituras utilizando a

tecnologia através da internet, mas acredita que deveria usar mais os livros que estão na biblioteca.

TH respondeu que gosta de ler e a leitura mais recente foi *Cinquenta tons da liberdade e Gabriela*. Os principais livros que leu foram *Diário de um banana* (coleção), *A culpa é das estrelas* e a trilogia *Cinquenta tons*, disse ainda que ao ler o livro *A culpa é das estrelas* “Foi um momento ótimo, mas o livro é muito reflexivo”. Um livro que suscita reflexões faz com que o aluno consiga estabelecer algumas pontes entre a obra, entre si e o mundo que o cerca. Jouve (op. cit. p. 19) fala a esse respeito: “Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente - talvez, sobretudo - sobre sua afetividade.” Em relação à ida à biblioteca “algumas vezes, mas sem muita frequência”.

L disse que gosta de ler um pouco apenas, que recentemente não leu nenhum livro, que os principais livros que leu foram *Diário de um Banana*, a coleção quase toda que dispõe de onze livros ao todo. *A saga crepúsculo* e *Na porta da geladeira*. Que não costuma ir à biblioteca. A aluna disse gostar de ler apenas um pouco. Outro dado interessante é a quantidade de livros presente na coleção *A Saga Crepúsculo*, um total de quatro livros.

AR afirma que gosta de ler um pouco, ao falar sobre a última leitura que fez, respondeu: “não me lembro”, os principais livros lidos: *Chapeuzinho Vermelho* e *Os três Porquinhos*. As respostas do aluno AR demonstraram um ar de brincadeira. Não costuma ir à biblioteca.

GUI respondeu que gosta de ler um pouco, que a leitura mais recente foi: “*O atirador*”, ano passado. E não costuma ir à biblioteca.

O aluno GA respondeu que não gosta de ler, que a sua leitura mais recente foi: “Padre Marcelo, o ano passado”, que não leu nenhum romance. Ao ser indagado se algum texto causou emoção ou estranheza, o aluno respondeu: “Sim, mas não lembro o nome do texto, e a ocasião foi em casa, quando eu estava muito triste”. Observamos que o aluno GA não lembra o título da obra lida, mas lembra do autor do livro. Não tem lembrança também do nome da obra que mais lhe chamou a atenção, porém consegue lembrar onde estava e o estado em que se encontrava no momento da leitura. Podemos deduzir, a partir desse fato que a leitura pode ter sido significativa diante do estado de tristeza mencionado pelo aluno. O aluno disse não ter o hábito de ir à biblioteca.

A aluna GB disse que a leitura mais recente foi *Quando uma garota entra num bar*, há um mês, o romance que leu foi *Cinquenta tons de cinza*, os principais livros lidos foram: *Horóscopo*, *O que Realmente Importa* e *Guardião dos Segredos*. Que não costuma ir à biblioteca.

KA respondeu que dependendo do texto gosta de ler, a leitura mais recente foi: “*Inocência*, de Visconde de Taunay. Início do mês de abril”, que já leu o romance *Senhora*, de José de Alencar, que os principais livros que leu foram: *A Moreninha*, *Menino de Engenho*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O texto que mais a emocionou foi: “*Soneto de fidelidade*, de Vinícius de Moraes. “O texto me emocionou por ter sido declamado pelo meu namorado como jura de fidelidade.” Não costuma ir à biblioteca, pois: “[...]na maioria das vezes faço leitura pela internet ou compro livros”. Pelo relato da aluna KA percebemos que ela gosta de escolher as leituras que faz. O texto que mais a emocionou foi um poema. O modo como a poesia foi abordada favoreceu o

encontro efetivo, entre o texto e o leitor, “[...]entidade coletiva a quem o texto se dirige [...]”, conforme defende Zilberman (2004, op. cit., p. 16), para quem a leitura é tomada como um ato resultante dessa experiência estética com seu efeito no destinatário”

O aluno TG diz que depende do texto, “[...]essa semana comecei a ler alguns textos.”, que leu o romance *Cinquenta tons de cinza* e que o principal livro que leu foi *Capitães de areia* e sobre um texto que emocionou ou causou estranheza “[...]foi no ano retrasado quando eu estudava no 1º ano, não sei o nome do livro mais sei a ocasião, foi numa roda de leitura”. Não tem o hábito de ir à biblioteca. Sabemos que é importante a escola auxiliar o professor nas atividades escolares, sobretudo, abrindo espaços de promoção para a leitura de textos literários. O aluno TG relata a ocasião na qual fez a leitura de um texto na sua totalidade, em uma “roda de leitura”.

Diante dos relatos dos alunos, resolvemos fazer um quadro demonstrativo das obras e autores por eles lidos:

OBRAS	AUTORES
O Mundo de Sofia	Jostein Gaarder
O Banquete	Platão
Memórias Póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
República	Platão
Assassinato no Expresso Oriente	Agatha Christie
Símbolo Perdido	Dan Brown
Anjos e Demônios	Dan Brown
Cidade dos Ossos	Cassandra Clare
Romeu e Julieta	William Shakespeare
Primeiro Amor	Ivan Turgueniev
A Esperança	Suzanne Collins
A Culpa é das Estrelas	John Green
A Chave na Porta	Lygia Fagundes Telles
Cinquenta Tons de Liberdade	E. L. James
Gabriela	Jorge Amado
Diário de um Banana – coleção	Jeff Kinney
Cinquenta Tons – trilogia	E. L. James
A Saga Crepúsculo – coleção	Stephenie Meyer

Na Porta da Geladeira	Alice kuipers, Rodrigo Neves
Chapeuzinho Vermelho	Charles Perrault
Os Três Porquinhos	Walt Disney
O Atirador	Chris Kyle
Padre Marcelo	O aluno não colocou a obra, só o autor
Quando Uma Garota Entra Num Bar	Helena S. Paige
Horóscopo	Revista
O que Realmente Importa	Anderson Cavalcante
Guardião dos Segredos	Stella Maris Rezende
Inocência	Visconde de Taunay
Senhora	José de Alencar
A Moreninha	Joaquim Manoel de Macêdo
Menino de Engenho	José Lins do Rego
Soneto de Fidelidade – poema	Vinícius de Moraes
Capitães de Areia	Jorge Amado

Os dados recolhidos nesta pesquisa revelam que os alunos leem, sobretudo, obras que são consideradas best-sellers. Há pouca presença da literatura brasileira, citada apenas em três respostas. Das 33 (trinta e três) obras citadas, 09 (nove) correspondem a obras brasileiras. Por outro lado, a aluna MA se revela leitora de obras bem diversas. Observando a quantidade de livros presentes nas coleções vimos que a coleção *Diário de um Banana* tem um total de 11 (onze) livros lançados no Brasil, *Cinquenta Tons* consta de 03 (três) exemplares distintos na sua coleção e *A Saga Crepúsculo* conta com 04 (quatro) livros na sua coleção. Esses dados revelam que mesmo que se apregoe que os jovens não leem, há uma significativa quantidade de leitores.

Ao conhecermos o ambiente escolar, fomos à biblioteca. Pudemos observar que o ambiente é agradável, bem ventilado, silencioso existe espaço amplo com mesas e cadeiras, prateleiras e armários para guardarem os livros, disponibiliza de duas funcionárias para auxiliarem os alunos. Essas duas funcionárias são professoras efetivas antigas que estão afastadas da sala esperando a aposentadoria, são chamadas de readaptadas. Ao observarmos

os livros presentes na biblioteca, percebemos apenas um livro do autor que estamos estudando, *Cinzas do Norte*. A quantidade de livros de literatura é bem pequena, apenas alguns dentro de um dos armários, as estantes estão repletas de livros didáticos de todas as séries de anos anteriores, os quais são utilizados pelos professores como fonte de pesquisa em sala de aula.

No livro de registro de retiradas da biblioteca constam apenas dois registros de retiradas de livros por alunos do terceiro ano do ensino médio, uma dia 29/02/16 de um livro didático outra dia 30/03/16 do livro de contos juvenis *O man e o brother*, de Dilan Camargo.

Os livros didáticos utilizados pela turma do terceiro ano do ensino médio são: Português: Linguagens em conexão, volume 3, das autoras Sette, Travalha e Barros, este utilizado como livro titular. Já os livros Português Linguagens: volume 3 dos autores Cereja e Cochar Magalhães, que traz no seu contexto literatura, produção de texto e gramática e Contextualizando a Gramática - Ensino Médio I, de Laércio Cordeiro e Newton Coimbra, são utilizados para pesquisas e trabalhos em sala de aula.

Vimos que os livros “Português: linguagens e conexões : volume 3” e “Português Linguagens – literatura, produção de texto e gramática” trazem no contexto alguns conceitos de época, escola literária, autores que marcaram determinados períodos e na sua maioria poemas com estudo de texto e atividades, os fragmentos de romances são mínimos, encontramos um número maior de textos poéticos, sobretudo no livro de Cereja e Cochar. O livro “Contextualizando a gramática” está voltado para o estudo puro da gramática e questões do ENEM.

Perguntamos no questionário se a professora indica livros a serem lidos na íntegra. Quatro alunos responderam que não, os que responderam sim, completaram as respostas como: “Sim, mas cita poucas obras”, “Sim, romance”, “Sim, atividades com leitura”, “Sim, recomenda (redação) livros da nossa atualidade” e um aluno respondeu: “algumas vezes”. Percebemos que a turma ficou um pouco dividida entre as respostas. Ao perguntarmos se a professora utiliza outros livros fora o didático em sala de aula, oito alunos responderam que não.

O aluno TG respondeu que: “sim, mais não é livros, ela resume um livro e coloca em uma folha, nem sempre usamos livro. O aluno Y nos respondeu sobre a professora trabalhar com outros livros fora o didático do terceiro ano: “sim, das outras salas, elaborado pela professora outras cópias”.

Diante das respostas dadas constatamos que o livro didático do terceiro ano do ensino médio não é o único objeto de trabalho utilizado pela professora, que disponibiliza resumos com assuntos relacionados às escolas literárias para a turma, e traz também o livro didático de outras séries, que obras são sugeridas, porém não são lidas nem analisadas em sala de aula e ao serem trabalhadas muitas vezes vêm em resumos trazidos pela professora. Vimos que alguns alunos fizeram leituras de clássicos brasileiros, best-sellers e outros textos, que estas leituras não foram feitas em sala de aula, foram lidas em outras ocasiões.

Ao analisarmos o questionário da professora titular vimos que as respostas não fogem muito ao que os alunos mencionaram:

Utilizo o livro didático desse ano e mesclo com o do ano passado e de outras turmas, trabalho com interpretação de textos utilizando tirinhas, eles focam muito na redação, querem mais trabalhar o lado da produção

textual. É bem complicado trabalhar o texto na íntegra, eu indico obras a serem lidas na maioria das vezes.

Concluído esse processo de aproximação e conhecimento da turma, passamos à fase seguinte da pesquisa que consta das vivências da leitura do romance em sala de aula.

Nosso planejamento para desenvolver a pesquisa teve como objetivo uma metodologia que pudesse favorecer o diálogo entre texto e leitor. Saímos um pouco do universo tradicional, das práticas historicistas trabalhadas nas aulas de literatura do Ensino Médio.

Conforme registro das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006, p. 63:

Um declínio da experiência de leitura de textos ficcionais , seja de livros de Literatura infanto-juvenil, seja de alguns poucos autores representativos da Literatura brasileira selecionados, aos poucos cede lugar a história da Literatura e seus estilos.

Trabalhar o texto integral em sala de aula tem sido uma prática constante na nossa atuação como docente durante os vinte e dois anos na atividade educacional, entretanto sempre trabalhamos com textos curtos que envolvem uma leitura mais ágil. Nosso maior temor era o de não conseguir envolver a turma, uma vez que as leituras teriam pausas, uns capítulos poderiam ser mais envolventes que outros, de maior ou menor extensão, nem sempre todos os temas chamariam a atenção de todos. Esse foi nosso maior desafio, trabalhar a leitura de um romance na sua totalidade sem causar desinteresse por parte da turma, além de suscitar discussões e solicitar um registro dessas leituras por parte dos alunos.

3.4 Vivências da leitura e recepção em sala de aula

Em 6 (seis) encontros de 100 (cem) minutos cada, trabalhamos questionário, vídeos, leituras, discussões dos diversos temas presentes no romance.

No que tange à maneira de como registramos nossa experiência, decidimos gravar em áudio as nossas intervenções para uma possível transcrição, direção e alunos estavam conscientes das gravações. Além disso, resolvemos utilizar o “Diário de leitura”, no qual os alunos registravam suas considerações sobre a leitura da obra com total liberdade para escrever suas impressões. Acompanhamos os procedimentos de leitura em sala de aula e discussões, porém só fazia interferências quando solicitada ou quando julgava necessário. Assumimos, portanto, o papel de mediador, em conformidade com as reflexões postas no OCEM:

O estatuto do leitor e da leitora, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. (OCEM, 2006, p. 72)

Entramos no consenso em relação à maneira como as leituras iriam ser feitas. Os alunos optaram por fazerem a leitura em voz alta e dividida entre eles o que facilitou a participação de todos nos processos de interpretação e compreensão do que estava sendo lido.

Tivemos o cuidado de não metodizar nossa pesquisa em uma única direção buscando um ideal absoluto, mas garantindo discussões solidárias.

Acreditamos que o texto literário pode promover diante das estratégias de leitura um trabalho criativo no qual o leitor poderá ser capaz de interagir através dos temas sem se subjugar a verdades irrefutáveis.

3.5 Primeiro encontro

Ao entrar na sala, cumprimentamos a turma, ficamos receosos, pois a todo instante os alunos nos indagavam sobre a importância de trabalhar a produção de textos. Na verdade eles não queriam muito saber de ler romance, eles desejavam trabalhar produção textual para o ENEM, essa era a real preocupação deles. Pedi que esquecessem por um instante o ENEM e focassem um pouco na proposta que nós estávamos trazendo naquele momento.

Diante dos dados coletados anteriormente a partir do questionário que aplicamos em sala de aula conversamos um pouco sobre as leituras já realizadas anteriormente por eles, seus gostos e suas preferências, em seguida dialogamos sobre os temas existentes no livro como: irmãos gêmeos, amizade fraternal, sexualidade, incesto, diversidade social e cultural, paternidade oculta, mesmo sem o conhecimento prévio deles que esses temas estariam no livro. Alguns alunos manifestaram suas opiniões sobre o que estávamos conversando: a aluna GB falou:

Acho muito importante a gente ser unido com os irmãos, é a família da gente, a gente deve valorizar o povo de casa, tem gente que fala mais com os amigos do que com a família, acho que amigo de verdade é o povo de casa que ajuda nas tristezas e fica alegre quando a gente se dá bem, algumas pessoas de fora se fazem de amigas e tem é inveja quando a gente consegue alguma coisa boa, tipo até com uma nota boa na escola

Y acrescentou com sua fala:

Sou um homem e sei que é muito bom fazer sexo (risos), mais a gente sabe que tem que se prevenir de doenças e pra não ter filho, as consequencias são complicadas, minha mãe sempre fala nisso que não é só ter filho, que tem que estudar e se formar primeiro, as coisas estão muito caras, eu mesmo só quero ter filho depois de me formar e ter meu carro e meu apartamento

A aluna GB interferiu perguntando: “E se acontecer?” Y respondeu: “Aí lascou tudo, a pessoa vai ter que trabalhar né pra sustentar, mais pra que existe camisinha minha filha? (risos)”

Perguntamos sobre os conhecimentos dos alunos sobre as culturas amazonense e libanesa. A aluna MA falou um pouco sobre o que havia visto na TV, especialmente nas telenovelas, jornais e propagandas: “Acredito que a maioria da turma conhece o que passa na televisão e o que a gente vê nas revistas, me corrijam se eu estiver errada gente”. Y completou a fala da colega: “É isso mermo, muita coisa a gente conhece pela televisão, a gente nunca foi nesses lugares, eu não mermo num conheço ninguém desses lugares não.”

Após esta conversa inicial passamos três vídeos, o primeiro trazia uma visão geral sobre o Líbano, e contava a história dos libaneses ao chegarem ao Brasil. Mostrava também um pouco seus costumes, culinária, sua maneira de trabalhar intitulado *130 anos de imigração libanesa no Brasil*⁸. O vídeo nos apresenta as belezas libanesas, o território, os costumes, vestimentas.

Após a apresentação do primeiro vídeo os alunos comentaram sobre a beleza do lugar, falaram também da maneira como os libaneses se vestem, sobretudo os homens. Mencionaram não saberem que os libaneses eram excelentes comerciantes, que tinham criado a escrita. Destacaram que a vinda dos libaneses para o Brasil foi para fugirem da Segunda Guerra.

O segundo vídeo foi veiculado no programa de televisão Fantástico⁹, que abordava a maneira como as mulheres são tratadas por aquela civilização. Este vídeo teve uma maior repercussão por tratar um tema bastante polêmico:

⁸ 130 Anos da Imigração Libanesa no Brasil , disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=yHHTlosYB14>)

⁹ Programa de TV veiculado aos domingos à noite na Rede Globo de Televisão. Referência (<https://www.youtube.com/watch?v=wVXxDKmR1xQ>)

a violência contra a mulher nos países muçulmanos. Nos depoimentos os alunos se mostraram bastante revoltados com as atrocidades cometidas contra as mulheres. Tanto as meninas quanto os meninos teceram comentários contra essa prática. Os meninos esboçaram praticamente as mesmas reações que as meninas com gestos de negação à maneira como a reportagem mostrava a forma como a mulher é tratada. Surgiram alguns comentários como: MA: “Mulher não tem vez aí, Deus me livre de morar num país desse”. TH: “ É revoltante esses homens acreditarem que são melhores que nós mulheres, ai, isso me revolta, somos todos iguais, quando a gente morre vira a mesma coisa”, Y disse:

Achei nojento essa história do homem se achar dono da mulher e bater, professora, sou contra violência, e o pior a mulher ainda é presa se for denunciar o homem, que polícia é essa, que lei é essa, né isso gente?(palmas)

A turma se manifestou mostrando aprovação ao comentário do colega: “É isso , é isso, êêêê”. Comentaram também sobre as guerras que acontecem por lá, acrescenta Y:

Professora sempre passa na televisão falando sobre as guerras, os bombardeios daquela região né? Muitas crianças morrem, muita gente inocente, sinceramente é um país que eu não queria nem visitar, quanto mais morar, por isso que muita gente vive fugindo.

O terceiro mostrava a cultura amazonense, em especial a cidade de Manaus, intitulado *Complete Tour in Manaus, Brazil*¹⁰. Os alunos comentaram sobre as belezas da cidade de Manaus, das belezas da Amazônia. Após assistirem aos vídeos, algumas frases foram proferidas como: L:“interessante essa história dos imigrantes libaneses no Brasil, eu não sabia que eles eram

¹⁰Referência do vídeo intitulado Complete Tour in Manaus, Brazil (https://www.youtube.com/watch?v=YJAE9gyUM_A)

tão bons nessa questão do comércio, bacana, por isso que é um povo rico (risos)” MA disse: “tem aquele Habib’s¹¹ né professora que vende quibe e esfirra, que é árabe, de comida árabe, daqueles mundo lá, eu gosto, já comi, já comesse GB?” A colega afirma que sim e acrescenta: ai eu gosto, gosto mais da esfirra, parece uma pizza pequena né?

Este vídeo mostrava as belezas de Manaus, os comentários foram mais brandos: L foi a primeira a se pronunciar: “Manaus é linda, quem dera ter dinheiro pra curtir umas férias aí”. AR, em tom de brincadeira disse: “só achei feio esse caldinho aí, só melhorou quando colocaram os camarão (risos) mais a cidade é bonita, os bichos, os prédios, foi bacana, foi bacana professora.” (risos) MA fala:

AR deixa de ser besta, mais professora a gente sabe que o Brasil é muito bonito, só que não tem muita divulgação e as coisas são muito caras pra viajar, pros turistas, a gente vê aqui em João Pessoa mesmo, as coisas são muito caras lá na praia, assim fica complicado viajar.

O nosso intuito em utilizar os vídeos foi de trazer algum conhecimento ou mesmo acrescentar informações sobre às culturas libanesa e amazonense e estabelecer uma ponte com o livro, o que foi favorável ao passo que durante as leituras ouvimos comentários como: “Halim então veio para o Brasil por causa da guerra né?”, “Domingas era uma daquelas indinhas que passou no vídeo” (risos). “A gente consegue imaginar a casa deles como aquelas construções antigas do vídeo da Amazônia, eles eram ricos, não eram?”

No decorrer do nosso encontro falamos sobre “gêmeos”, perguntamos se havia algum gêmeo na sala. A resposta foi negativa, mas uma aluna declarou ter irmãs gêmeas e outra falou ter amigas gêmeas. Conversamos a

¹¹ Rede de fast foods que traz em sua culinária a comida árabe

respeito da obra *Esaú e Jacó*¹². Os alunos falaram não terem lido, mas que já haviam escutado o título, um dos alunos, Y comentou “é de Machado de Assis né? Só ouvi falar mais nunca li, é sobre o que?” Falamos um pouco sobre a história dos gêmeos Pedro e Paulo, suas diferenças, ideologias, um conservador, outro progressista, da mulher Flora que é apaixonada pelos dois e de uma promessa que eles fizeram de não brigar mais, porém sem sucesso. Eles perguntaram o motivo do livro se chamar *Esaú e Jacó* e dos personagens terem outro nome, explicamos que Machado de Assis faz uma referência aos irmãos bíblicos do *Livro dos Gêneses*¹³, Esaú e Jacó, que brigam desde o útero.

Seguindo a nossa intervenção, mostramos um slide com a apresentação do autor Miltom Hatoum e algumas de suas obras (slide de produção própria¹⁴). Em seguida fizemos a entrega dos livros, o que causou certa alegria nos alunos e alguns comentários como “Nossa, um livro novinho ainda com plástico”, “Ai como é bom, um cheirinho de livro novo”. “Professora, é novo mais a gente pode sublinhar?” “É da gente ou a gente tem que devolver?” “Ainda bem que não vai ter que sentar de dois.” Percebemos que houve um envolvimento da maioria da turma ao receber o livro. Apenas dois alunos receberam e não esboçaram reação de contentamento.

Iniciamos com a leitura da introdução que narra a morte da personagem Zana. A leitura foi feita em voz alta pelas alunas MA e L. Logo

¹² *Esaú e Jacó*, penúltimo livro escrito por Machado de Assis. Publicado em 1904, o livro foi escrito em uma época de transição na política brasileira, o país deixa de ser uma monarquia para ser uma república. Chega ao trato estético da questão dos dualismos falsamente contraditórios, com a narrativa dos irmãos Pedro e Paulo.

¹³ Livro de Gêneses 33:1 - 17

¹⁴ Apresentamos um slide de produção nossa contendo imagens do autor, suas principais obras, prêmios recebidos e algumas das capas do livro *Dois Irmãos*.

após a pesquisadora solicitou aos alunos que falassem um pouco sobre a primeira impressão que tiveram do texto. Os alunos relataram alguns aspectos como: descrição do ambiente, a tristeza da morte, e a curiosidade a respeito do narrador. Sobre a descrição do ambiente a aluna MA disse: “Eu percebi que o autor fala bem direitinho de como é o local da cena, o bairro, as ruas, o cheiro, ele é bem detalhista, a gente consegue imaginar sendo assim como é a cena.”

A história se passa por volta do ano de 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial, por isso, a importância de se ter em mente a descrição de tempo e espaço pelo leitor. Através dessa percepção, o leitor consegue estabelecer sentidos e por a obra em movimento. Iser,(apud COMPAGNON, p. 150)nos mostra que:

O sentido deve ser o produto de uma interação entre os sinais textuais e os atos de compreensão do leitor. É o leitor não pode desprender-se dessa interação, ao contrário, a atividade estimulada nele o ligará necessariamente ao texto e o induzirá a criar as condições necessárias à eficácia desse texto. Como o texto e o leitor se fundem assim numa única situação, a divisão entre sujeito e objeto não funciona mais; segue-se que o sentido não é mais um objeto a ser definido, mas um efeito a ser experimentado.

Através da fala da aluna pudemos perceber que os sentidos foram ativados através da descrição. A percepção da cena, do ambiente como um todo, o cheiro, foram perfeitamente captados. Uma descrição que permite ao leitor compor o sentido do texto na realidade descrita.

L, outra aluna que colaborou na leitura em voz alta falou:

Além disso tem também a tristeza sobre a morte da mulher, dessa Zana, acho que ela era alguém importante, não sei, a gente só vai saber depois (risos), mais a morte dela foi triste porque ela tava triste e parece que não tinha notícias dos filhos, é o que a gente vai saber ainda.

O autor por sua vez lança as bases que irão definir as condições de entrada do leitor, ele vai programando os papéis das personagens, do narrador e deixando clara a função do leitor, sem necessariamente defini-lo. Esse entrelaçamento solicita respostas ao leitor e o leva a captar o texto. Assim nos mostra Compagnon (2001, p. 152)quando diz que:

A leitura, como expectativa e modificação da expectativa , pelos encontros e imprevistos ao longo do caminho, parece-se com uma viagem através do texto. O leitor, diz Izer, tem um ponto de vista móvel, errante sobre o texto. O texto nunca está todo, simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças a sua memória, e estabelece um esquema de coerência cuja natureza e confiabilidade dependem de seu grau de atenção. Mas nunca tem uma visão geral do itinerário. [...] a leitura caminha ao mesmo tempo para a frente , recolhendo novos indícios, e para trás, reinterpretando todos os índices arquivados até então.

Sendo assim, o leitor vai criando seu próprio conjunto de significados diante da obra e do mundo, uma junção entre os conceitos do real e do textual. O leitor traz para a leitura uma bagagem composta de normas sociais, culturais e históricas.

A aluna TH juntamente com a aluna MA interrogaram a respeito do narrador: TH disse: “Professora quem é que ta contando a história?”, MA completou: “A pessoa não se apresentou, é homem ou é mulher, não deu pra saber”

As duas aulas de cinqüenta minutos não foram suficientes para iniciarmos o primeiro capítulo. Dessa maneira acordamos a leitura do primeiro e segundo capítulos a serem feitas em casa e discutidas no nosso próximo encontro.

Os alunos receberam o “Diário de leitura” para nele colocarem todas as suas impressões sobre o texto. Nosso objetivo ao utilizar esse recurso foi que

ele servisse de instrumento de ação didática, que propiciasse aos alunos um “[...]pensar sobre suas próprias ações verbais, e não simplesmente sobre o conhecimento em si mesmo.” (MACHADO, 1998, p. 240).

Os alunos seguiram nossa orientação, colocaram suas dúvidas e questionamentos sobre a obra no diário de leitura. Eles falavam abertamente no decorrer das aulas com seus comentários. Os apontamentos feitos serviram de auxílio para as suas intervenções durante as leituras.

3.6 – Diário de leituras

Como um dos instrumentos metodológicos aplicados na nossa pesquisa, utilizamos o diário de leituras por entendermos que este instrumento tem como função estabelecer um diálogo entre o leitor e a obra que está sendo lida. Vemos este diálogo com o sentido de despertar no leitor o seu posicionamento crítico auxiliando nas discussões em sala de aula possibilitando uma melhor interação dos alunos leitores no processo ativo e reflexivo da leitura. Para realçar o caráter desse objeto de ensino aprendizagem, apoiamo-nos em Schneuwly e Dolz (2004), que vêem esse gênero como uma ferramenta auxiliar no ensino aprendizagem do aluno leitor. Observando também, a individualidade do aprendizado da leitura, conforme afirma Soares (2002) quando diz que o sujeito leitor age socialmente construindo experiências e histórias. Diante desse ponto de vista objetivamos verificar os discursos sobre a leitura do romance hatouniano *“Dois Irmãos”*. Machado (2007, p. 109 - 110) nos fala sobre alguns pontos que devemos observar nessa “conversa” posta no diário de leituras:

[...] manifestar nossa compreensão ou incompreensão sobre o que o nosso interlocutor nos diz; sintetizar ou fazer paráfrases para confirmar nossa compreensão; pedir esclarecimentos ou fazer perguntas, quando não compreendemos alguma palavra, algum trecho ou o conteúdo global do que é dito; pedir que o nosso interlocutor justifique ou exemplifique alguma afirmação que faz; concordar ou discordar com determinada posição que ele toma sobre um tema qualquer; acrescentar argumentos favoráveis à posição de nosso interlocutor; apresentar argumentos contrários a ela; dar exemplos sobre o que ela afirma; emitir nossa avaliação – positiva ou negativa – sobre o que o interlocutor nos diz ou sobre a forma como nos diz: se é verdadeiro ou não, se está bem expresso, claro, interessante etc.; expressar nossas reações e emoções sobre o que ele diz [...] São exatamente todos esses atos - e muitos outros - que podemos, ao ler um texto, registrar por escrito em um diário de leituras.

Sabemos que cada ser tem uma visão diferente do mundo, tem preferências diversificadas e que isso muda algumas maneiras de ler a obra, de discutir os temas e encarar os problemas que ela suscita. Ao utilizar o diário de leituras, o leitor registra suas impressões e implicações geradas pelo texto para mais tarde poder discutir, pesquisar e entender melhor o que foi lido.

Analisamos o diário de leitura dos alunos pesquisados com foco na maneira como leram o gênero romance, suas impressões e implicações a fim de vislumbrar a identificação com temas, personagens, enfim, com a obra. Sobre isso Rangel, 2003, p. 8 – 9) diz:

Formar um leitor para quem o texto é objeto de desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver. Todos nós somos capazes de identificar, nesse ser de ficção, pessoas de carne e osso. Todos somos capazes de reconhecer, até mesmo em nossas próprias vidas, situações em que o desejo de ler teve de driblar sérias dificuldades, inclusive as representadas por outros desejos.

Despertar o gosto e o prazer pela leitura, aguçar no aluno a sua autonomia pra conduzir suas próprias leituras, simpatia e ritmo próprios é sem dúvidas uma tarefa difícil que exige cautela e disciplina. Sobre essa

individualidade, pudemos perceber claramente isso no diário de leituras. A esse respeito MACHADO (1998, p. 08) sugere que:

Em relação especificamente ao ensino de leitura, implicaria criar condições para que todos os sujeitos leitores envolvidos numa situação de comunicação escolar específica expusessem, confrontassem e justificassem suas diferentes interpretações e suas diferentes práticas de leitura.

Sobre os benefícios produzidos pela escrita diária MACHADO (2007, p. 113) afirma:

[...] descobrir seus próprios pensamentos e aprofundá-los, como uma forma de pesquisa interna; avaliar, questionar, buscar justificativas para eles; ter um conhecimento mais aprofundado de si mesmos; exercer uma constante autoavaliação e autocrítica sobre suas ações e sobre os trabalhos em desenvolvimento; construir uma espécie de “reservatório de textos”, que pode ser útil para trabalhos futuros; deixar uma relação escrita dos acontecimentos que viveram, um documento, um registro de memória dirigido às gerações futuras, ou como um documento de vida, ou como um modelo do processo de construção de uma obra em exercício de escrita; exercitarem-se na escrita, etc.

Pensamos como estratégia metodológica utilizar o diário de leitura no intuito de analisar as impressões vividas pelos alunos ao fazerem a leitura do romance *Dois irmãos*. Sabíamos os desafios que teríamos que enfrentar por desconhecermos as habilidades de leitura e escrita da turma envolvida na pesquisa.

Confeccionamos um diário de leitura e o apresentamos aos alunos. Sabemos que escrever diário de leitura auxilia o leitor a passar de uma leitura literal para uma leitura mais intensa e suscita uma relação pessoal e reflexiva com o texto. Conforme assertiva Colomer (2007) que colocar o aluno para ter contato apenas com o texto não resolve os problemas de leitura. É necessário

promover condições para o aluno pensar, saber falar e argumentar sobre o que foi lido.

Ao entregarmos um diário a cada aluno mostramos a maneira como deveriam utilizá-lo, elencar o que a obra trazia de curioso, intrigante e atrativo tanto em relação à forma quanto ao conteúdo; descrevendo as contribuições para a aprendizagem, para as transformações na prática de leitura e produção de textos.

Diante das instruções o aluno poderá ter a capacidade de apresentar seus questionamentos, posicionar-se diante do que lê, correlacionar o texto com experiências vividas e também com outros textos.

As discussões que eram feitas após as leituras foram também mediadas pelas anotações feitas através do diário de leitura. Entendemos que os momentos de socialização foram bastante proveitosos, pois houve uma maior participação dos discentes. As anotações no diário com as páginas e os trechos a serem lidos no momento das discussões, bem como as pontes entre temas e exemplos vistos no dia a dia foram um suporte a mais nos momentos de posicionamentos de idéias e impressões.

Colorei a frase e até destaquei no livro, tá na página 38 onde ele diz: "a paciência é poderosa mas o coração de um tímido não conquista ninguém." Adorei essa frase uma verdade por que aperte tem que mostrar a nossa intenção também pra outra pessoa saber se se a outra pessoa não fica sabendo fica até mais difícil e mais complicado. Gato que não só em conquista de amor, mais em conquista de amizade.

Ao destacar um trecho presente no livro, o leitor fez uma reflexão a cerca da paciência e leva para si o juízo do que foi lido. A experiência estética *aisthesis*, se dá pelo efeito induzido pela obra no indivíduo, o qual promove o reconhecimento de novas maneiras de ver o mundo. Uma consciência receptora.

Quando li na página 49 tive uma raiva muito grande, e fiquei pensando nessa frase "meu filho é meu desmancha-prazer". Não concordo, meus pais me amam e amam meus irmãos, eu quero ter filhos e eles nunca serão meu desmancha-prazer na minha vida, muito pelo contrário.

No relato acima observamos a concepção da última categoria elencada por Jauss, a *katharsis*. Nela o leitor ao relatar "raiva muito grande" tem liberada a capacidade estética do julgamento que está intimamente ligada ao "prazer dos afetos" instigados pelo discurso.

As características dos personagens irmãos gêmeos:

Omar: aventureiro, só quer se divertir, viver
Yakel: uma pessoa mais tranquila, mais pra dentro, bom, estudioso

As características - pag: 83

Igualzinho a Ruth e Raquel, uma sea outra sacana.

ESTOU VENDO PELA HISTÓRIA QUE OS IRMÃOS GÊMEOS ELAS NUNCA TIVERAM VONTADE DE FAZER FICAR DE BEM. YAKUB SOFREU MUITO NAS MÃOS DO IRMÃO DA FAMÍLIA TAMBÉM, NO MEU PONTO DE VISTA, A GENTE VÊ NA PÁGINA 171 NA FRASE QUE ELE DIZ QUE VAI SER UMA VIOLÊNCIA COMO A CENA BÍBLICA, ACHO QUE FOI DE CAIM QUE MATOU ABEL.

Os dois exemplos mostram que os leitores se utilizaram da intertextualidade. Um falando sobre as personagens de telenovelas, o outro relacionando personagens bíblicos. No primeiro exemplo o leitor se dá a condição de colaborador ou co-autor do texto ao descrever conforme sua visão as características das personagens, no segundo, o leitor também na função de contribuinte do texto atribui característica ao relacionamento dos irmãos e dá pistas de como seria o fim trágico entre eles. Entre eles se estabelece a *poiesis*, por trazerem em si a consciência produtora.

Essas três categorias, embora estabeleçam funções autônomas comunicam-se umas com as outras na experiência estética, uma vez que não há limites para o prazer do texto já que suas variáveis são infinitas.

Sobre o ato de ler, nos fala PETIT (2008, p. 147 - 148) :

O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus "pertencimentos". Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras, de mudar de lugar. [...] os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido, ao leitor. E ainda sugerir que podemos tomar parte ativa de nosso destino. Nesse sentido, compreendemos por que a leitura, quando nos entregamos a ela [...] pode ser uma máquina de guerra contra os totalitarismos e, mais ainda, contra os sistemas rígidos de compreensão de mundo, contra os conservadorismos identitários, contra todos aqueles que querem nos mobilizar.

Li o livro, percebi que Omar, ficou numa sala muito suja, um da, acredito que não é diferente das celas que tem os presos de hoje em dia no livro diz que é um inferno. Brasil, o povo fala que também é um inferno.

A aluna fez uma ponte entre aspectos lidos e os que subteende existirem no mundo real. O horizonte de expectativas da leitora pode ser ampliado diante da leitura, uma vez que corresponde não só as vivências, mas também aos valores. Ao cogitar que as prisões são um "inferno" ela vê a condição humana em ambientes como os prisionais. Daí a importância da autonomia de pensamento e a diversidade de sentidos que as imagens sugerem ao leitor

Três galas a verdade, não gostei da parte do livro, o sexto capítulo, é o pior de todos, nada demais acontece, parece que o livro parou com o tempo. É faz, com que agente veja que esse Omar é uma pessoa ruim.

Conforme a estética da recepção, o horizonte de expectativas poderá ou não ser ampliado através da leitura. Quando o texto não apresenta grandes novidades para o leitor a tendência é diminuir o campo das expectativas.

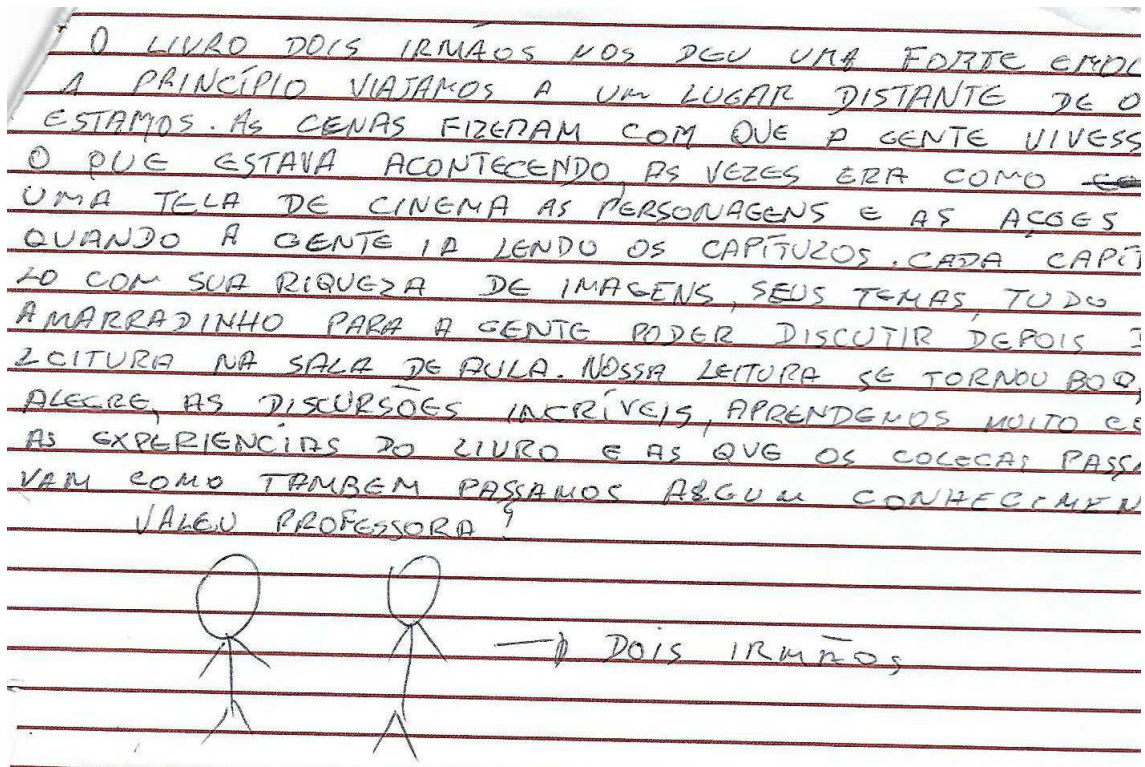
Percebi a professora quem é o pai do narrador, porque não foi conseguindo decidir, o livro dá umas pistas, acho que é velho mas...

O professor como mediador deve se sentir parte do processo de leitura, deve se interrogar sobre sua relação com a obra, sobre sua prática, sobre sua própria capacidade de se ver diante do imprevisível presente no texto, das sinuosidades que a leitura propõe e deixar-se levar ao invés de tentar dominar o texto através de regras e normas. PETIT (2008, p. 160) ao falar sobre o papel do mediador nos diz que:

[...] a imagem negativa ligada aos cursos de literatura contrasta com os numerosos enunciados positivos relativos ao professor como indivíduo e sua influência positiva sobre a motivação do aluno. [...] Aqueles textos absurdos, empoeirados, de repente ganham vida. Curiosa alquimia do carisma. Do carisma ou, uma vez mais, da transferência. Evidentemente, nem todos são capazes de provocar esses movimentos do coração

Buscar instrumentos metodológicos que auxiliem no processo prazeroso de entendimento da leitura ajudam na aproximação do mediador.

Com a utilização do diário de leitura começamos a perceber que nós professores somos capazes de motivar os alunos para uma mudança significativa diante da leitura.



Os efeitos que foram elencados pelos alunos nas aulas sobre os diversos temas, as experiências por eles mencionadas, o entendimento diante do que foi lido nos mostraram a pluralidade das personalidades e gostos, afetos e desafetos por este ou aquele tema, uma receptividade prazerosa em discutir trechos da obra.

Nossa experiência com o diário de leituras nos mostrou que muitas das questões apresentadas em sala de aula foram respondidas revelando os pontos de vista e as opiniões de cada um sobre os temas presentes na obra. A professora mediadora não se colocou no papel de detentora do saber total sobre a obra, o que motivou a construção dos conhecimentos conjuntamente.

3.7 – Vivenciando capítulo por capítulo

3.7.1 Capítulos 1 e 2

Iniciamos a discussão dos capítulos que foram acordados para serem lidos em casa. Para nossa surpresa o aluno Y fez a leitura do livro na íntegra antes do prazo previsto e nos relatou de maneira informal que fez a leitura em casa. Pedimos para ele não contar o enredo à turma, Y disse: “achei interessante o livro e a curiosidade fez que eu lesse logo (risos), professora, não agüentei, enquanto não descobri o que queria não parei”. Jauss (1979) ao falar sobre o prazer e a curiosidade:

[...]distingue entre o uso do prazer (*voluptas*) e para a curiosidade (*curiositas*): o primeiro refere-se ao belo, ao harmonioso, ao perfumado, ao gostoso, ao agradável de tocar, em suma, às sensações positivas dos cinco sentidos, o segundo é esclarecido também por seu oposto[...]a *curiositas*, que paradoxalmente pode-se deleitar ante fenômenos desagradáveis e até mesmo repugnantes, é vista e condenada como o avesso do deleite estético, pois “ela não ‘goza’ de seus objetos como tais, mas goza de *si mesma*, pelo poder de conhecimento confirmado por eles

Observamos que a leitura do romance despertou no aluno uma grande curiosidade, ao ponto de fazê-lo ler o livro no dia em que foi apresentado à obra. Para entendermos o encontro da leitura com o sujeito leitor é preciso relembrarmos da distinção estabelecida por Jauss entre “efeito” e “recepção”. Jouve refletindo (op. cit. p. 127) acerca da recepção diz “[...]que depende do destinatário ativo e livre.” O aluno ao se deparar com um texto buscou sentido e significação para sua leitura numa mistura de compreensão do texto e reação pessoal a essa compreensão.

Nos capítulos um e dois a discussão ganhou destaque em aspectos como o desapego da família com um dos gêmeos, a sexualidade e o ciúme que envolvia o casal Zana e Halim, como chama atenção a aluna L, apontando a

preferência da mãe por um dos gêmeos diz: “Essa mãe ainda fica falando em saudade do filho e dizendo “Meu querido, meus olhos, minha vida”, chorando e não fez nada professora pra ele não viajar.”

Uns acusaram, outros defenderam Zana. AR comentou: “Vai ver que ela se arrependeu, ela foi atrás do filho com saudade e arrependida.”, GUI acrescentou: “As vezes a gente faz as coisas no momento do desespero e depois se arrepende, vai ver que foi isso, acho que ela não é uma mãe ruim, sei lá, pode ser isso.” MA mostrando descontentamento com a atitude da personagem disse: “Sei lá digo eu, se eu tivesse dois filhos eu não ia deixar um ir e o outro ficar, mãe que é mãe não escolhe.” A aluna TH indagou:

Tem uma coisa que não to entendendo, como é que as mulheres libanesas sofrem preconceito e são repreendidas e aí Zana era bem pra frente, quase oferecida e quando casou não saía do quarto com o marido?

O que nos chamou a atenção foram algumas pontes feitas em relação ao livro, trechos do texto do capítulo II, eram apontados e em seguida eram abertos comentários. Tomemos por exemplo: MA disse: “Gostei dessa parte do texto aí que ele fala que a pessoa tem que ser pra frente se quiser conquistar alguém,”, “Aonde?” indagou a colega TH, MA: respondeu e em seguida fez a leitura do texto: “[...] a paciência é poderosa, mas o coração de um tímido não conquista ninguém.” (HATOUM, op. cit. 38), “Vou até anotar, achei massa essa frase, isso é verdade mesmo, a outra pessoa tem que saber da nossa intenção.” A aluna ao perceber a frase do texto e selecioná-la para si revelou o prazer estético, trazendo para o seu universo a consciência receptora instigada pela obra.

Acrescentou MA a sua visão em relação a personagem Zana:

A gente viu no vídeo que as mulheres daquela região lá são bem sofridas, que os homens fazem o que querem e o que não querem com elas, mais aqui no livro Zana é quem manda e desmanda no marido, não entendi essa parte, é por causa do sexo? (risos) só pode ser (risos)

AR complementa: “É como aquela música de Anita¹⁵, aquela *Meiga e Abusada*¹⁶ (a turma começa a cantar), depois aparecem os risos e as palmas.

Meiga e abusada

Anitta

Eu posso conquistar tudo que eu quero
Mas foi tão fácil pra te controlar
Com jeito de menina brincalhona
A fórmula perfeita pra poder te comandar

Pensou que eu fosse cair mesmo nesse papo?
Que tá solteiro e agora quer parar
Eu finjo, vou fazendo meu teatro
E te faço de palhaço, pra te dominar

Tá fazendo tudo que eu mando
Achando que logo vai me ter
Mas no fundo eu só tô brincando com você

Poderosa, eu sou quase um anjo
Hipnose, já ganhei você
Nesse jogo vamos ver quem é que vai vencer

Toda produzida, ah te deixo quente
Meiga e abusada faço você se perder
E quem foi que disse que eu estava apaixonada por você

Eu só quero saber

Linda e perfumada, ah na tua mente
Faz o que quiser comigo na imaginação
Homem do teu tipo eu uso
Mas se chega lá eu digo não

Eu posso...

¹⁵ Anitta é uma cantora do cenário pop brasileiro, além de compositora, apresentadora e dançarina

¹⁶ "Meiga e Abusada" é o primeiro single da cantora pop brasileira Anitta, lançado em 6 de fevereiro de 2013. A canção faz parte do álbum de estreia homônimo à cantora. A música faz parte da trilha sonora nacional da novela das nove *Amor à Vida*, da Rede Globo.

“Minha Nossa Senhora, só você mesmo”, acrescenta MA ao comentário de AR. A turma cantou a música na sua totalidade. Vimos que, nesse sentido, houve uma comparação da personagem do romance com a personagem da música, não na sua totalidade, porém em alguns aspectos. Ou seja, os leitores trouxeram uma vivência contemporânea para confrontar com o que estavam lendo.

Observamos que o romance *Dois irmãos*, mesmo com a história passada em 1945, conseguiu através dos temas dialogar com uma música contemporânea. Nesse caso a obra fornece subsídios para divulgar princípios, atestar os já existentes e, sobretudo quebrar regras tradicionais, tudo no intuito de ampliar o horizonte de expectativas. Como lembra JOUVE (op.cit., p. 125):

O leitor não é um indivíduo isolado no espaço social; a experiência transmitida pela leitura desenvolve um papel na evolução global da sociedade. Segundo Jauss, o impacto cultural da leitura pode assumir três formas distintas: transmissão da norma, criação da norma, ruptura da norma. A obra pode transmitir valores dominantes de uma sociedade ou legitimar novos valores ou ainda romper com valores tradicionais renovando o horizonte de expectativas.

O horizonte de expectativa foi recriado perante relação estabelecida do texto com a música. Observamos que os alunos fizeram essa ponte entre literatura e cultura musical pop contemporânea. Aguiar (1988, p. 85) nos fala que:

A capacidade de análise aí implicada, se complementa com a de comparação, que, para além dos limites dos textos, também deve abranger as pressuposições históricas e culturais extraliterárias, pois as mesmas conduzem a certos tipos de compreensão e valoração.

O processo de recepção se deu diante da comparação de elementos presentes no texto com os vigentes na cultura, no tempo atual através da música de uma cantora pop contemporânea.

O método recepcional (BORDINI, AGUIAR, 1988) de ensino de literatura evidencia o confronto entre idéias distintas, nos leva a refletir sobre aquilo que nos é habitual e o que é novo, entre o que está perto e o que está afastado, seja no tempo, seja no espaço. A literatura não se acaba com o texto, complementa-se com o ato de leitura e com os comportamentos a serem assumidos pelo leitor.

3.7.2 Capítulos 3 e 4

Os capítulos três e quatro por serem extensos e com muitas informações foram trabalhados da seguinte maneira: a cada parágrafo lido fazíamos uma pausa para as discussões. Alternamos a leitura oral com os alunos. Alguns a princípio se recusaram a fazer a leitura, outros, no entanto se ofereciam. Ao final todos leram em voz alta ao menos um parágrafo.

No terceiro capítulo os alunos conversaram sobre o luto de Zana e sua vontade em ser mãe. Em relação à morte do pai de Zana, MA disse: “Acho que eu ficaria assim se perdesse ou meu pai ou minha mãe, amo os dois, Zana meio que perdeu o chão pelo que pude perceber, acho que eu perderia também.” A aluna MA ao se reportar ao lugar da personagem fez uma ponte com a vida. Houve um processo de projeção com o fato de perder alguém da família. Uma ligação estreita entre identificação e emoção. Freud (1995, p. 262) assinala que:

Em relação ao que nos acontece na vida, comportamo-nos, todos, geralmente, com uma passividade igual e permanecemos submetidos à influência dos fatos. Mas somos dóceis ao apelo do poeta; pelo estado do qual ele nos deixa, pelas expectativas que desperta em nós, ele pode desviar nossos sentimentos de um efeito para orientá-los em direção a outro.

O horizonte de expectativa da aluna leitora se deu a partir da correspondência com o mundo que a cerca, suas experiências e principalmente seus valores. O valor da família, a importância dos pais na sua vida e o fato de perdê-los. A *karthasis*, “o prazer dos afetos provocados pelo texto” (JAUSS, 2002, p. 100)

Sobre a vontade de ter filhos por parte de Zana e a não aceitação por parte de Halim o comentário de Y foi: “É complicado a gente julgar quem tá certo e quem tá errado, ele não queria porque queria a mulher só pra ele, ela queria porque se sentia só, fica difícil”. TH responde ao comentário do colega: “Meu amigo mais nesse caso que você falou a gente vê como ele sendo um egoísta, porque na verdade quando a gente casa é pra fazer uma família né e família é pai, mãe e filho”, Y rebate ao comentário da colega: “Nem sempre, nem sempre, tem casal que não pode ou não quer ter filho, tem casal gay” (risos) AR: comenta: “Anraaa, agora cê pegou pesado (risos) mais é isso, tem os gay.”

Os alunos atentaram para o conceito de família e trouxeram para a realidade a discussão, mostraram, através dos comentários, que a sociedade em que vivemos nos oferece algumas possibilidades diferentes para o que chamamos de núcleo familiar. Nesse sentido, o leitor vai para o texto carregando suas normas e valores, a partir dos processos de leitura consegue esquematizar diferentes pontos de vista e estabelecer movimentos à obra. A respeito dos juízos de valor atrelados ao processo de recepção, Bordini e Aguiar (1988, p. 87) diz:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo o que o povoa: vivências pessoais,

culturais, sócio-históricas e normas filológicas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munido dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos de expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita.

Daí a importância do texto diante dos espaços presentes nele o leitor consegue exercitar a criatividade, a criticidade, entrar no universo de si mesmo, estabelecer limites e vivenciar interpretações.

MA diz: “Achei o fim quando ele diz aí essa parte na página 49 que: “[...]um filho é um desmancha-prazer[...]” (HATOUM op. cit. 49)

Não concordo com ele, acho que um filho é uma coisa boa, mais o bom é que Zana nem tava aí pras coisas dele e ainda determinou quantos queria, mulher tem que ser assim, mais na realidade é assim, mulher sempre sonha com a maternidade e homem na maioria das vezes não pensa, só pensa em outras coisas” (risos)

No quarto capítulo a fala de uma aluna KA chamou nossa atenção ao dizer: “Gente, vocês já descobriram que é o narrador ou narradora dessa história?”, MA falou “Professora quem é essa pessoa pelo amor de Deus, me diga, só a mim!” (risos). A pesquisadora pediu calma às alunas e sugeriu uma leitura por capítulos para compreender melhor o livro e assim chegar ao narrador.

Mais uma vez os alunos fizeram menção à descrição do ambiente, KA falou: “Uma das coisas que facilita pra gente é a forma como o lugar é mostrado, o escritor dá um bocado de detalhe”.

A aluna MA ao falar sobre a personagem Domingas comenta:

A tristeza de Domingas, não consegui descobrir o motivo porque ela estava tão triste, não sei se é porque ela tinha umas lembranças do orfanato e por isso ficava triste, mais quando o escritor fala dela a gente sente um pouco de pena, é como se ela fosse uma daquelas pessoas que nasce pra sofrer, tem gente que é assim.

Ao comentar sobre o sofrimento vivido pela personagem Domingas, a aluna traz para si a dor quando diz “ a gente sente um pouco de pena”. Nesse caso houve uma contrapartida do sujeito leitor, a aluna se dispõe a ter seu universo estável abalado pelo sofrimento da personagem o que provoca o alargamento das suas percepções.

A aluna TH diz:

Também acho, tem gente que nasce pra sofrer, às vezes a gente vê nas novelas e acha que é só ficção, mais na realidade tem mesmo, a empregada da casa do meu avô, ela foi mãe solteira porque o namorado não quis assumir o menino, tinha que trabalhar pra poder sustentar o menino, o pai dela é quem ficava com o filho porque ela já não tinha mãe, daí o menino um dia sofreu um choque e morreu, o pai dela de tanta saudade do menino adoeceu e em menos de um ano morreu, resultado, ela ficou só, uma dessa é quase como Domingas, nasceu pra sofrer. No caso do livro perdeu o pai e o irmão, foi morar num orfanato e depois adotada por uma família que não tinha ela como parte da família e ainda teve um filho sem pai, né uma desgraça, enquanto que tem gente que tem muita sorte e as vezes é gente ruim que tem sorte.

A aluna ao comentar sobre a personagem Domingas abriu uma discussão sobre o aspecto social presente na obra ao relatar a condição de empregada doméstica vivida pela índia manauara. Acrescentou ainda a condição feminina de sofrimento e angústias a qual Domingas é conhecedora. O conhecimento de mundo forneceu dados para os comentários da aluna, uma vez que trouxe para a sala de aula um relato de experiências. Para Jauss (op. ci, p. 51 – 52): [...] a visão de mundo como *Aisthesis*, na experiência da arte, afirma a autonomia da ação humana, através da história das relações sucessivas de domínio.”

Outro aspecto importante da discussão refere-se aos comentários sobre os nomes dos personagens, comenta AR:

Esses nomes são meio estranhos né não? A gente fica até com vergonha de falar, de falar errado, mais professora nem podia ser João nem José né porque num é brasileiro, tinha que ser assim mesmo, eles significam alguma coisa? Meu nome é (pronunciou) e eu sei o significado do meu nome, eles tem significado também?

AR ainda acrescentou:

Olhe gente, eu sei que vocês sempre falam do meu jeito mais tenho que dizer uma coisa, né só eu que olho pras mulher nem só sou eu que falo do corpo delas, aqui também fala das pernas, do corpo das belezas das mulheres viu e a descrição do corpo das mulheres, além de palavras como 'puta' e 'tarado'.

Y mostrou a influência da personagem Zana na vida de todos os outros personagens. “Essa mulher se mete na vida de todo mundo, manda no marido, na vida da filha, do filho, tô ficando com abuso dela.”

Os alunos, ao se defrontarem com o texto, trazem consigo todo um conhecimento constituído de experiências lingüísticas e sociais anteriores que são mobilizadas mediante provocações e vazios presentes na obra. Essa interação texto e leitor proporciona o reconhecimento de significados conhecidos ou não que contribuem na aceitação do novo e até mesmo auxiliam a criticar o que é apresentado, podemos ver isso na fala do aluno ao se referir a personagem Zana: “[...]tô ficando com abuso dela.”

As transformações do horizonte de expectativas dos alunos se deram diante de alguns aspectos de operacionalização de conceitos defendidos por Bordini e Aguiar (1988, p. 88):

[...]receptividade, disponibilidade de aceitação, do novo, do diferente, do inusitado; concretização, atualização das potencialidades do texto em termos de vivência imaginativa; ruptura, ação, ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural, diante das propostas novas que a obra suscita; questionamento, revisão de usos, necessidades, interesses idéias, comportamentos; assimilação, percepção e adoção de novos sentido integrados ao universo vivencial do indivíduo.

Para a aula seguinte ficaram os capítulos cinco e seis. Solicitamos que os alunos fizessem em casa a leitura do quinto e do sexto capítulos por serem bastante extensos e grifassem as passagens que mais chamavam a atenção.

3.7.3 Capítulos 5 e 6

Na primeira aula iniciamos as conversas a respeito do quinto capítulo. As discussões foram apresentadas seguindo a seguinte metodologia: o aluno fazia a leitura do trecho do texto que destacou e em seguida colocava em pauta o tema. Percebemos que esse tipo de estratégia foi bastante relevante, pois a turma se empenhou na discussão e o envolvimento foi visível. MA foi a primeira a manifestar a sua opinião falando a respeito do comportamento antípodo dos irmãos Omar e Yakub. A aluna MA destaca as passagens que mostram as diferenças entre os irmãos:

Omar era aquela pessoa que queria saber de aventuras, bem no começo do capítulo a gente já vê isso, vou ler: 'na vida de Omar aconteciam lances incríveis, ou ele os deixava acontecer, como quem recebe de mão cheia um lance de aventura' (HATOUM, p.83) e tem também falando um pouco de Yakub, pra ele eu destaquei: 'um homem que não se deixa expor, revestido de uma armadura sólida' (HATOUM), acho que dá pra ver essas diferenças aí né? Mais tem família que é assim, as vezes a gente até diz filho do mesmo pai e da mesma mãe e tem umas coisas tão diferentes, se eu tiver errada me corrija

A aluna também estabelece a intertextualidade ao mencionar as personagens de uma novela: "lembrei de Ruth e Raquel, da novela *Mulheres de Areia* professora, elas eram assim como eles, uma era bem direita e outra era sacana, Yakub o direito e Omar o sacana".

Em relação ao comportamento dos irmãos, uns ficaram a favor de Yakub, defendendo-o como aquele que foi humilhado e conseguiu crescer na

vida e julgando Omar como aquele idolatrado e mimado que “não deu pra nada” (palavras deles).

Os alunos Y e P voltaram a atenção para a culinária, com o nome de bebida como arak e guloseimas distantes da nossa culinária como pistache, figos secos, amêndoas, tâmaras, além do tabaco para o narguilé. P comentou: “Nunca vi isso na minha vida, a gente fica curioso, acho que essas coisas só quem come é rico, deve ser bem caro, também aqui na Paraíba nem deve ter, deve vim de São Paulo, Rio de Janeiro, desses lugar assim.” Y acrescentou: “Tem nada, tem não, aqui as vezes não tem nem as coisas da Paraíba, quanto mais de outro país.” Y ainda comentou: “É massa esse negócio de fumar, passa de um pro outro, já vi na televisão, mais aqui em João Pessoa nunca vi, alguém já viu?” A turma respondeu que não.

GUI chama atenção e direciona a fala para os colegas que falaram da bebida arak e da culinária libanesa e mostra que na cultura amazonense presente através dos sabores e cheiros da banha de cacau, óleo de copaíba, o cupuaçu, da fruta-pão:

Todas essas comidas brasileiras também não tem aqui na Paraíba, vocês falaram das coisas do Líbano, mais as brasileiras a gente também nem vê nem come aqui em João Pessoa, banha de cacau a gente vê no protetor de lábio, mais que a gente não consome aqui.

Outro ponto que foi posto em discussão foi o ciúme da mãe com os filhos e a ausência da nora no seio familiar, onde se fazia presente a partir dos presentes que enviava para o sogro. MA diz:

Essa moça não era muito querida pela sogra não, né, ela nunca ia na casa da sogra, só mandava coisas para o sogro, eu em, se a mãe do meu namorado me tratasse assim, Deus me livre, mais também não ia mandar nada pro pai dele não.” (risos).

A aluna MA diz acrescenta:

Não suporto a maneira como essa mãe age com esses filhos, com Yakub manda pra uma aldeia no Líbano, o pobre sofre e quando ele volta ela fica chamando de meu amor, quando ele consegue vencer na vida ela fica chamando meu filho cheia de orgulho , mais entre os dois dá pra perceber que ela gosta mesmo é de Omar, de Yakub é como se ela só gostasse dele por causa das coisas que ele conseguiu, já Omar é como se fosse uma obsessão, sei lá, é um ciúme doentio, na verdade ela não queria os filhos com nenhuma mulher, odeia a mulher do filho.

Como resultado dessa reflexão gerada entre a leitura da obra e a vida real se dá o processo de ampliação do horizonte de expectativas. Os alunos vivem não só o mundo escolar como tarefa de ler a obra, mas refletem a maneira como veem o mundo. Se dá uma tomada de consciência através das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a leitura do romance. Compagnon (2001, p. 150) diz:

O objeto literário não é nem o texto objetivo nem a experiência subjetiva, mas o esquema virtual (uma espécie de programa ou partitura) feito de lacunas, de buracos e de indeterminações. Em outros termos, o texto instrui e o leitor constrói.

Em todo caso, as normas e os valores do leitor são modificados pela experiência de leitura. Devemos assim dizer que no decorrer da nossa leitura reformulamos muitas das nossas expectativas e reinterpretemos o que já lemos.

Na segunda aula passamos às discussões referentes ao sexto capítulo. A aluna L menciona o narrador, que a essa altura do livro ainda não foi descoberto. MA diz que para ela esse sexto capítulo é o mais sem graça, que não tem emoção. “Professora, essa parte do livro é a mais chata”.

P concorda com a afirmação de MA e tenta convencer a turma que o sexto capítulo é só para a Zana procurar o filho Omar e nada mais. Para

finalizar as discussões do sexto capítulo, MA acrescenta que: “O capítulo seis só confirma a fama negativa de Omar.” O aluno GUI acrescenta:

Esse cara é um doido, só quer viver de farra, só faz bosta, desculpe aí professora pela palavra, mais é o que a gente vê, esse sexto capítulo é o mais chato de tudin que a gente leu, porque o tempo todo a mãe fica indo atrás desse cara, o chato desse livro é que as pessoas dão importância demais a uma pessoa que não ta nem aí pra elas, nesse ponto aí fica cansativo.

Essa tomada de consciência, individual ou em grupo aconteceu por iniciativa dos próprios alunos, sem a intervenção da professora.

3.7.4 Capítulos 7 e 8

Antes de iniciarmos o nosso sétimo capítulo tivemos uma surpresa: a aluna TH entrou na sala de aula e simplesmente devolveu o livro dizendo que não ia mais fazer as leituras porque estava achando o livro muito chato e não tinha mais interesse. Ainda tentamos argumentar com a aluna para que ela terminasse a leitura do livro ou viesse participar das discussões, ela falou que até poderia argumentar sobre esse ou aquele tema, mais que não iria mais ler o livro. Embora a aluna tenha devolvido o livro, permaneceu nas aulas e participava ativamente das discussões da turma. Diante da participação da aula, observamos que mesmo sem fazer a leitura do livro, ela escutava atentamente as leituras dos capítulos feitas em sala de aula, bem como a leitura dos trechos selecionados pelos alunos.

O sétimo capítulo teve a leitura feita em casa por ter uma extensão de 26 páginas. As discussões seguiram a mesma metodologia proposta para os capítulos maiores, onde a leitura seria feita em casa juntamente com os apontamentos e discutidos em sala de aula. Os alunos trouxeram as

discussões dos trechos mais relevantes segundo a visão deles. A princípio MA, L e KA chamaram a atenção em relação ao tema principal do capítulo, apontado por eles, a morte. A aluna KA fala sobre a morte de Laval, o professor de francês, como uma tragédia tanto para Omar quanto para o narrador. A morte nesse caso é vista como o início de uma dor profunda, a morte de um amigo clandestino, como tudo na vida do Omar.

Os alunos MA, L, KA e GA percebem que o narrador começa a aparecer mais quando narra um momento de prazer com Rânia, sexo intenso, a imagem do suor nos corpos. GA comenta:

Eu e KA tava lendo aqui e pensando numa coisa, até agora o narrador não aparece, mais ele começou a falar mais dele, ele falava mais da vida dos outros, falava mais do que acontecia né KA com a vida dos outros

KA responde “ é, ele agora fala mais do que tá acontecendo com a vida dele, aí na página 155 tem essa parte que ele fala dele com Rânia, ele fala dele”. MA inclui ao comentário da colega: “realmente ele usa muito palavras que falam nele como eu, meu meus”.

Os alunos falam novamente do tema morte ao citarem Laval e Halim e a tristeza com a partida de Yakub, a morte metaforizada com as folhas mortas, as frutas podres, a gonorréia. L diz:

A morte de Halim, essa foi uma cena muito triste, fico imaginando a mulher chega chamando e o cara não responde, quando ela ilumina bem o rosto dele vê que ele na verdade tá morto, nossa, eu que não queria ta no lugar dela.

Os alunos ao discutirem as passagens do texto voltam à obra e fazem interferências, tanto a obra como os leitores se põem em movimento. Jauss (1994) nos mostra que embora observemos os aspectos diacrônicos e

sincrônicos, devemos observar a repercussão da literatura na vida do receptor, ao passo que através dessa percepção o leitor seja capaz de “antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. (JAUSS, 1994, p. 52).

Na segunda aula seguimos a leitura em voz alta em seguida a apresentação do texto. Os alunos de imediato atentaram para o sofá cinza onde várias passagens se deram, desde algumas cenas tórridas de sexo, embriagues, brigas e morte. A aluna L já chamou a atenção para o local onde Halim morreu, o sofá: “ esse sofá tem história, acho que ele era o lugar mais confortável para Halim e para Omar”

O aluno GA destacou o desejo da mãe Zana em promover a paz entre os irmãos, mas ambos não demonstravam interesse em fazer as pazes e Omar se irritava e caçoava daqueles que desejavam promover a paz:

Eu concordo com meus colegas com esse jeito sem noção de Omar, esse cara é um babaca, por causa dele a mãe vive sofrendo, ele vive fazendo raiva ao irmão e dando desgosto ao pai, já fez todo tipo de ruindade, a pobre da mãe querendo a todo custo que eles fiquem de bem, que cara babaca.

MA mostra mais uma vez a curiosidade ao ler um parágrafo que fala sobre a vontade do narrador de saber a identidade do pai. “Professora, não consegui descobrir ainda quem é o narrador nem sei quem é o pai do narrador”. Ainda no oitavo capítulo os alunos destacaram a fúria e o ódio perene dos dois irmãos, socos, murros e pontapés. Tão parecidos e tão diferentes ao mesmo tempo. GUI:

Acho que todo mundo aqui concorda comigo, eles na verdade não faziam questão em fazer as pazes até porque Yakub já tinha sofrido muito com as ruindades do irmão, ele se tivesse que resolver mesmo

era como diz na página 171, aí na carta que ele escreveu para a mãe dele, ta eu gostei dessa resposta, (alguns alunos começam a falar ao mesmo tempo concordando com a colega) silêncio aí que eu vou ler, “se houver violência, será uma cena bíblica” (HATOUM). Professora, a gente chegou a conclusão que essa cena bíblica é a morte de Cain e Abel¹⁷ então seria resolvido com uma morte?

A leitura, nesse caso é feita através da resolução de enigmas. Os leitores buscam diante das informações fornecidas elucidar questionamentos que vão desde a dúvida de quem é o narrador e qual dos gêmeos seria seu pai, que é uma tarefa programada do próprio texto, bem como a resolução das divergências entre os irmãos. Ao utilizarem a intertextualidade com uma passagem bíblica, a expectativa é em função do que foi lido, conforme nos fala Compagnon (2001, p. 148):

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos -, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer da nossa leitura obriga-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo o que já lemos até aqui neste texto e em outros. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe a princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência

O texto retrata um efeito potencial produzido no andamento da leitura, o leitor consegue estabelecer coerência conforme sua interação com a obra.

¹⁷ Cain e Abel: A história de Caim e Abel é narrada no livro de Gênesis. Este teria sido o primeiro homicídio da história da humanidade, onde um irmão mata o outro.

3.7.5 Capítulos 9, 10, 11 e 12

Os capítulos nove a doze foram lidos em um único encontro por serem curtos e possíveis de serem trabalhados em duas aulas. É na leitura em voz alta do nono capítulo que ficamos conhecendo a identidade do narrador, MA fez a leitura do trecho:

Quando tu nasceste, ela disse, seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ias estudar, só ele me acompanhou. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome, Nael, ele me disse, o nome do pai dele. (HATOUM, p.180)

A aluna disse: “até que enfim, professora, ficamos sabendo a identidade do narrador”. Vários alunos riram satisfeitos em matar a curiosidade. O parágrafo foi lido e a discussão a respeito da importância da identidade familiar foi válida. Vários alunos deram o seu ponto de vista sobre o tema. Gerou-se uma discussão sobre mãe solteira e identidade paterna: a aluna TH que entregou o livro e decidiu não lê-lo iniciou a discussão sobre o tema:

Acho uma baita de uma sacanagem o cara engravidar a moça e não assumir o filho acho ridículo também essa história de chamar a mulher que cuidou só do filho e que foi abandonada de mãe solteira, até porque ninguém chama a outra mãe de mãe casada, isso é um preconceito, a mulher tem é que colocar na justiça, aqui mesmo na escola tem caso de aluna que engravidou e foi abandonada.

Um fato que nos chamou atenção foi o da aluna TH que se recusou a fazer as leituras, porém participava ativamente das discussões sobre os temas presentes na obra. Ninguém é obrigado a ler ou a gostar de ler, ninguém tem a obrigação de neste ou aquele momento fazer a leitura de uma obra quando não tem disposição. Sobre o ato de perder o gosto pela leitura, Petit (2008 p. 155) diz:

[...]no ensino médio, sobretudo, quando a postura do leitor diante do livro deve ser mais distanciada e a abordagem mais erudita, muitos

jovens perdem o gosto por ler. Outros fatores, com certeza, intervêm nessa idade, mas o ensino tem também o seu papel.

Deixamos a aluna à vontade para fazer as interferências quando julgava necessário, assim estaria participando da obra através da escuta dos textos quando os colegas faziam as leituras em voz alta. No entanto é função da escola estimular, criar condições para que todos se envolvam com alguma atividade de leitura

Na sequência, AR em tom de graça, disse: por isso que eu digo que o bom é usar camisinha” TH responde: menino ninguém ta falando nisso não, acho que homem que é homem tem que assumir o que faz, ele né obrigado a ficar com a mãe da menina, mais tem que assumir a criança.” MA faz uma ponte do que estava sendo discutido com o livro: “ nesse caso aqui do livro, o pai não assumiu a paternidade, o avô é que fez a vez que seria do pai, que foi lá e deu um nome a criança, na verdade ele não sabe nem quem é o pai”

No décimo capítulo KA, GUI e Y dão destaque aos fantasmas existentes na memória de Zana, KA fala:

Depois de tanto sofrimento ela começou a ver fantasmas, o fantasma do marido falando com ela, na verdade eu acho que ela queria mesmo era que ele tivesse ali com ela, por isso que a mente dela criava isso.

GUI acrescenta: “os fantasmas que ela na verdade criou na imaginação, ela também não quer contato com ninguém e viver na sujeira né”. O aluno Y completa o raciocínio quando diz: “o fato dela ter saído do canto dela, mesmo que esse canto fosse onde ela viveu um monte de sofrimentos, mais foi lá que ela viveu desde solteira né, acho que a saudade fez ela ver esses fantasmas.” Além da decadência da família juntamente com a sujeira e o abandono da casa. MA também fala sobre “cenas dolorosas” e diz: ah

professora, esse capítulo dá vontade de chorar, olha o finalzinho dele, Zana sofre demais”. A aluna também vê no final do capítulo um poço de carinho de Zana por Nael: “não sei se foi o sofrimento que fez ela chamar Nael de querido.”

Os capítulos onze e doze foram lidos na segunda aula. O décimo primeiro fala da morte de Zana e deixa uma dúvida se Yakub era ou não o pai de Nael, a aluna MA indagou a respeito: “eu acho que aqui tem uma pista que dá a entender que Yakub é o pai de Nael, por essa frase, vou ler o trecho que eu destaquei aqui:

Ele havia escrito uma carta para Zana, revelando que sentira muito a morte de Domingas, a única pessoa a quem confiara certos segredos, a única que não se separara dele durante a infância. Na vida dos dois havia coisas em comum que Zana teimou em ignorar. (HATOUM, p. 191)

O texto fornece pistas a serem seguidas, porém deixa espaços em aberto para mobilizar o imaginário dos leitores. A aluna recorre a uma dessas pistas e segue dizendo:

Acho que esse finalzinho quando ele fala que tem coisas em comum que a mãe dele não aceitou ver, mostra que ele era o pai e que ela passou a vida toda ignorando, até porque ela não aceitava o menino como neto, o que vocês acham?

Y deixa também uma dúvida no ar; “mais tem também o momento em que o doido do Omar estuprou Domingas né, pode ser que ele seja filho dele. O aluno abre outra possibilidade para a discussão a respeito da paternidade em questão.

O décimo segundo capítulo foi lido por um aluno e duas alunas, Y, L e KA, eles mesmos dividiram as partes que ficariam para cada um, guiaram também as discussões. L leu a primeira parte do capítulo e comentou sobre o

narrador, falou das perdas por ele sofridas: “Nael sofreu muito, nunca teve direito a nada, nem era reconhecido.” A aluna seguiu adiante comentando sobre a descrição física decadente de Omar e sua prisão: “fico imaginando a cena, Omar todo ensangüentado, magro, apanhando, dá até pena mais quando a gente pensa nas ruindades dele, sei não, vai passando”

O aluno Y segue a leitura em voz alta, passa a fazer comentários sobre o trecho lido do capítulo. Ele destaca a prisão de Omar, o “inferno” e a podridão da carceragem, além da revolta da irmã Rânia sobre a prisão do irmão e da vingança de Yakub: “na página 194 que a gente acabou de ler mostra as condições da cela onde Omar ficou, cheia de bichos que davam nojo e medo sem se falar dos insetos, um verdadeiro inferno.” Sobre o prazer ante a obra, o prazer dos sentidos e as percepções, Jauss (1979 p) diz:

Mas a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (*aisthesis*) e em um reconhecimento perceptivo (*anamnesis*): o expectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*).

Por fim a aluna KA faz a leitura dos parágrafos finais do capítulo como também abre as discussões. Nesse momento a suposta paternidade muda de irmão, alguns alunos passam a achar que o pai de Nael é Omar e pela própria condição de “irresponsável” do personagem ele simplesmente dá as costas a Nael e vai embora como sempre fez em tudo a vida toda.

Sobre a leitura e as diversas visões sobre o texto lido, Compagnon (2001 p), diz:

A leitura, como expectativa e modificação de expectativa, pelos encontros imprevistos ao longo do caminho, parece-se com uma viagem através do texto. O leitor, diz Izer, tem um ponto de vista móvel, errante, sobre o texto. O texto nunca está todo

simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças a sua memória, e estabelece um esquema de coerência cuja natureza e confiabilidade dependem de seu grau de atenção. Mas nunca tem uma visão total o itinerário.

As discussões se deram a respeito da paternidade gerada em torno do narrador Nael e dos supostos pai Omar e Yakub. O ato da leitura consistiu em preencher vazios, identificar as personagens, os acontecimentos e completar as lacunas da narrativa.

3.8 O processo de criação dos títulos

Vamos expor nesse tópico as participações dos alunos tanto nas leituras quanto nas discussões, dando ênfase a aspectos identificados de ordem temática. Conforme já expusemos, em comum acordo com a turma, por realizamos a leitura em voz alta para que houvesse maior participação e engajamento dos alunos. A pesquisadora tentou coordenar da maneira mais sutil as discussões, embora em muitos momentos foi chamada por esse ou aquele aluno.

O livro *Dois irmãos* não tem títulos em seus capítulos, a divisão se dá por números, sendo assim, solicitamos aos alunos que após a leitura dos capítulos propusessem subtítulos de acordo com o que eles observavam de mais significativo. Esses subtítulos foram escolhidos em sala de aula.

Conforme solicitamos eles intitularam os capítulos obedecendo à seguinte sequência:

- 1 “O retorno”;
- 2 “O enlace”;
- 3 “Os filhos”;

- 4 “A origem”;
- 5 “Comportamentos antípodos”;
- 6 “Vida desregrada”;
- 7 “Morte, sexo”;
- 8 “O sofá cinza”;
- 9 “Identidade e morte”;
- 10 “Fantasmas”;
- 11 “Morte e fuga”;
- 12 “O inferno, vingança é mais patética que o perdão”.

O processo de criação destes títulos foi bastante significativo, uma vez que mostrou o envolvimento dos leitores com a obra, através do debate das sugestões, da busca de consenso por um título significativo.

Esta atenção aos capítulos e suas discussões geraram esses títulos que por sua vez constituíram pequenas discussões denominadas “porquês”, as quais responderiam o motivo da escolha do subtítulo e em que ele dialoga com o leitor.

A escolha dos títulos após a leitura dos capítulos se deu da seguinte maneira: a aluna GB se dirigiu à lousa, iria recebendo opiniões dos colegas, eles ditavam vários temas presentes no capítulo e assim os de maior recorrência eram os escolhidos. Essas escolhas geravam pequenas conversas sobre o tema. Observamos que por parte dos alunos estabeleceu-se o processo de liberdade de pensamento, reflexão e decisão proporcionados através da leitura da obra. Na fala de Jauss (op cit, p. 60): “[...] a experiência estética não se distingue apenas do lado da sua produtividade, como criação

da sua liberdade, mas também do lado da sua receptividade como aceitação em liberdade.”

O capítulo 1, “O retorno”: gerou um pequeno debate sobre o fato do filho ter sido o “escolhido” para ir para longe da família na adolescência e ser “reverenciado” pela mãe no retorno. A aluna MA deixa uma pergunta aos colegas: “Por que a mãe vem chorando agora morrendo de amores pelo filho e por que ela não impediu o pai de mandar ele para o Líbano?”, o aluno Y diz: “Concordo, fica se fazendo de sofrida, quem mais sofreu foi o cara lá, longe de todo mundo mano, pra cima de mim não” (risos).

TH diz: “Professora, o nome “O retorno” ficou legal porque talvez ele vá se vingar daqueles que fizeram ele sofrer lá sozinho, tipo uma novela, o cara retorna pra se vingar.” (risos). GB fala: “Eu acho que não, mais vamos ver o que acontece, vai ficar o retorno mesmo?” A turma responde em conjunto “Vai”. Assim como o título do capítulo 1, surgiram perguntas e respostas aos demais capítulos.

O capítulo 2, “O enlace”, surgiu diante das observações proferidas pelos alunos: Y foi o primeiro a se pronunciar: “Zana era danadinha em professora, como quem não quer nada, comendo pelas beiradas decidiu tudo (risos), bote aí GB, enlace matrimonial (risos)”. MA rebateu:

Eu já acho que deve ser só enlace, porque dá a sensação que ele foi laçado, ela decidia tudo mesmo, olhe aí na página 41, diz assim: “Já havia decidido casar-se com Halim, mas tinha de morar em casa, nesta casa, e dormir no quarto dela. Fez a exigência (HATOUM, 2006, p. 41), e a mulher ainda diz que tinha que casar diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, é muita coisa, né matrimonial não é só enlace mesmo, o cara tá laçado (risos), vocês concordam turma?”

Todos responderam que sim.

O terceiro capítulo denominado pelos alunos de “Os filhos“, gerou um certo burburinho, pois alguns alunos queriam outro tema, TH disse: “Eu acho que esse terceiro capítulo deve se chamar enlutada, porque fala do sentimento de Zana pela morte do pai” “Não” falou MA, “Não tem nada a ver a gente tem que colocar o que mais chama a atenção” TH respondeu: “Foi o que mais chamou atenção pra mim, mais ta falando da tristeza dela pela morte do pai” C retrucou:, “Concordo com MA, essa parte aí não é a mais importante não” TH se irritou: “Ah, “não sei não, então digam aí” KA diz “Coloque gravidez” TH, sem aceitar respondeu: “Não, pelo amor de Deus”, MA diz: “Tá falando da gravidez e da parte que eles nascem minha gente, coloque aí GB o nascimento”, GB diz: “Vou botar Os filhos, não fica melhor gente? Pros filhos nascer tem que ter gravidez e de nascimento né não? Cês acham o que turma?” A turma concordou.

O quarto título foi decidido de maneira menos discutida, o aluno GUI disse: “Esse é simples, bem no início do capítulo tem uma parte legal quando a gente começa a ler chega é bonito, essa parte aí MA, da origem, MA pergunta: “Qual menino?”, GUI responde: “Essa aí da origem no primeiro parágrafo, leia aí, leia alto, leia alto” e a colega MA fez a leitura: “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens ... (HATOUM, p. 54), “Até aí, até aí” interrompeu GUI, “A origem, ou as origens, não fica legal?” A turma concordou e o aluno lançou um “éééé” em sinal de afirmativo e disse: “Eu sou foda, eita, desculpe aí professora (risos) eu sou demais né não? (risos). O título ficou “As origens”.

O tom de descontração dos alunos em sala de aula nos mostrou que eles estavam totalmente à vontade para fazerem suas interferências. Um

ambiente favorável a discussões, sem imposições ou castrações daquilo que queria ser dito.

No quinto capítulo os alunos TG e GUI pediram que a pesquisadora falasse um sinônimo para coisas contrárias. Mesmo sem querer interferir, mas diante da solicitação dos alunos a pesquisadora respondeu que antípodo seria essa palavra, eles solicitaram à colega GB para que ela escrevesse no quadro a palavra antípodas. GB perguntou: “Como é que se escreve isso?” A pesquisadora respondeu. A aluna GB pergunta para a turma: “E aí junto dessa palavra vai escrever o que?” TG respondeu: “Jeito”, GB responde: “Mais jeito fica muito feio com essa palavra, nam, combina não” L sugere: “Maneira de ser, né o jeito deles ser?” GB fala: “Nam, combina não, a gente sabe que o capítulo fala disso mais fica feio pra escrever minha gente, vamo pensar mais”

O termo usado pela aluna convidando os colegas a pensarem mais sobre o título nos dá a noção de que a turma está participando das atividades, que os alunos demonstram interesse na leitura do texto e nas discussões.

TG continua defendendo seu ponto de vista e fala: ainda acho melhor o meu jeito, fica bacana né professora?” A pesquisadora interferiu perguntando o motivo daquele tema, TG respondeu: “Né porque aqui a gente consegue ver bem direitinho o jeito como se comporta o doido e o jeito como se comporta o Yakub.” GUI completa: “Esse Omar é um doido mermo (risos)” MA acrescenta: Né doido não, ele só quer saber de farra (risos) conheço muita gente assim, enquanto uns trabalham e estudam tem gente que quer ter vida boa, por isso que ele é tão diferente do irmão, porque o irmão é responsável”, GB interfere: “Tá bom mulher, tá bom, então vai ficar jeito, maneira de ser, comportamento, vai ficar qual desses mermo?” MA responde: “Comportamento, esse aí que vc

falou GB dá mais certo, vocês concordam galera?A turma responde que sim. MA em tom de alívio diz: "Até que enfim. O quinto capítulo fica sendo "Comportamentos antípodos".

Os alunos fizeram menção ao comportamento que eles julgam ter o personagem Omar. "Doido" e "irresponsável" foram alguns dos adjetivos atribuídos, afetos e desafetos designados ao personagem. Podemos assim identificar uma das três características básicas da experiência estética, a qual segundo Jauss (1979, p. 81) corresponde "[...] liberta o expectador dos interesses práticos e das implicações do seu cotidiano, a fim de levá-lo, através de si no prazer do outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar."

O sexto capítulo por eles intitulado "Vida desregrada" foi escolhido quando a aluna MA disse:

Esse capítulo eu acho que deve ver a maneira desorientada como esse louco de Omar vive, acho que ele vive assim porque os pais nunca colocaram limite na vida dele, professora eu conheço uma pessoa sem limite, quase como ele, que também fez e ainda continua fazendo um monte de besteira e que a família passa a mão na cabeça do jeito que Zana faz, é imoral isso, mais voltando ao tema gente vocês concordam?

O aluno AR em tom de brincadeira diz: "Concorda com o que menina? Essa menina fala demais professora, ninguém sabe mais nem o que ela falou, qual foi o tema?" (risos) MA diz: "O sexto seu besta, GB escreva aí vida desregrada concordam?" A turma diz que sim. AR fala:

Depois de um discurso desse minha fia quem é que vai dizer que não (risos), mais eu concordo mermo porque é assim, quando os pais passa a mão na cabeça demais dos filhos parece que eles acham que é dono do mundo e que pode tudo, concordo MA, concordo, palmas pra ela" (risos)

A turma bate palmas. E o título fica: "Vida desregrada".

Ao citarem o comportamento de Omar e compará-lo à vida real, os alunos fizeram o que Jauss (p, 65) fala sobre a “dupla origem do prazer da imitação de Aristóteles”, o qual, segundo o autor “[...] pode derivar da admiração de uma técnica perfeita da imitação, mas também do regozijo ante o reconhecimento da imagem original do imitado.”

No capítulo de número sete o aluno Y foi incisivo ao levar o tema para a turma, disse:

Acho que o tema sete deve ser morte e sexo, morte por causa da morte do professor Antenor Laval que Omar era fã e sexo por causa do sexo de Rânia com o narrador.e a gonorréia que Omar pegou, porque ele não usava camisinha, é doido (risos)

AR disse: “esse capítulo era pra ser a morte, o sexo e o lascado (risos)

GB interfere: “menino, deixe de falar besteira, vamo falar sério”, MA fala: concordo com Y, o restante da turma concorda? A turma responde que não, a turma decide que o sétimo capítulo irá se chamar “Morte, sexo.”

O oitavo capítulo intitulado “O sofá cinza” se deu pela intervenção de TH que comentou:

Fiquei em dúvida de dois temas, um é o covarde e outro é o sofá cinzento, o que é que vocês acham, porque o covarde vai falar do jeito que Omar vive, ele se achava demais e na verdade ele era um grande covarde, pelas atitudes né e também acho que poderia ser sofá cinzento porque um monte de coisa se faz nesse sofá, o pai dele, se senta depois de dar a surra e acorrentar ele, e é nesse sofá que ele fuma aquele negócio dele, o que vocês acham?

MA acrescenta: é no sofá cinza que ele morre também, eu voto pelo sofá cinzento, melhor do que covarde, de Omar a gente já falou demais (risos)”.
AR diz: “tá dano muito cartaz pra esse cara aí (risos),

O nono capítulo gerou certo burburinho, MA fala: “até que enfim a gente consegue saber quem é o narrador, esse capítulo devia ser a revelação

do narrador” Y rebate: “não menina, fica sem noção, fica melhor a identidade revelada pelo narrador” L diz: vocês tão só falando da identidade que foi revelada e tão esquecendo da índia que morre”. MA diz: “eita é mesmo (risos) mais até agora a gente fica sem saber quem é a pessoa que ta contando a história, quando ele aparece não é o mais importante?”

L responde a colega: “eu sei que é importante, mais só vai falar dele e logo que a gente sabe quem ele é a mãe dele morre e a morte dela não é importante?, eu particularmente acho que a morte dela é importante”. MA diz: “então pode ser as duas coisas “Identidade e morte”, pode ser? A turma concordou que sim. Então o nono capítulo ficou sendo “Identidade e morte”

O décimo capítulo foi intitulado de “Fantasmas”, a aluna KA disse: “esse título dá certo porque essa mulher é uma pessoa que carregou tudo nas costas e via fantasmas das coisas que passaram por ela, o povo da família e as coisas da casa dela, vocês concordam? AR: a gente deve concordar né minha gente já que KA falou muito hoje (risos), KA responde: “deixa de ser besta bicho besta, por isso que não gosto de falar, esse menino se mete em tudo com essas besteiras” A pesquisadora teve que interferir um pouco em relação ao comportamento do aluno. GB pergunta para a turma: “vocês concordam com o que KA falou turma? A turma concordou.

Ao observarem o décimo primeiro capítulo, os alunos intitularam - no de “Morte e fuga” MA sugeriu que: “deve ser morte por causa da morte de Zana, acho que é uma das personagens principais do livro. Me corrija se eu estiver enganada professora.”

Y disse: “acho legal, mais acho que deveria ser fuga por causa das escapadas de Omar que também é um dos principais personagens do livro” TH

indaga: não sei se esses dois são os personagens principais, vejo tanta gente principal”. Sobre Omar, intitulado pela aluna como “principal”, temos o que Jauss (1979, p. 78) fala sobre o herói :

Já Freud diversas vezes descrevera o prazer estético pelo relacionamento do prazer no outro com o prazer de si. O paradigma com que Freud descreve a necessidade antropológica do herói, tanto nos devaneios cotidianos, quanto na literatura, explica o prazer estético da identificação pela função de alívio e proteção da distância estética e, ao mesmo tempo, por um interesse mais profundo pela atividade da fantasia.

Ao falar do gêmeo Omar como principal, o aluno o eleva ao status de herói, nesse sentido existe uma identificação maior que pode possibilitar ao leitor participar de experiências alheias as cotidianas.

GB para ajudar os colegas na escolha do título disse: “vamos então juntar os dois, a turma concorda? A turma concordou e partiram para o último capítulo do livro, o décimo segundo, o qual intitularam: “O inferno e a vingança é mais patética que o perdão”. L relatou sua impressão pelo capítulo:

Acho que Yakub consegue se vingar bem do irmão por isso acho que o título deve ser vingança, é massa, ele espera até o fim, mais se vinga” por isso que o povo fala de vingança como prato que come frio, GB, coloque aí no quadro minha indicação.

O aluno Y diz: “Eu já tenho uma idéia diferente de vingança, acho que ela é mais patética que o perdão, como diz aí no livro.” A aluna MA fala: ” você sabe o que é patética?” (risos) Y responde:

Eu sei, acho que é tipo mais sofrido, fica como se a frase fosse assim: tipo se vingar é mais sofrido e mais triste que o perdão porque perdoar né bom acho que é assim, entendeu MA?

A colega MA acrescenta:

Certo, entendi sim Y, mais também acho que a vida de Omar se transformou num inferno, por isso o título deveria ser inferno, o cara ser procurado pela polícia, sem ter pai nem mãe é um céu é? Isso é

um inferno, e grande, eu podia até ser procurada pela polícia, mais viver sem painho e mainha seria um inferno, acho que eu não agüento não, essa é minha opinião, o que vocês acham turma? Coloque aí GB

Assim chegaram ao consenso de que se chamaria: “O inferno e vingança é mais patética que o perdão.”

Alguns comentários mostravam as indignações provocadas pelo texto, questões de envolvimento emocional, de conhecimento de mundo que marcaram as suas considerações.

Através dessa prática os alunos leitores compreendam a consistência da obra e atribuam significados, alcançando o valor estilístico, social e histórico, pois conforme Cosson, (2006, p. 29)

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.

Importante pensarmos no desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre os temas presentes no texto como também dos fatores estruturais, onde o aluno leitor pode tornar-se dirigente da própria aprendizagem, definindo o seguimento do processo, atribuindo um permanente enriquecimento pessoal, social e cultural.

CONCLUSÃO

Podemos justificar a nossa motivação na realização desta pesquisa a partir da seguinte vertente: no trabalho com adolescentes de ensino médio de escolas públicas, nos incomodava a maneira como o texto literário era trabalhado em sala de aula, em especial, o romance. Isso suscitava algumas perguntas: de que modo esses jovens acolhem essas obras quando são trabalhadas em sua totalidade? Quais acepções são atribuídas a elas?

Tais indagações nos forneceram também reflexões de caráter metodológico sobre a trajetória que se deve seguir na utilização do romance em sala de aula. Procuramos apoio em alguns conceitos da estética da recepção, bem como em algumas teorias sobre pesquisa quantitativa.

Sabemos da importância desses seis encontros e das discussões vividas por esses alunos e o quão gratificante elas foram ao proporcionar um alargamento na visão de mundo deles. Nosso percurso metodológico buscou a valorização da participação do aluno, conduzindo-o a perceber que ele é uma das partes essenciais no processo de formação do leitor de textos literários.

Outro aspecto importante para a nossa experiência foi a maneira como os alunos se comportaram diante do texto, a maneira como eles viveram a obra. A interação texto x leitor foi satisfatória. Os alunos receberam o texto e participaram dele, foi reconhecida a importância do leitor literário na co-produção do significado durante o ato da leitura. Esta disposição nos mostrou que ler vai além da decodificação dos signos do sistema da língua, mas tem também a função de atribuir significados.

É a partir da maneira como o narrador tece a trama que o leitor é chamado pelo texto e para o texto. O diálogo estabelecido com o contexto

narrativo se dá à medida que o leitor se projeta no texto e constrói sentidos, até porque “[...] no processo de leitura se realiza a interação central entre estrutura da obra e seu receptor” (ISER, apud Jouve). A obra se realiza a partir da interação entre texto e leitor. A esse respeito a aluna MA comentou:

Quando o narrador não mostra logo sua identidade a gente fica com tanta curiosidade que não quer parar de ler o livro para saber quem é essa pessoa, ele fica dando pistas mais dá vontade de ir lá no fim do livro, outra coisa é a paternidade dele, quem é o pai? A maneira como ele fala a gente consegue quase que visualizar as cenas e as situações aí aumenta a curiosidade

Importante destacarmos que a maneira como a aluna realça a capacidade de envolvimento do narrador e seu modo de apresentar as cenas facilita esse envolvimento com o texto, a visão dos fatos, das personagens.

A empatia dos alunos/leitores com o narrador protagonista foi visível, Apenas uma aluna mostrou um certo descontentamento, porém continuou com as discussões. Os demais alunos a todo instante buscavam a identidade do narrador e tentavam descobrir quem seria seu verdadeiro pai.

Os alunos proferiram algumas expressões sobre o narrador como: MA2 “bixim, sofreu demais sem amor” , “deve ser horrível não saber quem é o pai”, “ele é do bem , sabe da vida de todo mundo e não destrata ninguém” (risos)

Acreditamos que esse modo de fazer leitura literária, através de uma autonomia participativa ajuda a responder as expectativas, sejam elas imediatas ou não, as experiências afetivas com o texto estão evidenciadas a todo momento deixando transcórrer o prazer estético no exercício da fruição:

Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, da reflexão, enfim, um tipo de

conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. (OCEM, 2006, p. 55)

A descrição feita pelo narrador chamou muito a atenção dos alunos, principalmente, nas cenas que revelavam o sexo, os aspectos físicos das personagens e o ambiente. Os elementos que prendem a atenção dos leitores estão para além do texto, as meninas e os meninos teceram comentários sobre as cenas de sexo sem pudor. O fato é que são cenas ímpares que demonstram o desejo carnal do casal Zana e Halim, da índia Domingas com Omar, de Omar com as tantas mulheres, de Rânia com os irmãos e de Nael com Rânia. Cenas que falam de sexo abertamente. Corroborando a constatação imagética de alguns desses momentos na narrativa o aluno Y acrescenta:

A gente praticamente vê a relação sexual dos dois, tanto Halin e Zana quanto dos outros personagens, veja aí na página 54 “era um demônio na cama e na rede [...] ali onde os poderes de Zana se desmanchavam de melopéia, de gozo e riso. “ Tem também a parte de Rânia com Nael é na página 206 “Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu braço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro.” (risos)

Além de chamar a atenção para a construção imagética do texto, o leitor consegue visualizar as ações das personagens como se estivesse presente.

As culturas distintas do texto chamaram a atenção por provocarem uma certa curiosidade no leitor, o papel da mulher chegou a ser questionado. Um dos vídeos que passamos antes de iniciarmos o trabalho com o livro e que falava um pouco sobre o papel da mulher na cultura libanesa mostrava mulheres submissas, no entanto o livro a todo instante apresentava Zana como uma mulher além dessa cultura de submissão. A todo instante ela determinava

tudo em casa, mandava no marido, na casa, na vontade da filha e de certo modo tentava coibir a vontade dos filhos. Esse foi um aspecto que chamou a atenção dos alunos, bem como os nomes das personagens, além da bebida arak, algumas comidas como pistache, tâmaras, amêndoas, que não fazem parte do nosso cardápio, além do narguilé utilizado pelos libaneses para fumar. A aluna L comentou “eu já vi em novela e em filme esse narguilé, dá vontade de usar, as frutas também, só em filmes e novelas.” (risos).

Os leitores tiveram uma autonomia no que diz respeito à leitura, as discussões. As interferências da professora pesquisadora foram mínimas. Alguns alunos a princípio declararam que “ler é muito chato, dá sono”, mas a turma mostrou um bom envolvimento.

Acreditamos que a fruição se deu de maneira agradável mediante alguns atrativos do texto; linguagem simples, a maneira envolvente do narrador, as temáticas presentes no romance.

A leitura de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, com alunos de 3º ano do ensino médio, presta-se ao propósito de confirmar o envolvimento do leitor com o texto e sua recepção, se proveitosa ou não, pois:

Uma obra literária lida provoca em nós diferentes tipos de estranhamento. Agrada, desagrada, escandaliza, deixa-nos perplexos, assustados ou dá-nos a sensação de que não entendemos muito bem aquele objeto estético que foi lido. (PINHEIRO, 2006, p. 116)

A recepção se manifesta de um jeito ou de outro. No dia em que entregamos os livros uma aluna perguntou se o livro poderia ser rabiscado, sublinhado. Respondemos que sim, no decorrer das leituras, observamos que algumas passagens ou expressões eram destacadas, talvez causassem certo estranhamento, inquietação.

O diário de leituras foi um instrumento metodológico de grande valia para a nossa pesquisa. Através dele pudemos constatar as impressões dos alunos sobre a obra, enfim, sobre a leitura que estavam desenvolvendo. Os alunos fizeram anotações sobre intertextualidade, personagens, selecionaram frases, anotaram números de páginas para facilitar a leitura dos trechos durante as discussões.

Consideramos que um dos grandes desafios para a leitura literária em sala de aula ou não é o enfrentamento do leitor com o livro no que diz respeito a sua extensão. O romance, principalmente, pois trata-se de um gênero razoavelmente extenso, como de fato o é, *Dois irmãos* perfaz um percurso de cento e noventa e oito páginas, na edição que dispusemos. Nesse ponto cabe à escola, promover momentos prazerosos de leitura. Apesar da extensão do romance, fazer uma leitura por capítulos como fizemos surtiu efeitos desejados. A interação por meio das leituras e discussões, a participação autônoma e dialogada foi válida. Nossa função foi criar condições e promover um encontro prazeroso entre leitor e texto. Observamos “[...] uma busca plena de sentidos para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.” (COSSON, 2006, p. 29)

Sabemos que a leitura alarga horizontes, abre portas e fornece subsídios para a descoberta de um universo cheio de boas opções e conhecido por poucos. A “chatice” adjetivada ao ato da leitura é resquício de uma prática distorcida e muitas vezes de leituras frustradas. A leitura literária sem dúvidas influencia na consciência cidadã, uma vez que através dela o cidadão torna-se cada vez mais crítico. Assim, “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a

escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” (COSSON, 2006, p. 20) embora essa não seja a nossa finalidade primeira.

Propomos na nossa pesquisa uma leitura democrática. Ao partilharem os conceitos, os pontos de vista, os alunos enriqueceram as interpretações, alargaram os horizontes sobre muitos aspectos, conseguiram preencher vazios presentes no texto. Os exercícios de leitura promoveram esses efeitos de libertação.

É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2007, p. 16)

Muitas vezes, a solidez dos discursos dos alunos nos norteia a respeito das melhores metodologias de leitura a serem aplicadas, o que isso nos dá a garantia de que estamos trilhando o caminho certo. Pudemos observar isso na escrita do aluno Y através do Diário de Leituras ao sintetizar a importância da leitura do romance *Dois Irmãos*:

O livro *Dois irmãos* nos deu uma forte emoção, a princípio viajamos a um lugar distante de onde estamos. As cenas fizeram com que a gente vivesse o que estava acontecendo, as vezes era como uma tela de cinema as personagens e suas ações e quando a gente ia lendo os capítulos. Cada capítulo com sua riqueza de imagens, seus temas, tudo amarradinho para a gente poder discutir depois da leitura na sala de aula. Nossa leitura se tornou boa, alegre, as discussões incríveis, aprendemos muito com as experiências do livro e as que os colegas passavam, como também passamos algum conhecimento.

Através de um depoimento como esse asseguramos que por meio da leitura literária podemos obter o amadurecimento das nossas ideias e nos certificamos que é possível despertar o desejo de ler nos alunos. Esse horizonte de expectativas que é preenchido pelas experiências postas à narrativa seja nas descrições das cenas, deixa clara a intenção do narrador em

envolver pela palavra. A estética da recepção por outro lado convida o leitor a seguir adiante na viagem da leitura, desvendando os mundos presentes no tecido textual. Mostramos que a experiência de leitura pode ser agradável e proveitosa no que concerne o despertar da sensibilidade para diversos temas, ao passo que alimenta o gosto pela leitura do texto literário, mesmo que este tenha uma extensão maior, como é o caso do romance. É possível desenvolver leituras em sala de aula com o texto integral enfatizando a discussão e o debate de temas relacionados ao texto. Para tanto, “[...] o reconhecimento e aceitação de que o conhecimento é uma construção coletiva, forjada sócio-interativamente na sala de aula” (BRASIL, 200, p. 74) e conceber as condições para que o aluno leitor participe de maneira ativa e autônoma.

Referências

ALBUQUERQUE, Gabriel. *Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum*. 2006. Online disponível em: http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2809.pdf acesso em: 08/06/2017.

ALVES, R.B. *Ciúme e crime, Crime e Loucura*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

ARAÚJO, Mirian Dantas de. “A formação de leitores juvenis”. In: Anais do Seminário A criança e a leitura, Nata, 8 a 11 de novembro de 1994/Organização Marly Amarilha – Natal, UFRN, 1995

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. *O discurso no romance*. In: Questões de estética e de literatura. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor*. Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental* – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens códigos e suas tecnologias*. Vol.1. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Revela, ano IV, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

BUENO, Ricardo. *Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização*. 1 ed., Quatro Projetos. Porto Alegre. 2012.

CANDIDO, Antonio. “A Literatura e a formação do homem”. In: *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: vol. 24, no 9, setembro 1972.

_____ “O direito à Literatura”. In: *Vários Escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARPEAUX, Otto Maria. Introdução , *História da Literatura Ocidental*, 2 ed., Rio de Janeiro, Alhambra, 1978.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito – As ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania. *Alguma Prosa: ensaios sobre a literatura brasileira contemporânea*. In:_____. (Orgs.)

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DORIN, E. *Dicionário de Psicologia; abrangendo terminologia de ciências correlatas*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

FERREIRA-SANTOS, E. *Ciúme o medo da perda*. 5 ed, São Paulo: Claridade, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados, 1982.

FREIRE. Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____ *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*. São Paulo. Cortêz, 1989.

FREUD, Sigmund. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*. In: Freud, S Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 18, 1989.

Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Livik Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende... (et al) Belo Horizonte: Editora UFMG: Representação da UNESCO no Brasil. 2003.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. In: “Um escritor na Biblioteca”. [Entrevista concedida a Flávio Stein]. *Jornal Cândido*. Nº 08 – Março 2012.

_____ In <http://miltonhatoum.com.br/bibliografia/a-historia-do-autor>. Site oficial do escritor.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

_____. *A Estética da Recepção: Colocações Gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p. 67-84.

_____. *O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p. 85-103.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução: Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002

KRUEGUER, Marcos Frederico. *O mito da origem em “Dois irmãos”*. Ensaio publicado no livro *Arquitetura da Memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na república velha*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1982.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática. 2002.

LEAHY-DIOS, C. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. LINGUAGENS, códigos e suas tecnológicas. Brasília: Ministério da Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o Ensino Médio, v.1)

LOIS, LENA. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACHADO. Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. na escola. São Paulo: Martins Fonte.

MACHADO. Ana Raquel (1998). *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento*

MALARD, Letícia. *Ficção e história na narrativa contemporânea brasileira*. In: _____. *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARTINS, Nereida Soares. *A maldição das filhas de Eva: uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura*. Universidade Federal da Paraíba. 2008. Online disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF acesso em: 07/06/2017

MOISÉS, Leila Perrone. http://www.miltonhatoum.com.br/wpcontent/uploads/2011/03doisirmãos_acidadeflutuante_jornalderesenas.jpg São Paulo, 12 de agosto de 2000.

MOLINA, O. *Quem engana quem? Professor x livro didático*. 2. ed Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1988.

MOREIRA, Herivelto. E CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria de Ensino Médio. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias*. João Pessoa: [s.n], 2006. VII. P 19-97.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida et. al. (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Sousa – São Paulo: Ed. 43, 2008.

PIASSI, L. P. C. *Contatos: A ficção científica no ensino de ciências em um contexto sócio cultural*. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2007.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3 ed. Ver e ampl. Campina Grande; Bagagem, 2007

ROSSETO, Robson. *A estética da recepção: o horizonte de expectativas para a formação do aluno espectador*. [http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/1-EncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/10RobsonRosseto](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/1-EncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/10RobsonRosseto.PDF). PDF acesso em 24/06/2017.

SILVA, Maria Analice Pereira da. *O romance Dois Irmãos no ensino médio e no vestibular: uma discussão teórico-metodológica*. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*. São Paulo: Cortez Editora.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIEIRA, Noemi Campos Freitas. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum* / Noemi Campos Freitas Vieira. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2007.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ANEXOS

Principais livros que li

O BAMBOTE, CAJITA AABA, LUNA, ACHASIAS, COSTURAS DE
BAAS, CUAS, CEBOLITA, O FUNDOS DE SOFA, ASSASSINATO DO
ESTRANHO BRINDE, BILHETE FEALDO, AULOS E DEANOROS, CIDADADE DOS
OSSOS, ENTRE OUTRAS OBRAS.

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja
afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

TALVEZ NAO SEJA ESTRANHEZA MAS SIM UM TIPO DE CUIDADEL.
DADO, DOS OS LIVROS DE PLATA E MEMORIAS DA VIDA
CAJITA, ESSA ESTRANHEZA TEO BATO DE SER EXTRAORDINATE
EM BATAICO.

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

NÃO.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

-) diariamente
-) semanalmente
-) quando me disponho a ler
-) nunca
-) outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

"O HURDO DE SOBRIA" (SEXTANTE) FIVAL DE 2015

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Sim. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE ANAS CURBAS.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- diariamente
 semanalmente
 quando me disponho a ler
 nunca
 outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

foi a 4 Semanas (livro) -> não está aqui por acaso, mais atualmente faço leituras textuais.

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Sim, Romeu e Julieta, Primeiro Amor...

Principais livros que li

A Esperança, a culpa e das estrelas,
a porta de shaver... entre outros.

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Sim, (primeiro amor) 2.º e outros...

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

As vezes, pequise mais internet. deu mais
interesse em livros na biblioteca.

Em que situações mais utiliza a biblioteca nas atividades de leitura?

Principais livros que li

A moedinha, Memórias de Argemiro Benkelcy, a presença,
memórias postumais de Paulo Guará

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Senão de felicidade de nascimento de Marcelo. O texto me fez
crescer por fazenda de repente pela minha memória como
lugar de felicidade.

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Não, pois na maioria das vezes não vou pela internet
ou comprar livros.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- diariamente
- semanalmente
- quando me disponho a ler
- nunca
- outra opção Mensalmente

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

Presença de Aracê de Tanny, Inês de nós de
Amé

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Serena de José de Alencar.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- diariamente
- semanalmente
- quando me disponho a ler
- nunca
- outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

Padre Marcelo, o amor polêmico

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Não

Principais livros que li

Padre Marcelo

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Sim, mais não lembro o nome do texto e a ocasião foi em casa, quando eu estava muito triste.

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Não

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- () diariamente
- () semanalmente
- () quando me disponho a ler
- () nunca
- () outra opção

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

meu livro de história

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Simplesmente não dá para ler

Principais livros que li

Clube dos Overalls
e três amigos

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Sim

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Sim, algumas vezes

Principais livros que li

Diário de um Bamana a colônia guineense compo-
ta a saga de Ousmane Sembène, Kélifon, Lu-
neta e em parte da geladeira.

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Sim, foi um livro de vida e foi na igreja

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Não

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- diariamente
- semanalmente
- quando me disponho a ler
- nunca
- outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

Uma recentemente não li nenhum livro

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Sim, já. Ponta da Seladina.

Principais livros que li

O diário de um bandido (seleção), A culpa é das mulheres e a trilogia seguinte tem.

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Sim, a culpa é das mulheres. Foi um momento difícil, mas o livro é muito reflexivo.

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Algumas vezes, mas sem muita frequência.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

) diariamente

) semanalmente

) quando me disponho a ler

) nunca

) outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

cinquenta dias da liberdade 02-05-16

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Sim Gabriela de Jorge Amado.

Com que frequência faz a leitura desses textos?

- diariamente
- semanalmente
- quando me disponho a ler
- nunca
- outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

Grande Sertão de São João

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

Sim

Com que frequência faz a leitura desses textos?

() diariamente

() semanalmente

(x) quando me disponho a ler

() nunca

() outra opção _____

Qual foi a sua leitura mais recente e quando aconteceu?

"Bewonderde ik mijn spijtelijke entree aan de Pan." - 1 mei

Você já leu algum romance? Se sim, qual?

"Cinquenta dias de cinza"

Principais livros que li

Heráclito; Diágoras; Heráclito; O que realmente importa;
Guardião dos segredos.

Algum texto já te emocionou ou causou estranheza? Caso a resposta seja afirmativa, diga qual o nome do texto. Qual foi a ocasião?

Estava no 7º mês e por em uma situação
qualquer. O livro era paradidático.

Você costuma ir à biblioteca? Se sim, qual a frequência.

Sim. Todos os dias.

Transcrição

Conversa informal em sala de aula – dia que fui me apresentar e falar sobre a experiência

Pesquisadora: Bom dia gente, me chamo Noara, sou aluna do mestrado da Universidade Federal de Campina Grande e estou aqui para fazer uma pesquisa com vocês. Nessa pesquisa vamos trabalhar um romance, o livro é de um autor amazonense chamado Milton Hatoum, o nome do livro é Dois irmãos, é esse aqui, tem uns temas bem interessantes. Já conversei com a direção, com a professora e eles concordaram. Vamos ter 6 encontros. Até pensei em fazer nas aulas do projeto que vocês tem a tarde, mais fiquei sabendo que por enquanto estão suspensas por falta de verbas para a merenda, então vamos fazer nas aulas da manhã mesmo. A turma de vocês foi escolhida por atender aos requisitos que a gente imaginou para a experiência, é algo bem tranquilo, tem alguma pergunta a ser feita?

Aluna: Aqui, aqui. Bom dia, as meninas aqui tão querendo saber se a gente vai trabalhar redação porque a gente ta pedindo pra professora trabalhar a redação por causa do ENEM

Pesquisadora: Como você se chama?

Aluna: TH

Pesquisadora: Olha TH, nós não iremos trabalhar diretamente com produção de textos, mas nós sabemos que a partir da leitura de textos, no nosso caso, o romance e a partir das interpretações que o texto nos fornece temos uma visão mais ampla de vários temas, o romance que eu trago pra vocês ele vem com uma variedade boa de temas, acredito que vocês vão gostar, acredito que nossos encontros serão proveitosos, pelo menos é o que espero.

Aluno: posso falar?, é porque a gente ta preocupado com a redação, a gente ta bem focado e já falou com a professora pra trabalhar textos para ajudar nessa parte porque a nota da redação ela vai ajudar muito pro ENEM.

Pesquisadora: eu entendo, eu entendo, vamos pra frente né gente, é o que falei pra vocês, o texto que estou trazendo pra vocês tem vários temas que fazem com que a gente reflita, sei que vamos ter boas discussões e isso com certeza vai ajudar na redação de vocês.

Turma: a turma faz um burburinho

Pesquisadora: eu trouxe um questionário pra vocês responderem, nada de difícil, são perguntas simples, vou entregar por fila, vocês respondem, vou dar um tempinho, certo?

Turma: a turma faz um burburinho, recebem o questionário e começam a respondê-lo.

Pesquisadora: recebe os questionários e agradece. Enfim, agradeço desde já a turma, tenho certeza que nossos encontros serão valiosos e até a semana que vem então.

Turma: A turma se despede

Pesquisadora: Bom dia gente

Turma: Bom dia

Pesquisadora: Bem gente, conforme conversamos semana passada hoje vamos dar início a nossa pesquisa propriamente dita, vamos conversar um pouquinho sobre os questionários que vocês responderam, pode ser?

Turma: pode (alguns burburinhos)

Pesquisadora: pelo que puder perceber algumas pessoas aqui leram livros bastante interessantes, leram alguns clássicos, até o Mundo de Sofia, um livro que fala da filosofia, muito bom.

MA: (risos) eu li mesmo, mais acho que leio pouco, podia até ler mais, agora que o ENEM ta chegando aí é que a gente vê isso.

TH: tu que estuda aqui e faz cursinho diz isso, imagine a gente, lá no seu cursinho eles pede os livros? Indica, indica MA?

MA: lá eles indicam sim, professora lá no GEO a gente tem três professores, um pra literatura, uma professora pra gramática e um professor para redação, eles indicam os livros e tem um material muito bom.

Pesquisadora: Que bom, vi que teve gente aqui que falou que lê horóscopo.

Turma: a turma sorri e faz um certo burburinho

GB: (risos) fui eu professora, falei sim, eu gosto de ler horóscopo sim, já comprei até revista, mais agora eu vejo pela internet, até aqui na escola, só que as vezes já leio a semana toda, ah gente eu gosto pra saber do futuro.

Pesquisadora: E essa sua leitura sobre o futuro dá certo ou não?

GB: as vezes dá, as vezes não

Pesquisadora: Alguém respondeu que não gosta de ler

GA: eita professora precisava dizer, na real gosto mesmo não, a pessoa começa a ler aí chega zap, tem filme, tem jogo, aí já era, depois sai pra zoar, na real gosto não.

Pesquisadora: Mais não falei quem foi a pessoa, você quem se pronunciou (risos) Mais Ir é to bom, você conhece tanta coisa, porque você não chama seus colegas quando saem pra zoar para lerem um livro juntos, vocês podem até discutir os assuntos

GA: (risos) é doido é, vão é tirar onda comigo, nam

Pesquisadora: percebi que Cinquenta tons de cinza foi o livro mais lido pela turma, vocês discutiam o livro em sala de aula, alguém indicou pra alguém?

GB: eu li porque TB ficou falando do livro e do filme, inclusive eu li até o livro dele não foi TB

Pesquisadora: gente, agora vamos mudar um pouquinho de assunto, vamos fazer assim, eu vou colocar no quadro alguns temas e a gente vai opinando, conversando sobre eles, pode ser? Vamos, o que vocês acham sobre esse tema aqui, irmãos gêmeos?, alguém aqui é gêmeo?

GB: aqui ninguém é gêmeo não, mais aqui tem gente que tem irmã gêmea, fala aí L

L: eu tenho

H: eu tenho amigas, são muito parecidas

Pesquisadora: é verdade que os gêmeos tem uma conexão muito forte entre eles?

L: professora, lá em casa quando uma adocece as vezes a outra sente, tem umas coisas assim, elas gosta da mesma roupa, a comida também, mais tem hora que nem parece que são irmã, quanto mais gêmea.

Pesquisadora: tem alguém que quer falar alguma coisa a mais sobre gêmeos? Vocês conhecem a obra Esaú e Jacó?

Y: não li não, é de Machado de Assis né? Só ouvi falar mais nunca li, é sobre o que?

Pesquisadora: conta a história de gêmeos que não conseguem se entender, que tem ideologias diferentes e que para completar tem uma mulher que é apaixonada por eles, vocês devem ler, acredito que vão gostar, como o colega de vocês falou o autor é de Machado de Assis. Ah, o personagens não se chamam Esaú e Jacó não, se chamam Pedro e Paulo

Y: oxe e por que o livro tem esse nome?

Pesquisadora: Por causa do livro de Gênesis da Bíblia.

GB: eu acho lindo, se pudesse escolher na gravidez eu acho que eu queria ter gêmeos

L: (risos) pronto, agora pronto

Pesquisadora: tem alguém que quer comentar alguma curiosidade sobre gêmeos?

MA: acho que já passou uma reportagem sobre o que um sente o outro sente, mais não me lembro como foi, os detalhes.

Pesquisadora: ok gente, vamos aqui pro quadro então, o tema agora é amizade fraternal ou amizade entre irmãos

GB: acho muito importante a gente ser unido com os irmãos, é a família da gente, a gente deve valorizar o povo de casa, tem gente que fala mais com os amigos do que com a família, acho que amigo de verdade é o povo de casa que ajuda nas tristezas e fica alegre quando a gente se dá bem, algumas pessoas de fora se fazem de amigas e tem é inveja quando a gente consegue alguma coisa boa, tipo até com uma nota boa na escola

MA: concordo algumas coisas com você GB, mais tem amigos que as vezes não são de sangue que é mais do que um da família, que a gente pode contar também, e tem uns da família que só Jesus, não tá nem aí.

GB: bem é o que eu penso

MA: eu sei, mais eu mesma tenho uma amiga que é mais que uma irmã, eu confio muito nela e sei que ela também confia em mim, a gente as vezes vai falar uma coisa a outra já ta pensando.

Turma: a turma faz um burburinho

Pesquisadora: tem mais alguém que quer falar sobre o tema? Então vamos falar agora um pouquinho sobre sexualidade, incesto, paternidade oculta.

GB: professora eu não to entendendo muito sobre tipo incesto e esse último, a senhora pode explicar?

Pesquisadora: sim, incesto é quando existe uma relação digamos sexual entre membros da mesma família em primeiro grau e a paternidade oculta você vai falar sobre os pais que não reconhecem os filhos como sendo seus.

GB: ahhh, esse de incesto é complicado de falar, Deus me livre, o outro também. Tenho nojo de homem que faz essas coisas, queria ver se fosse com a mãe ou a irmã deles.

Y: sou um homem e sei que é muito bom fazer sexo (risos), mais a gente sabe que tem que se prevenir de doenças e pra não ter filho, as consequencias são complicadas, minha mãe sempre fala nisso que não é só ter filho, que tem que estudar e se formar primeiro, as coisas estão muito caras, eu mesmo só quero ter filho depois de me formar e ter meu carro e meu apartamento.

GB: e se acontecer?

Y: aí lascou tudo, a pessoa vai ter que trabalhar né pra sustentar, mais pra que existe camisinha minha filha? (risos)

AR: anraaa é melhor não esquecer a camisinha mesmo.

Turma: risos

Pesquisadora: gente, gente isso é um assunto sério, mais vamos para a próxima: diversidade social e cultural, vamos primeiro falar sobre a diversidade

social, o que vocês acham das diferenças financeiras, melhor dizendo diferenças entre ricos e pobres?

Y: ah, sobre isso a gente tem muito o que falar, a crise tá grande, aquele velho ditado, o pobre mais pobre e o rico mais rico. As coisas parece que não muda. A gente vê todo dia no jornal, sobe os preços de tudo.

AR: o que meu amigo, o pneu da minha bicicleta rasgou a cama de ar, fui trocar, pense num negócio caro, mão de obra caro, tudo caro, imagine se for ter filho em Y (risos)

Y: nam

MA: professora, mais é isso que os menino falaram, as coisas estão muito caras mesmo, quando a gente vai no supermercado é que a gente vê, e roupa e tudo, concordo com os meninos, o dinheiro não tem valor e o pobre é quem mais sofre com essas coisas.

Pesquisadora: ok, e sobre a diversidade cultural, o que vocês conhecem sobre as culturas libanesa e brasileira, em especial a amazônica?

MA: acredito que a maioria da turma conhece o que passa na televisão e o que a gente vê nas revistas, me corrijam se eu estiver errada gente

Y: é isso mermo, muita coisa a gente conhece pela televisão, a gente nunca foi nesses lugares, eu não mermo num conheço ninguém desses lugares não

Pesquisadora: Mais vocês não podem comentar nada sobre essas culturas?

MA: é aquilo que eu falei professora, só conheço o que já vi pela televisão, mais sei que da cultura libanesa ela é muito forte nas comida e tem também a questão das guerras né, da Amazônia tem as belezas da natureza, os animais e que tem alguns em extinção, ah, tem os rios e os índios.

Pesquisadora: bem gente, sobre as nossas conversas informais, pequenas discussões encerramos por aqui, agora vamos nos dirigir para a sala de vídeo onde passarei para vocês três vídeos, não são vídeos extensos, são vídeos curtos que falam um pouco sobre essas duas culturas, a libanesa e a brasileira, voltada para a amazônica, certo? à medida que eu for passando os vídeos nós vamos conversando um pouco, pode ser, gente, pode ser assim, vocês concordam?

Turma: alguns falaram: concorda, outros sim

Durante a execução do primeiro vídeo os alunos falavam frases como: “que lugar bonito” ou “olhe as roupas dos homens”,

L: interessante essa história dos imigrantes libaneses no Brasil, eu não sabia que eles eram tão bons nessa questão do comércio, bacana, por isso que é um povo rico (risos) tudo em São Paulo

MA: tem aquele Habib's né professora que vende quibe e esfirra, que é árabe, de comida árabe, daqueles mundo lá, eu gosto, já comi, já comesse GB?

GB: ai eu gosto, gosto mais da esfirra, parece uma pizza pequena né?

Pesquisadora: é, o Habib's é de comida árabe, muito bem

Y: eu não sabia que essas pessoas tinham criado a escrita, outra coisa eles vieram pro Brasil fugindo da guerra né, aí fala a Segunda Guerra

Pesquisadora: agora vamos para o segundo vídeo, talvez alguém aqui já deve ter assistido esse vídeo, passou no Fantástico. Melhor vocês assistirem então.

GB: professora, é lá que as mulheres cobrem o corpo todo com aquelas roupas pretas, só fica os olhos, Deus me livre, imagine nos aqui no Brasil vindo assistir aula com uma roupa dessa, eita (risos) indo pra Beberico's assim em (risos)

Pesquisadora: complicado

MA: "Mulher não tem vez aí, Deus me livre de morar num país desse

TH: é revoltante esses homens acreditarem que são melhores que nós mulheres, ai, isso me revolta, somos todos iguais, quando a gente morre vira a mesma coisa.

Y: sou homem mais achei nojento essa história do homem se achar dono da mulher e bater, professora, sou contra violência, e o pior a mulher ainda é presa se for denunciar o homem, que polícia é essa, que lei é essa, né isso gente?

Turma: a turma bate palmas pro colega: é isso , é isso, êêêê

AR: esse cara é bom (risos)

Y: professora sempre passa na televisão falando sobre as guerras, as bomba, os terrorista daquela região né? Muitas crianças morrem, muita gente inocente, sinceramente é um país que eu não queria nem visitar, quanto mais morar, por isso que muita gente vive fugindo

Pesquisadora: verdade, tem muita violência, mais vamos amenizar agora com um vídeo sobre a Amazônia

L: Manaus é linda, quem dera ter dinheiro pra curtir umas férias aí

AR: só achei feio esse caldinho aí, só melhorou quando colocaram os camarão (risos) mais a cidade é bonita, os bichos, os prédios, foi bacana, foi bacana professora. (risos)

MA: AR deixa de ser besta, mais professora a gente sabe que o Brasil é muito bonito, só que não tem muita divulgação e as coisas são muito caras pra viajar, pros turistas, a gente vê aqui em João Pessoa mesmo, as coisas são muito caras lá na praia, assim fica complicado viajar.

Pesquisadora: e aí gente, gostaram dos vídeos? Agora eu quero que vocês conheçam um pouquinho sobre o autor do livro que vamos trabalhar, (houve a apresentação dos slides). Agora tenho uma coisa para vocês, trouxe os livros, o nosso objeto de leitura, de trabalho. GB, você pode me ajudar na entrega dos livros?

GB: posso, humm professora, novinhos

MA: Nossa, um livro novinho ainda com plástico, êbaaaa

H: Ai como é bom, um cheirinho de livro novo

MA: Professora, é novo mais a gente pode sublinhar?

GB: É da gente ou a gente tem que devolver?

Pesquisadora: pode sim, só peço a vocês que façam com lápis e nunca com caneta, nem coloquem o nome de vocês não porque depois vocês irão me devolver

H: e comprou só pra trabalhar com a gente foi?

Pesquisadora: (risos) foi

Y: Ainda bem que não vai ter que sentar de dois

Pesquisadora: não gosta de trabalhar em grupo?

Y: né isso não, é porque é ruim fazer leitura em dupla

Pesquisadora: gente vamos iniciar a leitura em voz alta, peço que a leitura seja compartilhada, pode ser?

MA: eu começo

Pesquisadora: Ok, então vamos lá

L: professora também quero ler, pode ser?

Pesquisadora: a leitura vai ser feita só dessa primeira parte porque o nosso tempo é curto, faça assim, divida com MA a leitura desse trecho e vamos começar

As alunas dividiram o trecho a ser lido e fizeram a leitura em voz alta

Pesquisadora: obrigada meninas pela leitura. Turma quero ver a impressão, essa primeira impressão que vocês tiveram ao ter esse primeiro contato com o texto

MA: eu percebi que a autor fala bem direitinho de como é o local da cena, o bairro, as ruas, o cheiro, ele é bem detalhista, a gente consegue imaginar sendo assim como é a cena

L: além disso tem também a tristeza sobre a morte da mulher, dessa Zana, acho que ela era alguém importante, não sei, a gente só vai saber depois (risos), mais a morte dela foi triste porque ela tava triste e parece que não tinha notícias dos filhos, é o que a gente vai saber ainda.

TH: professora quem é que ta contando a história?

MA: a pessoa não se apresentou, é homem ou é mulher, não deu pra saber?

Pesquisadora: olha, isso eu não posso falar, vocês terão que ler e descobrir, a leitura de um livro é como você assistir um bom filme de suspense, a gente ao deve contar certos segredos, senão perde a graça não é verdade?

Turma: fez um burburinho

Pesquisadora: como nossa aula se encerrou por hoje, vamos deixar para o nosso próximo encontro os capítulos 1 e 2 para serem lidos em casa, vocês fazem a leitura, separam os trechos que considerarem mais relevantes, fazem os comentários no diário de leitura e trazem para a sala de aula para fazermos as discussões, pode ser, dá certo assim?

Turma: dá, sim

2º encontro

Pesquisadora: Bom dia gente

Turma: bom dia

Pesquisadora: bem, hoje vamos conversar sobre os capítulos 1 e 2 conforme acordamos na última aula certo?

Y: achei interessante o livro e a curiosidade fez que eu lesse logo (risos), professora, não agüentei, enquanto não descobri o que queria não parei.

Pesquisadora: menino, pelo amor de Deus não revele as curiosidades aos seus colegas não, deixe que eles descubram o que querem descobrir por eles mesmos, certo?

Y: fique fria, não falo não, descubram galera (risos)

Pesquisadora: gente como os capítulos são divididos por números vamos após a leitura ver quais são os pontos mais fortes e vamos dar um título para eles, agora eu preciso da colaboração e da participação de todos, pode ser?

GB: como professora?

Pesquisadora: o que você considerar mais forte mais relevante no texto você dá um nome, a gente coloca no quadro, faz uma votação e esse fica sendo o nome do capítulo

GB, legal , legal, gostei, posso escrever no quadro as palavras escolhidas?

Pesquisadora: pode sim

MA: por que a mãe vem chorando agora morrendo de amores pelo filho e por que ela não impediu o pai de mandar ele para o Líbano?

L: Essa mãe ainda fica falando em saudade do filho e dizendo “Meu querido, meus olhos, minha vida”, chorando e não fez nada professora pra ele não viajar.

Y: concordo , fica se fazendo de sofrida, quem mais sofreu foi o cara lá, longe de todo mundo mano, pra cima de mim não” (risos).

AR: vai ver que ela se arrependeu, ela foi atrás do filho com saudade e arrependida

GUI: as vezes a gente faz as coisas no momento do desespero e depois se arrepende, vai ver que foi isso, acho que ela não é uma mãe ruim, sei lá, pode ser isso

MA: sei lá digo eu, se eu tivesse dois filhos eu não ia deixar um ir e o outro ficar, mãe que é mãe não escolhe.

TH: professora, o nome “o retorno” ficou legal porque talvez ele vá se vingar daqueles que fizeram ele sofrer lá sozinho, tipo uma novela, o cara retorna pra se vingar (risos)

GB: Eu acho que não, mais vamos ver o que acontece, vai ficar o retorno mesmo?

Turma: Vai

Pesquisadora: certo gente, muito bem, gostei da maneira como vocês se comportaram, estão de parabéns, agora vamos conversar um pouco sobre o capítulo 2.

Y: Zana era danadinha em professora, como quem não quer nada, comendo pelas beiradas decidiu tudo (risos), bote aí GB, enlace matrimonial (risos)

TH: tem uma coisa que não to entendendo, como é que as mulheres libanesas sofrem preconceito e são repreendidas e aí Zana era bem pra frente, quase oferecida e quando casou não saía do quarto com o marido?

MA: gostei dessa parte do texto aí que ele fala que a pessoa tem que ser pra frente se quiser conquistar alguém

TH: aonde?

MA: a paciência é poderosa, mas o coração de um tímido não conquista ninguém (HATOUM, op. cit. 38), “vou até anotar, achei massa essa frase, isso é verdade mesmo, a outra pessoa tem que saber da nossa intenção. A gente viu no vídeo que as mulheres daquela região lá são bem sofridas, que os homens fazem o que querem e o que não querem com elas, mais aqui no livro Zana é quem manda e desmanda no marido, não entendi essa parte, é por causa do sexo? (risos) só pode ser (risos)

AR: é como aquela música de Anita, aquela meiga e abusada

Turma: a turma canta um trecho da música

Eu, posso conquistar tudo que eu quero
Mas, foi tão fácil pra te controlar
Com, jeito de menina brincalhona
A fórmula perfeita pra poder te comandar
Eu, posso conquistar tudo que eu quero
Mas, foi tão fácil pra te controlar
Com, jeito de menina brincalhona
A fórmula perfeita pra poder te comandar

Pensou, que eu fosse cair mesmo nesse papo?
Que, tá solteiro e agora quer parar
Eu, finjo, vou fazendo meu teatro
E te faço, de palhaço, pra te dominar

Tá fazendo tudo que eu mando
Achando que logo vai me ter

Mas no fundo eu só tô brincando com você

Poderosa, eu sou quase um anjo
Hipnose, já ganhei você
Nesse jogo vamos ver quem é que vai vencer

Toda produzida,
Te deixo quente
Meiga e abusada faço você se perder
E quem foi que disse que eu estava apaixonada por você?
Eu só quero saber

Linda e perfumada,
Na tua mente
Faz o que quiser comigo na imaginação
Homem do teu tipo eu uso, mas se chega lá eu digo não

Turma: risos e palmas

MA: Minha Nossa Senhora, só você mesmo (risos) eu já acho que deve ser só enlace, porque dá a sensação que ele foi laçado, ela decidia tudo mesmo, olhe aí na página 41, diz assim: Já havia decidido casar-se com Halim, mas tinha de morar em casa, nesta casa, e dormir no quarto dela. Fez a exigência (HATOUM, 2006, p. 41), e a mulher ainda diz que tinha que casar diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, é muita coisa, né matrimonial não é só enlace mesmo, o cara tá laçado (risos), vocês concordam turma?

Turma: concorda, sim

Pesquisadora: Então concluímos assim o nome para os dois primeiros capítulos 1 fica o retorno mesmo e 2 fica O enlace certo?

Turma: certo

Pesquisadora: ok gente, com isso vamos para o terceiro e o quarto capítulos na próxima aula, agradeço a participação de vocês hoje e até a semana que vem.

Turma: despede-se (burburinhos)

3º encontro

Pesquisadora: bom dia gente

Turma: bom dia

Pesquisadora: hoje nós temos dois capítulos um pouco extensos, o que foi que eu pensei, dá pra todo mundo fazer a leitura em voz alta, bom porque dá pra todos participarem, todos fazem a leitura depois de cada parágrafo lido nós fazemos as considerações.

MA: posso dar uma sugestão?

Pesquisadora: claro que sim

MA: a gente pode fazer a leitura assim, todos lendo, mais nem todos os parágrafos são bons pra gente ficar falando

Pesquisadora: vamos fazer assim, vocês vão fazendo a leitura partilhada, quando julgar necessário para pra fazer os comentários

MA: acho que eu ficaria assim se perdesse ou meu pai ou minha mãe, amo os dois, Zana meio que perdeu o chão pelo que pude perceber, acho que eu perderia também.

Y: é complicado a gente julgar quem tá certo e quem tá errado, ele não queria porque queria a mulher só pra ele, ela queria porque se sentia só, fica difícil

TH: meu amigo mais nesse caso que você falou a gente vê como ele sendo um egoísta, porque na verdade quando a gente casa é pra fazer uma família né e família é pai, mãe e filho

Y: nem sempre, nem sempre, tem casal que não pode ou não quer ter filho, tem casal gay” (risos)

AR: anraaa, agora cê pegou pesado (risos) mais é isso, tem os gay.

MA: achei o fim quando ele diz aí essa parte na página 49 que: um filho é um desmancha-prazer (HATOUM op. cit. 49) não concordo com ele, acho que um filho é uma coisa boa, mais o bom é que Zana nem tava aí pras coisas dele e ainda determinou quantos queria, mulher tem que ser assim, mais na realidade é assim, mulher sempre sonha com a maternidade e homem na maioria das vezes não pensa, só pensa em outras coisas” (risos)

Pesquisadora: gente, e o tema, o que vamos colocar no quadro?

TH: eu acho que esse terceiro capítulo deve se chamar enlutada, porque fala do sentimento de Zana pela morte do pai

MA: não tem nada a ver a gente tem que colocar o que mais chama a atenção

TH: foi o que mais chamou atenção pra mim, mais ta falando da tristeza dela pela morte do pai

C: concordo com MA, essa parte aí não é a mais importante não

TH: ah, “não sei não, então digam aí

C: coloque gravidez

TH: não, pelo amor de Deus

MA: ta falando da gravidez e da parte que eles nascem minha gente, coloque aí GB o nascimento

GB: vou botar Os filhos, não fica melhor gente? Pros filhos nascer tem que ter gravidez e de nascimento né não? Cês acham o que turma?

Turma concorda, sim

Pesquisadora: então o título do terceiro capítulo será Os filhos? Ok. Vamos partir para o quarto capítulo seguindo essa mesma metodologia, todos conseguem participar assim

C: gente, vocês já descobriram que é o narrador ou narradora dessa história?

MA: professora quem é essa pessoa pelo amor de Deus, me diga, só a mim!”
(risos)

Pesquisadora: calma gente, calma, vamos fazer a leitura observando passo a passo

C: uma das coisas que facilita pra gente é a forma como o lugar é mostrado, o escritor dá um bocadinho de detalhe

MA: a tristeza de Domingas, não consegui descobrir o motivo porque ela estava tão triste, não sei se é porque ela tinha umas lembranças do orfanato e por isso ficava triste, mais quando o escritor fala dela a gente sente um pouco de pena, é como se ela fosse uma daquelas pessoas que nasce pra sofrer, tem gente que é assim

AR: Domingas era uma daquelas indinhas que passou no vídeo” (risos)

H: também acho, tem gente que nasce pra sofrer, às vezes a gente vê nas novelas e acha que é só ficção, mais na realidade tem mesmo, a empregada da casa do meu avô, ela foi mãe solteira porque o namorado não quis assumir o menino, tinha que trabalhar pra poder sustentar o menino, o pai dela é quem ficava com o filho porque ela já não tinha mãe, daí o menino um dia sofreu um choque e morreu, o pai dela de tanta saudade do menino adoeceu e em menos de um ano morreu, resultado, ela ficou só, uma dessa é quase como Domingas, nasceu pra sofrer. No caso do livro perdeu o pai e o irmão, foi morar num orfanato e depois adotada por uma família que não tinha ela como parte da família e ainda teve um filho sem pai, né uma desgraça, enquanto que tem gente que tem muita sorte e as vezes é gente ruim que tem sorte

AR: esses nomes são meio estranhos né não? A gente fica até com vergonha de falar, de falar errado, mais professora nem podia ser João nem José né porque num é brasileiro, tinha que ser assim mesmo, eles significam alguma coisa? Meu nome é (pronunciou) e eu sei o significado do meu nome, eles tem significado também? olhe gente, eu sei que vocês sempre falam do meu jeito mais tenho que dizer uma coisa, né só eu que olho pras mulher nem só sou eu que falo do corpo delas, aqui também fala das pernas, do corpo das belezas das mulheres viu e a descrição do corpo das mulheres, além de palavras como ‘puta’ e ‘tarado’

Turma: (risos)

Y: Essa mulher se mete na vida de todo mundo, manda no marido, na vida da filha, do filho, tô ficando com abuso dela

Pesquisadora: E para o nome do capítulo, o que devemos colocar?

GUI: esse é simples, bem no início do capítulo tem uma parte legal quando a gente começa a ler chega é bonito, essa parte aí MA

MA: qual menino?

GUI: essa aí da origem no primeiro parágrafo, leia aí, leia alto, leia alto

A colega fez a leitura

GUI: até aí, até aí, a origem, ou as origens, não fica legal?

Turma: concordo, sim

GUI: éééé”, eu sou foda, eita, desculpe aí professora (risos) eu sou demais né não?

Quarto encontro

Pesquisadora: Bom dia, eita que já estamos bem adiantados não é turma? Quinto e sexto capítulos, tudo de bom (risos) vamos seguindo nossa metodologia, vamos fazendo as leituras, sempre em voz alta, leitura partilhada pra todos participarem, muito bem, vamos lá.

MA: Omar era aquela pessoa que queria saber de aventuras, bem no começo do capítulo a gente já vê isso, vou ler: ‘na vida de Omar aconteciam lances incríveis, ou ele os deixava acontecer, como quem recebe de mão cheia um lance de aventura’ (HATOUM, op.cit, 83) e tem também falando um pouco de Yakub, pra ele eu destaquei: ‘um homem que não se deixa expor, revestido de uma armadura sólida’ (HATOUM, op. cit), acho que dá pra ver essas diferenças aí né? Mais tem família que é assim, as vezes a gente até diz filho do mesmo pai e da mesma mãe e tem umas coisas tão diferentes, se eu tiver errada me corrija

Pesquisadora: realmente as pessoas são diferentes, cada ser humano é ímpar.

MA: lembrei agora de Ruth e Raquel, da novela Mulheres de Areia professora, elas eram assim como eles, uma era bem direita e outra era sacana, Yakub o direito e Omar o sacana

Turma falando de Omar: não deu pra nada (sem identificação do emissor)

P: nunca vi isso na minha vida, a gente fica curioso, acho que essas coisas só quem come é rico, deve ser bem caro, também aqui na Paraíba nem deve ter, deve vim de São Paulo, Rio de Janeiro, desses lugar assim.

Y: tem nada, tem não, aqui as vezes não tem nem as coisas da Paraíba, quanto mais de outro país. É massa esse negócio de fumar, passa de um pro outro, já vi na televisão, mais aqui em João Pessoa nunca vi, alguém já viu?

Turma: não

Y: passou no vídeo que a gente viu o povo fumando

GUI: todas essas comidas brasileiras também não tem aqui na Paraíba, vocês falaram das coisas do Líbano, mais as brasileiras a gente também nem vê nem

come aqui em João Pessoa, banha de cacau a gente vê no protetor de lábio, mais que a gente não consome aqui.

MA: essa moça não era muito querida pela sogra não né, ela nunca ia na casa da sogra, só mandava coisas para o sogro, eu em, se a mãe do meu namorado me tratasse assim, Deus me livre, mais também não ia mandar nada pro pai dele não (risos)

MA: não suporto a maneira como essa mãe age com esses filhos, com Yakub manda pra uma aldeia no Líbano, o pobre sofre e quando ele volta ela fica chamando de meu amor, quando ele consegue vencer na vida ela fica chamando meu filho cheia de orgulho, mais entre os dois dá pra perceber que ela gosta mesmo é de Omar, de Yakub é como se ela só gostasse dele por causa das coisas que ele conseguiu, já Omar é como se fosse uma obsessão, sei lá, é um ciúme doentio, na verdade ela não queria os filhos com nenhuma mulher, odeia a mulher do filho

Pesquisadora: gente, vamos escolher o tema do capítulo?

TG: professora fale í uma palavra que seja a mesma coisa de diferente

GUI: é, que tenha o significado de diferente, a gente ta aqui sem dicionário

Pesquisadora: pode ser oposto, contrário, antípodo

GUI: GB escreva aí essa última palavra que a professora falou

GB: como é que se escreve isso?

GB: e aí junto dessa palavra vai escrever o que?

TG: jeito

GB: mais jeito fica muito feio com essa palavra, nam, combina não

L: maneira de ser, né o jeito deles ser?

GB: nam, combina não, a gente sabe que o capítulo fala disso mais fica feio pra escrever minha gente, vamo pensar mais

TG: ainda acho melhor o meu, jeito, fica bacana né professora?

Pesquisadora: não sei, vocês estão querendo chegar até onde afinal?

TG: né porque aqui a gente consegue ver bem direitinho o jeito como se comporta o doido e o jeito como se comporta o Yakub

GUI: esse Omar é um doido mermo (risos)

MA: né doido não, ele só quer saber de farra (risos) conheço muita gente assim, enquanto uns trabalham e estudam tem gente que quer ter vida boa, por isso que ele é tão diferente do irmão, porque o irmão é responsável

GB: ta bom mulher, ta bom, então vai ficar jeito, maneira de ser , comportamento, vai ficar qual desses mermo?

MA: comportamento, esse aí que vc falou GB dá mais certo, vocês concordam galera?

Turma: concorda, sim

Pesquisadora: sexto capítulo agora:

MA: Professora, essa parte do livro é a mais chata, o capítulo seis só confirma a fama negativa de Omar

GUI: esse cara é um doido, só quer viver de farra, só faz bosta, desculpe aí professora pela palavra, mais é o que a gente vê, esse sexto capítulo é o mais chato de tudin que a gente leu, porque o tempo todo a mãe fica indo atrás desse cara, o chato desse livro é que as pessoas dão importância demais a uma pessoa que não ta nem aí pra elas, nesse ponto aí fica cansativo.

Pesquisadora: e sobre o tema, o que vocês tem pra falar?

MA:esse capítulo eu acho que deve ver a maneira desorientada como esse louco de Omar vive, acho que ele vive assim porque os pais nunca colocaram limite na vida dele, professora eu conheço uma pessoa sem limite, quase como ele, que também fez e ainda continua fazendo um monte de besteira e que a família passa a mão na cabeça do jeito que Zana faz, é imoral isso, mais voltando ao tema gente vcs concordam?

AR: concorda com o que menina? Essa menina fala demais professora, ninguém sabe mais nem o que ela falou, qual foi o tema? (risos)

MA: o sexto seu besta, GB escreva aí vida desregrada concordam?"

AR: depois de um discurso desse minha fia quem é que vai dizer que não (risos), mais eu concordo mermo porque é assim, quando os pais passa a mão na cabeça demais dos filhos parece que eles acham que é dono do mundo e que pode tudo, concordo MA, concordo, palmas pra ela" (risos)

Quinto encontro

Bom dia pessoal, como passaram a semana? Estamos praticamente encerrando nosso livro, semana que vem teremos nosso último encontro. O que temos pra hoje são os capítulos sete e oito.

TH: professora, eu quero falar com a senhora

Pesquisadora: pois não Th, diga aí

TH: professora eu resolvi que não vou mais ler esse livro, não estou mais afim, to achando ele meio chato, to sem vontade de ler, olhe, to devolvendo o livro

Pesquisadora: veja, nós já estamos praticamente no final do livro, como falei agora a pouco, próxima semana nós já teremos nosso último encontro, são poucas páginas.

TH: não, eu não quero, eu eu já decidi

Pesquisadora: OK, tudo bem, não vou forçar você a fazer uma coisa que não quer, se não tem mais interesse, não posso fazer nada, fica a seu critério e sua vontade. É uma pena, porque estamos no finalzinho.

TH: eu ainda posso falar sobre algum tema, mais não quero mais ler

Pesquisadora: ok gente, voltando para o sétimo capítulo

MA: o capítulo sete vai falar de morte

MA2 percebi isso

L: eu também

CA: eu vi nesse capítulo que a morte do professor é muito sofrida

MA2: eu e CA tava lendo aqui e pensando numa coisa, até agora o narrador não aparece, mais ele começou a falar mais dele, ele falava mais da vida dos outros, falava mais do que acontecia né CA com a vida dos outros concordam meninas, vocês concordam?

CA: é, ele agora fala mais do que tá acontecendo com a vida dele, aí na página 155 tem essa parte que ele fala dele com Rânia, ele fala dele

MA: realmente ele usa muito palavras que falam nele como eu, meu meus

L: A morte de Halim, essa foi uma cena muito triste, fico imaginando a mulher chega chamando e o cara não responde, quando ela ilumina bem o rosto dele vê que ele na verdade tá morto, nossa, eu que não queria tá no lugar dela

Pesquisadora: agora vamos para o sétimo título, o que vocês tem a dizer?

Y: acho que o tema sete deve ser morte e sexo, morte por causa da morte do professor Antenor Laval que Omar era fã e sexo por causa do sexo de Rânia com o narrador. e a gonorréia que Omar pegou, porque ele não usava camisinha, é doido (risos)

AR: esse capítulo era pra ser a morte, o sexo e o lascado (risos)

GB: menino, deixe de falar besteira, vamo falar sério

MA: concordo com Y, o restante da turma concorda?

Turma: concorda, sim

Pesquisadora: Nós agora vamos para o oitavo capítulo do livro, vamos seguir a mesma metodologia, fazendo as leituras em voz alta e fazendo as intervenções quando julgar necessário.

L: Halim que veio para o Brasil por causa da guerra, eu acho, tipo aqueles homens do vídeo, do primeiro vídeo, ele morre no sofá, esse sofá tem história, acho que ele era o lugar mais confortável para Halim e para Omar

P: Zana ela queria de todo jeito ver os irmãos amigos nera gente? eu concordo com meus colegas com esse jeito sem noção de Omar, esse cara é um babaca, or causa dele a mãe vive sofrendo, ele vive fazendo raiva ao irmão e dando desgosto ao pai, já fez todo tipo de ruindade, a pobre da mãe querendo a todo custo que eles fiquem de bem, que cara babaca.”

MA: Professora, não consegui descobrir ainda quem é o narrador nem sei quem é o pai do narrador

MA2: acho que todo mundo aqui concorda comigo, eles na verdade não faziam questão em fazer as pazes até porque Yakub já tinha sofrido muito com as ruindades do irmãos, ele se tivesse que resolver mesmo era como diz na página 171, aí na carta que ele escreveu para a mãe dele, ta eu gostei dessa resposta, (alguns alunos começam a falar ao mesmo tempo concordando com a colega) silêncio aí que eu vou ler: ... se houver violência, será uma cena bíblica. Professora, a gente chegou a conclusão que essa cena bíblica é a morte de Cain e Abel, então seria resolvido com uma morte.

Pesquisadora: Sobre os temas, quais vocês irão colocar?

TH: eu não estou mais lendo o livro, mais escutei agora as leituras , pelo que eu ouvi eu posso dar minha opinião?

Pesquisadora: pode sim, você não leu o livro, mas ouviu a leitura dele, então pode se manifestar sim

TH: fiquei em dúvida de dois temas , um é o covarde e outro é o sofá cinzento, o que é que vocês acham, porque o covarde vai falar do jeito que Omar vive, ele se achava demais e na verdade ele era um grande covarde, pelas atitudes né e também acho que poderia ser sofá cinzento porque um monte de coisa se faz nesse sofá, o pai dele, se senta depois de dar a surra e acorrentar ele, e é nesse sofá que ele fuma aquele negócio dele, o que vocês acham?”

MA: é no sofá cinza que ele morre também, eu voto pelo sofá cinzento, melhor do que covarde, de Omar a gente já falou demais (risos)

AR: tá dano muito cartaz pra esse cara aí (risos)

Pesquisadora: gente, por hoje nós encerramos nosso quinto capítulo, agradeço mais uma vez a todos que participaram e agora é esperar pelo nosso último capítulo semana que vem.

Sexto encontro

Pesquisadora: Bom dia , eita hoje nosso último encontro, já estou com saudades de vocês, já adianto que hoje algumas angústias vão cair por terra (risos), então vamos lá, vamos partir para nossa leitura partilhada e em voz alta.

MA: até que enfim professora ficamos sabendo a identidade do narrador

TH: posso falar?

Pesquisadora: pode sim

TH: acho uma baita de uma sacanagem o cara engravidar a moça e não assumir o filho, acho ridículo também essa história de chamar a mulher que cuidou só do filho e que foi abandonada de mãe solteira, até porque ninguém chama a outra mãe de mãe casada, isso é um preconceito, a mulher tem é que colocar na justiça, aqui mesmo na escola tem caso de aluna que engravidou e foi abandonada.

AR: por isso que eu digo que o bom é usar camisinha

TH: menino ninguém tá falando nisso não, acho que homem que é homem tem que assumir o que faz, ele né obrigado a ficar com a mãe da menina, mais tem que assumir a criança

MA: nesse caso aqui do livro, o pai não assumiu a paternidade, o avô é que fez a vez que seria do pai, que foi lá e deu um nome a criança, na verdade ele não sabe nem quem é o pai

Pesquisadora: e sobre os temas?

MA: como falei antes até que enfim a gente consegue saber quem é o narrador, esse capítulo devia ser a revelação do narrador”

Y: não menina, fica sem noção, fica melhor a identidade revelada pelo narrador

L: vocês tão só falando da identidade que foi revelada e tão esquecendo da índia que morre

MA: eita é mesmo (risos) mais até agora a gente fica sem saber quem é a pessoa que ta contando a história, quando ele aparece não é o mais importante?

L: eu sei que é importante, mais só vai falar dele e logo que a gente sabe quem ele é a mãe dele morre e a morte dela não é importante?, eu particularmente acho que a morte dela é importante

MA: então pode ser as duas coisas identidade e morte, pode ser?

Turma: a turma concordou

Pesquisadora: Chegamos no décimo capítulo, gente, o que vocês tem a dizer? Vamos as leituras e aos comentários

C: depois de tanto sofrimento ela começou a ver fantasmas, o fantasma do marido falando com ela, na verdade eu acho que ela queria mesmo era que ele tivesse ali com ela, por isso que a mente dela criava isso.

P: os fantasmas que ela na verdade criou na imaginação, ela também não quer contato com ninguém e viver na sujeira né

Y: o fato dela ter saído do canto dela, mesmo que esse canto fosse onde ela viveu um monte de sofrimentos, mais foi lá que ela viveu desde solteira né, acho que a saudade fez ela ver esses fantasmas

MA: ah professora, esse capítulo dá vontade de chorar, olha o finalzinho dele, Zana sofre demais. Não sei se foi o sofrimento que fez ela chamar Nael de querido

Pesquisadora: e sobre o tema do capítulo, o que vocês acham que dá certo?

C: esse título dá certo porque essa mulher é uma pessoa que carregou tudo nas costas e via fantasmas das coisas que passaram por ela, o povo da família e as coisas da casa dela, vocês concordam

AR: a gente deve concordar né minha gente já que C falou muito hoje (risos)

C: deixa de ser besta bicho besta, por isso que não gosto de falar, esse menino se mete em tudo com essas besteiras

Pesquisadora: gente, vamos parar com a brincadeira, isso é sério

GB: vocês concordam com o que C falou turma?

Pesquisadora, agora vamos para o décimo primeiro capítulo e o décimo segundo, são capítulos pequenos e de fácil interpretação.

MA: deve ser morte por causa da morte de Zana, acho que é uma das personagens principais do livro, me corrija se eu estiver enganada professora

Y: acho legal, mais acho que deveria ser fuga por causa das escapadas de Omar que também é um dos principais personagens do livro” TH indaga: não sei se esses dois são os personagens principais, vejo tanta gente principal

GB: vamo então juntar os dois, a turma concorda?

Turma: a turma concorda

Pesquisadora e para encerrarmos, o último capítulo

L: Nael sofreu muito, nunca teve direito a nada, nem era reconhecido

L: fico imaginando a cena, Omar todo ensangüentado, magro, apanhando, dá até pena mais quando a gente pensa nas ruindades dele, sei não, vai passando

Y: na página 194 que a gente acabou de ler mostra as condições da cela onde Omar ficou, cheia de bichos que davam nojo e medo se se falar dos insetos, um verdadeiro inferno.

L: acho que Yakub consegue se vingar bem do irmão por isso acho que o título deve ser vingança, é massa, ele espera até o fim, mais se vinga” por isso que o povo fala de vingança como prato que come frio”

Y: eu já tenho uma idéia diferente de vingança, acho que ela é mais patética que o perdão, como diz aí no livro

MA: você sabe o que é patética?” (risos)

Y: eu sei, acho que é tipo mais sofrido, fica como se a frase fosse assim: tipo se vingar é mais sofrido e mais triste que o perdão porque perdoar né bom, acho que é assim, entendeu MA?

MA: certo, entendi sim Y, mais também acho que a vida de Omar se transformou num inferno, por isso o título deveria ser inferno, o cara ser procurado pela polícia, sem ter pai nem mãe é um céu é? Isso é um inferno, e grande, eu podia até ser procurada pela polícia, mais viver sem pai e mãe seria um inferno, acho que eu não agüento não, essa é minha opinião, o que vocês acham turma? Coloque aí GB





